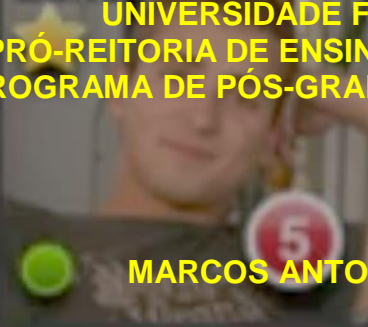


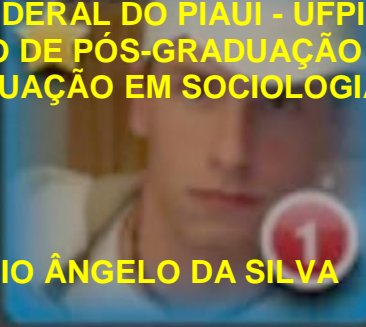
Justin



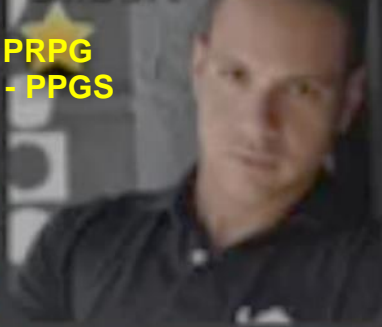
Lance



David



Gilbert



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS

MARCOS ANTONIO ÂNGELO DA SILVA

Kyle



Jeremy



David



John



HOMENS GAYS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: produções de sentidos
a partir do perfil de usuários do Grindr em Teresina-Piauí.

Eric



Adam



Franco



Gennaro



Felipe



Dale



Chris



Watt



Clive



Leo



Rodrigo



Anthony



TERESINA - PIAUÍ
2022

MARCOS ANTONIO ÂNGELO DA SILVA

HOMENS GAYS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: produções de sentidos
a partir do perfil de usuários do Grindr em Teresina-Piauí.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof^o. Dr. Francisco, de Oliveira Barros Júnior.

**TERESINA - PIAUÍ
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processos Técnicos

S586h Silva, Marcos Antonio Ângelo da.
Homens gays em processo de envelhecimento : produções de sentidos a partir do perfil de usuários do Grindr em Teresina-Piauí / Marcos Antonio Ângelo da Silva. -- 2022.
123 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Teresina, 2022.

“Orientador: Prof. Dr. Francisco de Oliveira Barros Júnior.”

1. Homossexualidade masculina – Envelhecimento – Sociabilidades. 2. Internet. 3. *Grindr*. I. Barros Júnior, Francisco de Oliveira. II. Título.

CDD 306.766 2

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

Ao meu pai (*in memoriam*) e a minha pequena Maria Thereza.

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo à força maior do universo que, para mim, neste momento abrange as energias da natureza, os astros e vibrações positivas que me envolvem e possibilitaram chegar até aqui. Agradeço infinitamente a minha filha, Maria Thereza, que durante toda essa caminhada esteve comigo, assistindo às aulas, participando dos eventos, não me abandonando um dia sequer durante toda a minha trajetória na pós-graduação, me dando força e coragem para lutar e continuar mesmo nos momentos difíceis.

Gostaria de agradecer a toda minha família, em especial a minha mãe, meus irmãos, minhas sobrinhas e sobrinhos que sempre acreditaram nos meus sonhos e nunca duvidaram da minha capacidade de realizá-los. Aos meus compadres Jamil Leite, Luiziane Esperança e Nelson Andrade que sempre me incentivaram e encorajaram a buscar por mais conhecimento e continuam a apostar no meu sucesso.

O ambiente acadêmico sempre me presenteou com amizades especiais, pessoas com as quais tenho uma relação e sintonia ímpar, por isso não poderia deixar de agradecer pela amizade e companheirismo de sempre ao meu eterno bando que, desde a graduação, me acompanham. Obrigado por sempre estarem comigo, Cinthia Passos, Daniela Fontenele, Hosiene Teodósio e Kamilla Costa. O mestrado me surpreendeu com três presentes incríveis, pessoas maravilhosas e companheiras das jornadas acadêmicas que levarei para a vida, não poderia deixar de agradecer aos queridos amigos que fiz, os quais insisto em dizer que foram os presentes dados pelo mestrado: Alessandra Leite, João Marcelo Brasileiro e Yuri Santos. Também não poderia deixar de agradecer aos queridos Tomé Solundo, Laíza Paulino e Maria Palloma pelo companheirismo, pelas conversas e trocas durante esse período.

Agradeço ainda ao PPGS por me receber de braços abertos e por ter proporcionado momentos únicos, aprendizados e conhecimentos excelentes durante o curso. Ao secretário do programa, Érico Valadares, pela sua inestimável disposição de sempre, muito obrigado. Ao meu orientador Francisco Barros de Oliveira Júnior, por acreditar no meu potencial, pelos ensinamentos, paciência e orientações sempre tão pertinentes. Aos queridos professores, Gabriel Eidelwein Silveira, Maria Rosângela de Sousa e Maria Sueli Rodrigues de Sousa. Pelos conhecimentos e compartilhamentos ao longo das disciplinas ministradas.

Quando se viu pela primeira vez
Na tela escura de seu celular
Saiu de cena para poder entrar
E aliviar a sua timidez
Vestiu um ego que não satisfaz
Dramatizou o view da rotina
Como fosse dádiva divina
Queria só um pouco de atenção
Mas encontrou a própria solidão
Ela era só uma menina
Abrir os olhos não lhe satisfaz
Entrou no escuro de seu celular
Correu para o espelho para se maquiar
Pintou de dor a sua palidez
E confiou sua primeira vez
No rastro de um pai que não via
Nem a própria mãe compreendia
O passatempo de prazeres vãos
Viu toda graça escapar das mãos
E voltou para casa tão vazia
Amanheceu tão logo se desfez
Se abriu nos olhos de um celular
Aliviou a tela ao entrar
Tirou de cena toda a timidez
Alimentou as redes de nudez
Fantasiou o brio da rotina
Fez de sua pele sua sina

Se estilhaçou em cacos virtuais
Nas aparências todos tão iguais
Singularidades em ruínas
Entrou no escuro de sua palidez
Estilhaçou seu corpo celular
Saiu de cena para se aliviar
Vestiu o drama uma última vez
Se liquidou em sua liquidez
Viralizou no cio da ruína
Ela era só uma menina
Ninguém notou a sua depressão
Seguiu o bando a deslizar a mão
Para assegurar uma curtida.

Música: Desconstrução

Composição: Tiago Iorc

RESUMO

A expansão da tecnologia alcançou proporções inimagináveis tanto para seus usuários como para seus criadores; o algoritmo domina nossas vidas e dita as regras de sociabilidade nos campos online e off-line. Assim, esta pesquisa apresenta a trama atual que esboça a sociedade digital em que vivemos, entrelaçando e (re)desenhando conceitos, experiências e vivências de homens gays que utilizam plataformas digitais na busca por amor, amizade e sexo, sejam eles virtuais ou reais. Diante de tal cenário, precisamos refletir sobre os limites e vantagens que as tecnologias causam em nossas vidas e, para isso, vislumbramos como objetivo geral desta pesquisa: analisar os sentidos atribuídos pelos interlocutores quanto ao processo de envelhecimento que os atravessam quando da utilização de ferramentas digitais na busca por parceiros; e como específicos, compreender como se constrói o entendimento e noção de envelhecimento por parte dos interlocutores, considerando os diferentes fatores que envolvem a construção do conceito de envelhecer no contexto virtual; analisar as dinâmicas e configurações de poder envolvidas nas interações sociais realizadas virtualmente no Grindr; e identificar os principais aspectos que contribuem para o entendimento do que é ser gay nas plataformas digitais e quais implicações essas performances geram nas interações online e off-line. O presente trabalho propõe discussões que envolvem, neste sentido, reflexões sobre as relações de poder envolvidas nas interações virtuais, as configurações atuais sobre o entendimento e sentido dos processos de envelhecimento neste mundo tão veloz, onde o efêmero e o líquido são condições para se estar atualizado, e ainda sobre sexualidade dentro das plataformas virtuais, tão cheias de exigências e requisitos para se conseguir alguém, mesmo que para apenas uma conversa ou amizade virtual. Para compreendermos as questões aqui levantadas utilizo-me do pensamento de nomes como Bauman (2007/2011), Foucault (1987/1988), Goldenberg (2014), Miskolci (2017), Sibilia (2008), e outros que dão suporte na construção dos fios que emaranham esta rede que buscamos decifrar. O campo de pesquisa é o Grindr, onde criei um perfil público e aberto com o intuito de selecionar os possíveis participantes da pesquisa, no *chat* do próprio aplicativo desenvolvi conversas com usuários do app onde foram expostas angústias, frustrações e expectativas relacionadas à utilização dele. O Grindr como ferramenta tecnológica de sociabilidade proporciona uma maior possibilidade de interação entre sujeitos de diferentes culturas, regiões e diferentes condições, para além destas facilidades, oportuniza ainda a disseminação de práticas preconceituosas, recriando no ambiente virtual situações enfrentadas por muitos homens gays na sua vida real. Assim, os sentidos construídos por estes indivíduos sobre seus processos de envelhecimento não me permitem concluir de forma precisa quais aspectos e similitudes envolvem a construção do que é envelhecer no contexto virtual, pois cada indivíduo tem um processo específico que o envolve e faz viver experiências únicas sobre envelhecimento, poder, sexualidade e o uso de mídias digitais que podem por vezes ter um sentido próprio para o sujeito e não atingir com a mesma sensibilidade outro indivíduo. É inapropriado, portanto, que se conclua com base em uma única pesquisa um processo que todo dia tem novas variáveis, envolve outras categorias e abrange uma infinidade de situações, experiências e vivências tão singulares e íntimas.

Palavras-chave: Processos de Envelhecimento. Gay. Sociabilidades. *Grindr*. Internet.

ABSTRACT

The expansion of technology has reached unimaginable proportions for both its users and its creators, the algorithm dominates our lives and dictates the rules of sociability in the online and offline fields. Thus, this research presents the current plot that outlines the digital society we live in, intertwining and (re)designing concepts, experiences and experiences of gay men who use digital platforms in the search for love, friendship and sex, whether virtual or real. Faced with such a scenario, we need to reflect on the limits and advantages that technologies cause in our lives, thus we envision the general objective of this research: to analyze the meaning attributed by the interlocutors regarding the aging process that crosses them when using digital tools in search for partners; and as specific, to understand how the understanding and notion of aging by the interlocutors is built, considering the different factors that involve the construction of the concept of aging in the virtual context; analyze the dynamics and configurations of power involved in social interactions carried out virtually on Grindr; and identify the main aspects that contribute to the understanding of what it is to be gay on digital platforms and what implications these performances generate in online and offline interactions. The present work proposes discussions that involve, in this sense, reflections on the power relations involved in virtual interactions, current configurations on the understanding and meaning of aging processes in this fast-moving world, where the ephemeral and the liquid are conditions to be updated, and also about sexuality within virtual platforms, so full of demands and requirements to get someone, even for just a conversation or virtual friendship. To understand the issues raised here, I use the thought of names such as Bauman, Foucault, Goldenberg, Guidens, Miskolci, Sibilia and others that support the construction of the threads that entangle this network that we seek to decipher. The research field is Grindr, where I created a public and open profile in order to select possible research participants, in the chat of the application itself I developed conversations with users of the application where anguish, frustration and expectations were exposed when using the same. Grindr as a technological sociability tool provides a greater possibility of interaction between subjects from different cultures, regions and different conditions, in addition to these facilities, it also provides opportunities for the dissemination of prejudiced practices, recreating in the virtual environment situations faced by many gay men in their lives real. Thus, the meaning attributed in this context to the aging processes by its users, crosses the current configurations of our time, giving totally adverse notions to those that take into account only the chronological age, as different aspects corroborate this understanding in the virtual world.

Keywords: Aging Processes. Gay. Sociabilities. Relations. Internet.

LISTA DE SIGLAS

CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuado (e outras minorias sexuais e de gênero).
OMS	Organização Mundial de Saúde.
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
STF	Superior Tribunal Federal.
UFPI	Universidade Federal do Piauí.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - IDAS E VINDAS DE UMA BICHA EM CONSTANTE (RE) CONSTRUÇÃO.....	0
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NA	
CONSTRUÇÃO DESTA REDE.....	18
CAPÍTULO 1.....	29
REDES E CONEXÕES QUE ME FIZERAM CHEGAR ATÉ AQUI.....	29
1.1 ENTRELAÇANDO AS TEIAS QUE DÃO VIDA À REDE VIRTUAL	29
1.2 O <i>GRINDR</i> COMO FERRAMENTA DE SOCIABILIDADE	33
CAPÍTULO 2.....	40
O MUNDO DIGITAL E AS “NOVAS” FORMAS DE SE RELACIONAR: A REDE COMO ESPAÇO DE	
CRIAÇÃO DE LAÇOS	40
2.1 RELAÇÕES MEDIADAS POR FERRAMENTAS TECNO-COMUNICACIONAIS	40
2.2 TRAMAS VIRTUAIS: DE QUE FORMA O PODER ENVOLVE ESTES SUJEITOS	52
CAPÍTULO 3.....	63
QUE COMECE A CAÇADA: INCURSÕES SOCIAIS SOBRE O USO DO GRINDR POR HOMENS	
GAYS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO	63
3.1 O QUE É “NOVO” E O QUE É VELHO NAS RELAÇÕES GAYS MEDIADAS POR TECNOLOGIAS.....	63
3.2 ENTRELAÇANDO FATOS PARA CONSTRUIR UM SENTIDO SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECER	73
CAPÍTULO 4.....	83
ENSAIO DE UM IN-CONCLUSÃO: ASPECTOS QUE NOS POSSIBILITAM REFLETIR SOBRE O	
ENVELHECER GAY NOS APLICATIVOS DE ENCONTRO.....	83
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICES	92
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	93
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 01	94
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 02.....	98
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 03.....	102
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 04.....	105

INTRODUÇÃO - IDAS E VINDAS DE UMA BICHA EM CONSTANTE (RE) CONSTRUÇÃO

Esse texto diz muito sobre minha realidade e as experiências que vivenciei até aqui em relação às minhas andanças nesta vida. Quero iniciar, então, apresentando um pouco dos impactos subjetivos dessa pesquisa que envolve muitas questões, reflexões e situações as quais me fizeram querer adentrar nesse mundo virtual ao qual nos faz esquecer, em certos momentos, nossas experiências da vida concreta, e nos leva a um mundo totalmente aquém da realidade humana.

Sou um homem cis gay, de trinta e três anos, nascido em uma pequena cidade do interior do Piauí, numa família de condição financeira razoavelmente boa, apesar de, na sua formação, contemplar três casamentos de meu pai, culminando no convívio harmonioso de dezesseis irmãos, dos quais sou o único exemplar da diversidade humana quando se pensa nas estruturas heteronormativas impostas pela sociedade machista e patriarcalista herdadas da colonização a nós imposta.

Ao rememorar minha infância, recordo-me das muitas situações de angústia, medo, preconceito e das inúmeras vezes que chorei, sozinho, escondido, por não aceitar minha sexualidade. Minhas memórias sobre esse período levam-me às lembranças das brincadeiras, muitas delas, de meninas, porque sempre gostei, muito mais, de brincar com bonecas, fazer roupinhas para elas, imitar as atividades domésticas ao brincar de casinha com minhas primas. Sempre preferi as brincadeiras de meninas às de meninos; tinha pavor de jogar bola, de ficar correndo feito doido brincando de pegar um ao outro.

Esse tempo me fez muito feliz apesar das chacotas e piadas a mim direcionadas. Nos momentos de diversão e brincadeira, em sua maioria, compartilhados com meus primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, e alguns vizinhos não me sentia diferente e não havia aqueles que apontavam o dedo e diziam: “viadinho”, “bichinha”, “mulherzinha”, só queríamos nos divertir. No entanto, ao entrar no espaço da escola, este tornou-se um ambiente bem hostil. Nesse ambiente, era muito ridicularizado e apontado por colegas que faziam questão de me chamar por nomes ofensivos, muito mais com a intenção de magoar, de rir de mim. Porém, hoje entendo que muitas dessas chacotas eram reproduções do que eles ouviam em suas casas ou na rua; reproduções do que os adultos falavam sobre corpos como o meu.

O cenário escolar não me traz boas recordações, nem tanto dos anos iniciais do ensino fundamental, mais precisamente nos anos finais e muito mais e em grande escala no ensino médio, no qual passei os piores anos da minha vida escolar. Estudava em outra cidade, bem maior de onde vivia, e sempre era insultado ou ridicularizado pelo fato de ser a “bichinha do interior”. Lembro-me de que, na minha turma, existia o grupinho dos “machões” os quais sempre faziam piada comigo, seja pelo fato de ser do interior ou pelos trejeitos delicados, afeminados e pela voz fina.

Sempre fui a típica presa fácil para esses grupos de valentões, pois chegava e logo sentava na carteira, me calava e não era muito de interagir a não ser que fosse solicitado. Tinha poucos amigos na sala e, estes, muitas vezes me defendiam das opressões sofridas. Porém, nada me deixava pior que as recorrentes perguntas do professor de história, que sempre direcionava questionamentos a mim, ele próprio tornava risível estas perguntas: “cadê aquele rapazinho de Cocal de Telha” em tom de deboche, de menosprezo por ser do interior e, mesmo respondendo de forma correta às suas perguntas, o simples fato de falar já era motivo de riso para a turma, pois a voz fina causava chacota.

Toda essa situação fez com que eu me retraísse e muitas vezes me reprimisse por ser gay, isso me levou a buscar de certa forma ajuda na religião e. A partir disso, comecei a me desvincular da fé praticada pelos meus pais, o catolicismo, ao buscar me encontrar de alguma maneira em um lugar onde eu sentisse que, pelo menos, o apoio de Deus eu teria. Comecei a estudar a Bíblia com as Testemunhas de Jeová e, por bastante tempo, fui um “servo fiel” visitando as pessoas em suas casas aos domingos, compartilhando o que havia aprendido sobre Deus.

No entanto, nem tudo é como pensamos ou desejamos, pois, com o passar do tempo entrei na universidade para cursar pedagogia e essa escolha, de certa forma, corrobora com o preconceito que envolve o universo docente, na medida em que o chão da escola não é ambiente para homens, especialmente quando pensamos no ensino de crianças na primeira infância, caso da minha formação que contempla a atuação na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Relato essas questões porque na universidade comecei a conhecer outros iguais, jovens gays que viviam sua sexualidade de forma totalmente aberta e natural, o que para mim era algo até então estranho.

Ainda sendo Testemunha de Jeová, estudando na UFPI, convivendo com gays no ambiente universitário, comecei a me questionar sobre o porquê da não aceitação do meu jeito por Deus. Nesse período sofri muito, andava triste, sem ânimo, me sentindo muito mal por manter desejos “errados”, uma vez que sempre gostei muito de alimentar o lado espiritual, mas existia um conflito muito grande entre servir a Deus e ser quem eu realmente era na minha essência. Contudo, comecei a me afastar da religião e me dar a oportunidade de viver o que eu sempre fui: um homem gay.

Não foi fácil tomar essa decisão, pois, por boa parte de minha vida, já havia me apagado e deixado minhas vontades e desejos mais íntimos de lado. Relutei, sofri bastante, até que consegui me livrar das amarras que, não totalmente a religião nos impõe, mas a sociedade. Compartilhei com dois dos meus irmãos a minha escolha sendo compreendido e aceito por eles; em seguida, minha irmã a quem havia contado meu segredo, que nunca foi um segredo, conversou com meus pais e eles de pronto aceitaram com naturalidade a situação. Entendo que hoje para eles, esse momento, no qual me assumi, pode ter causado um certo alívio, pois como foi mencionado, desde bem pequeno demonstrava traços afeminados, tinha preferência por coisas e brincadeiras de meninas, a voz fina e, de certa forma, esse conjunto de características já prediz muito sobre as nossas tendências.

Superados os percalços da aceitação enquanto gay, adentro um novo mundo, propriamente o vale¹ das gays; aqui as dificuldades são outras, para além de todo esse processo de aceitação no mundo gay, temos que ser aceitos pelos pares, porque existe uma “cartilha” a ser seguida para que novamente possamos nos enquadrar no mundo. Entre uma infinidade de problematizações que envolvem a entrada no vale, minha experiência é atravessada novamente pela chacota, em alguns casos, novamente o fato de ser afeminado, ter trejeitos mais delicados, caminhar, falar, me colocando igualmente à margem do que é aceitável nesse universo.

Esse contexto chega a ser por vezes doloroso, visto que, sair de um cenário de opressão por ser diferente, anormal, e, ao se encontrar em um grupo, continuar a ser tachado de esquisito, diferente, não sendo aceito por uma série de especificidades tão comuns na espécie humana. Apesar de todo esse enredo, me diverti muito nas baladas gays, nos bares, nas festas voltadas para esse público, já que não “fazia o

¹ Termo utilizado por pessoas LGBTQIA+ para se referir a comunidade que congrega todas essas pessoas.

tipo²", sempre me preocupava mais em aproveitar a noite, dançar, beber e, em quase todas estas saídas, virava a noite nas baladas, voltando para casa com o nascer do sol.

Com o passar do tempo, a proximidade do término do curso superior e as responsabilidades da vida adulta batendo à porta, comecei a pensar em novas estratégias de sociabilidade com meus iguais. É a partir desse momento que começo a frequentar as salas de bate-papo da UOL porque, nessa ocasião, não tinha conhecimento de aplicativos voltados especificamente para o público gay. E, como a maioria das formas de contato entre pessoas à margem do padrão e normalidade social, essas incursões nas salas de bate-papo eram feitas às escondidas, uma vez que morava com meus irmãos e o único computador que tínhamos em casa era de uso compartilhado.

Ficava maravilhado com a possibilidade de conversar com diferentes homens gays nessas salas, mesmo sendo as conversas, na maioria das vezes, por parte dos outros usuários, apenas com intenções sexuais. Passava horas e horas até entrar a madrugada conversando no bate-papo. Nessas empreitadas conheci alguns dos sujeitos com os quais conversei por algumas vezes e, mesmo nos encontros reais, a intenção era a mesma, apenas fazer sexo.

Utilizei por bastante tempo esse recurso que a internet proporcionava para me relacionar com outros gays, já que me identificava muito com a forma como eram dispostas as salas de conversa, pois estas apresentavam a opção de escolha da cidade podendo, dessa forma, interagir com pessoas de todo o Brasil, bem como, selecionando a opção de tema por sala. Geralmente entrava nas salas específicas para gays em Teresina, por vezes tinha que esperar algum tempo para conseguir acessar às salas, pois estas possuíam uma quantidade de acessos gratuitos reduzidos quando não se era assinante da UOL e assim, ficava tentando várias salas até conseguir entrar em alguma.

Em um contexto geral, de forma cada vez mais rápida, as tecnologias foram se infiltrando em nossas vidas, em nossas casas, trabalhos, em toda e qualquer área das experiências humanas. Diante de todo esse advento da internet e com a facilidade cada vez maior para acesso à rede mundial de computadores, bem como com a

² Refere-se a pessoas que não correspondem às expectativas esperadas, não estão dentro do padrão exigido.

chegada dos *smartphones*, *tabletes*, computadores portáteis, o acesso a ferramentas cada vez mais específicas tornou-se mais comum. Essa facilidade se deu de forma expressiva no que diz respeito a aplicativos de relacionamento, sejam eles heterossexuais ou homossexuais.

Neste sentido, no campo das interações virtuais, os gays possuem uma infinidade de aplicativos que buscam dar uma ajuda na paquera e na busca por um possível parceiro, corroborando no sentido de contribuir com uma vida para o consumo, líquida, com um viés mercadológico completamente perceptível. Com essa finalidade qualquer usuário da rede pode criar um perfil público no *Scruff*, *Planeta Romeo*, *Growlr*, *Chappy*, *Hornet*, *Dela*, *Blued* e no *Grindr*, objeto de nossa pesquisa. O principal objetivo destes apps³, como são popularmente conhecidos, é tornar mais fácil a busca por um parceiro já que, neles, os usuários costumam descrever em seus perfis todas as características que possuem consideram importantes para a ciência dos possíveis pretendentes.

No universo das interações sócio virtuais podemos considerar a existência de uma maior facilidade na paquera se compararmos às relações de forma presencial, na internet as pessoas se sentem mais à vontade para expressar suas reais intenções e expor suas verdadeiras condições ou desejos mais íntimos. Considerando essas ferramentas de sociabilidade como vitrines de exposição, seus usuários, por um lado, possuem uma maior oferta quando da procura por um parceiro, ao mesmo tempo que também sofrem algumas das consequências desta grande variedade e exposição, visto que são muitas as exigências e expectativas por parte dos usuários destes apps.

Diante do cenário apresentado comecei a refletir sobre algumas questões que envolvem toda essa dinâmica de se relacionar utilizando as ferramentas tecnológicas, que para além de possibilitar uma interação online influencia também nas nossas relações off-line. Pensar todas essas possibilidades de sociabilidade dentro de um grupo que é ainda hoje considerado “anormal” por grande parte da sociedade nos possibilita entender uma série de características que dizem muito sobre a sociedade que criamos, a forma como vemos os “diferentes” e que estão fora dos padrões exigidos para a manutenção da ordem social.

Além de todas estas questões é necessário pontuar que a presente pesquisa se realizou completamente em um momento ímpar na história da humanidade, pois

³ Abreviatura da palavra aplicativo, comumente utilizada pelos usuários destas ferramentas virtuais.

estávamos vivenciando a pandemia da COVID-19, que nos obrigou desde meados de março de 2020 a nos isolarmos em nossas casas com o intuito de conter a disseminação do vírus, o qual ceifou milhares de vidas em todo o mundo, com grande destaque para o Brasil, quando nos referimos ao número de óbitos. As orientações para o isolamento tornaram a utilização de ferramentas tecnológicas itens de importância primária em nossas vidas durante estes tempos em que nos encontramos em casa, tornando essas ferramentas em diferentes contextos aspectos positivos da pandemia.

Para muitas pessoas a utilização destas tecnologias foi a única possibilidade de manter contato com familiares, amigos e, em muitos casos, tornou-se uma oportunidade de conhecer novas pessoas. Dependendo do contexto do isolamento, muitas pessoas utilizam os apps até mesmo para praticar sexo virtual, essa modalidade, pode-se dizer, teve considerável utilidade para alguns durante a pandemia.

Neste percurso pandêmico é necessário pontuar minhas experiências com o ensino remoto/virtual visto que durante o isolamento dei início às minhas atividades como aluno no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na UFPI. Assim sendo, faço uso destas memórias por serem elas de grande importância para as reflexões que serão feitas neste trabalho. A realização do mestrado foi de certa forma abalada pela chegada da notícia da pandemia da Covid-19, pois sempre foi uma formação desejada; por isso ansiava pelo momento das aulas, das trocas e interações com os colegas de turma, além do desejo de participar em eventos para apresentar o que venho pesquisando.

As notícias sobre a disseminação do vírus da Covid-19 começaram a ser mais amplamente divulgadas a partir de dezembro de 2019, que com uma velocidade surpreendente se espalhou por todo o globo terrestre. No Brasil, os primeiros casos começaram a ser descobertos já em fevereiro de 2020, culminando no alerta por parte das autoridades competentes quanto à necessidade de se realizar o isolamento social. Minhas aulas haviam acabado de iniciar, só consegui assistir uma semana de aulas presenciais e logo entramos em isolamento.

As restrições a saídas, aglomerações e a falta de informações foram aumentando e com isso uma certa angústia passou a dominar nossas vidas, incertezas, dúvidas e muita falta de informação fizeram com que ficássemos um mês

sem saber que rumo tomar nas atividades da pós-graduação. Mesmo com este cenário, alguns colegas de turma criaram um grupo de *WhatsApp* para que pudéssemos manter contato e trocar informações e notícias sobre o mestrado. A partir de então decidimos criar um grupo de estudos para começarmos a nos familiarizar com as disciplinas que iríamos cursar neste primeiro semestre, ainda tão incerto. Prontamente, percebemos nessas circunstâncias alguns fatos e situações dos quais a tecnologia nos possibilitou aproximações e interações no sentido de contribuir com as relações e trocas de conhecimento.

Um mês e meio após a decisão das autoridades de decretar o isolamento social tivemos início às aulas de forma remota e, desta forma, concluí a exigência quanto aos créditos necessários para o mestrado. A tecnologia atravessa, neste sentido, todas as esferas da nossa vida, e assim, foi preciso readaptar algumas atividades e ações para podermos dar continuidade e tentar tornar a vida pandêmica um pouco normal.

Referente a esse aspecto, é necessário destacar que nem tudo foram flores neste processo de aulas *online*. A pandemia nos pegou de surpresa e, como mencionei, tivemos que nos adequar a diferentes situações como podíamos. Nesse contexto, as disciplinas que cursei foram realizadas mediante o enfrentamento de várias dificuldades, pois sou pai de uma menina que na época tinha um ano de idade; assistia às aulas cuidando dela, muitas vezes realizando os afazeres domésticos, uma vez que não tinha com quem deixá-la, além de realizar leituras, fazer os trabalhos, bem como participar das aulas que inicialmente assistidas no notebook, mas que, com o passar do tempo, foram transferidas para a tela do celular, e, assim tive que continuar até o final das disciplinas.

Entrelaçado por todas estas questões e vivenciando esse período de forma intensa, busco entender um pouco da significação de todas essas relações sócio virtuais, com interesse especial na compreensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos, que se utilizam de tais ferramentas, aos processos de envelhecimento que os atravessam, pois entendo que todos nós estamos passando processos em nossas vidas; alguns sem se aperceberem, outros com repulsa, muitos se negando a aceitá-los, apesar do fato de poderem experimentar o envelhecimento, as consequências dele.

Portanto, esta pesquisa busca na sua essência, entender como as tecnologias interferem nas vivências online e off-line, considerando diferentes aspectos pelos quais somos atravessados nas nossas relações. Me incluo como sujeito da pesquisa pois, considero-me parte deste trabalho, visto que sou um homem gay, vivendo meu processo de envelhecimento e buscando compreendê-lo.

Assim, envolto e usuário que sou deste universo de experiências virtuais, intento compreender os sentidos que esses homens gays têm de seus processos de envelhecimento, tendo em vista que as redes sociais são ferramentas de grande utilidade para esse público as quais, por meio de diferentes contextos e interações possibilitam observar e entender as dinâmicas sociais envolvidas nas relações ali realizadas. Com efeito, proporcionando a construção de noções sobre os processos de envelhecimento os quais envolvem e transpõem esses homens no campo virtual.

Dessa forma, nosso trabalho se apresenta adotando a estrutura a seguir: no capítulo 01, intitulado “Redes e conexões que me fizeram chegar até aqui”, apresento um breve panorama do advento das tecnologias, com enfoque voltado para uma descrição do *Grindr*, expondo suas funcionalidades e características.

No capítulo 02, discorro sobre as “novas” formas de sociabilidade oportunizadas pelas ferramentas tecnológicas, como essas tecnologias possibilitam o estreitamento de laços e a criação de relações humanas. Para além desta discussão, busco também, apresentar como se organizam as relações de poder dentro das plataformas virtuais, especificamente no *Grindr*, o qual, em sua configuração, auxiliar seus usuários a encontrarem parceiros ou amigos virtuais.

No capítulo 03, a discussão envolve a compreensão do sentido que esses sujeitos dão aos seus processos de envelhecimento e sexualidade, refletindo sobre como são entrelaçadas as relações e de que forma as socializações virtuais constroem os sentidos desses processos num aplicativo virtual.; bem como quais são as nuances que envolvem essas interações e quais características indicam esse entendimento.

Por fim, no capítulo 04, “Ensaio de um in-conclusão: aspectos que nos possibilitam refletir sobre o envelhecer gay nos aplicativos de encontro” exponho as (in) - conclusões sobre o tema, refletindo com base na análise dos relatos feitos pelos interlocutores sobre os principais aspectos e categorias discorridos, lançando mão das

contribuições de teóricos que discorrem sobre o tema e também, pontuando minhas impressões sobre as categorias aqui apresentadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: Métodos e técnicas utilizados na construção desta rede

Eu acho por conta, como se fosse um tabuleiro de corpos, né, por conta principalmente disso, pela exposição e como está exposto lá os perfis, entendeu. Isso já denota que é um aplicativo para relações casuais. Acho que vem muito do *Layout* do aplicativo, principalmente

Malhadinho, interlocutor da pesquisa.

A escolha por homens gays em processo de envelhecimento torna-se objeto desta pesquisa por serem esses sujeitos considerados fora dos padrões exigidos na caçada virtual por um parceiro perfeito. Diante dessas imposições ou regras de enquadramento de perfis; alguns sujeitos – como os afeminados, gordos, em processo de envelhecimento, magros – são excluídos das possíveis oportunidades de interações virtuais. Essa forma de construção virtual da paquera reproduz preconceitos sociais amplamente arraigados em nossa sociedade, que quando pensados em relação às vivências gays apresentam características tais como.

A “masculinização” pode gerar interpretações de preconceito e discriminação, entre os próprios homossexuais, o que hoje denominamos de efemínofobia e transfobia: a recusa do deslocamento dos gêneros, em especial com relação à feminilidade masculina. No entanto, é necessário ponderar que a valorização da masculinidade e o afastamento da feminilidade por muitos sujeitos constituíram estratégias para driblar a identificação como homossexuais em contextos em que isso envolveria o risco de sofrer sanções sociais. (MISKOLCI, 2017a, p. 155).

Nas teias virtuais em especial nos apps de “pegação” é comum encontrarmos perfis que excluem determinados corpos que fogem dos padrões exigidos pela norma social, é neste sentido que muitas das práticas sociais preconceituosas são incorporadas dentro do mundo digital. Não é raro encontrar perfis que escancaram suas preferências por padrões estabelecidos dentro do “vale” e que fazem questão de ressaltar para os que se encontram fora destas exigências que “não percam seu tempo”. Estas normas são valorizadas no mundo gay pois como aponta Miskolci.

[...]. Quanto melhor sucedidos/as em manter uma aparência heterossexual, mais seguros no emprego, no espaço público e no meio familiar. Essa aparência hétero é construída especialmente por uma performance de gênero heterossexual e pela simulação convincente de sinais de uma sociabilidade pautada pelos rituais amorosos com pessoas do sexo oposto. É importante sublinhar que o “passar por” não é uma opção, mas uma estratégia de sobrevivência em um contexto social hostil. “Passar por” é uma performance contínua, reflexiva e que demanda um alto grau de autocontrole subjetivo e corporal dos sujeitos. (2017a, p.157-158).

Para além desta objetificação dos indivíduos, as relações virtuais apresentam uma dinâmica de mercantilização das relações, das próprias pessoas, dos sentimentos e desejos de quem busca e aposta todas as fichas nestas ferramentas de busca por parceiros. Han entende esse contexto do mundo virtual como um espaço de intensa exposição pois “[...] Na era do *Facebook* e do *Photoshop* o ‘semblante humano’ se transformou em *face*, que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A *face* é o rosto *exposto* sem qualquer ‘áurea de visão’. É a *forma de mercadoria* do ‘semblante humano’ (2017, p.29).

Esse emaranhado de vivências no campo virtual está moldando nossas relações para além das intermediadas por plataformas virtuais, contribuindo para o sentido do modo de vida que adotamos onde “Criamos um mundo em que se tornou fundamental ter conexões virtuais, principalmente para as gerações mais novas. [...]. Então criamos uma geração global de pessoas que cresceram dentro de um contexto em que o significado de comunicação e o significado de cultura estão atrelados à manipulação.” (NETFLIX, 2020).

Assim como afirmam Miskolci (2017a) e Castells (2019) as relações constituídas nesta teia cada vez mais vai se emaranhando e envolvendo, transformando as formas como nos relacionamos com nossos iguais. Diante de tal configuração somos entrelaçados nestas redes sem nos darmos conta do quão envoltos estamos com suas ferramentas e tecnologias de tal forma que.

[...] A coação expositiva leva a alienação do próprio corpo, coisificado e transformado em objeto expositivo, que deve ser otimizado. Já não é possível *morar* nele, sendo necessário, então, *expô-lo* e, assim, *explorá-lo*. Exposição é exploração, e seu imperativo aniquila o próprio *morar*. Quando o próprio mundo se transforma em espaço de exposição, já não é possível o *habitar*, que cede lugar à propaganda,

com o objetivo de incrementar o capital da atenção público”. (HAN, 2017, p. 33).

As relações, neste contexto de paquera virtual, oportunizam diferentes eixos para a discussão da inserção desses instrumentos em nossas sociabilidades, a partir de aspectos como raça, classe, região, estas interações podem tomar rumos totalmente distintos dos desejados por quem acessa um app de paquera ou relacionamento. O público brasileiro é destaque na utilização das redes sociais de entretenimento e interação virtual, os aplicativos para busca de parceiros especificamente para o público LGBTQIA+ tem uma procura e utilização muito grande.

Pensar e refletir sobre as interações sócio virtuais no contexto do Brasil oportuniza o conhecimento de especificidades e práticas muitas vezes adotadas somente pelos seus usuários, visto que o *Grindr* é um app americano, criado para homens gays daquele país com cultura e vivências próprias, totalmente diferentes da nossa. Debruçar-se sobre os modos com que estes sujeitos utilizam essas ferramentas apresentam uma infinidade de detalhes e riqueza de informações sobre as relações realizadas no campo virtual no contexto da cultura LGBTQIA+ brasileira, possibilitando reflexões críticas sobre a existência ou não de uma cultura própria, além de pensar as nuances e facetas dessa cultura.

Para além das faces que apresentam as especificidades do público gay nacional temos uma maior riqueza de detalhes quando nos afastamos do eixo sul e sudeste onde são realizadas grande parte das pesquisas que envolvem as sociabilidades gays em ambientes virtuais. Dentre as pesquisas realizadas sobre o tema, apresento, a seguir, algumas das quais possibilitaram um norte a este trabalho: Masculinidades disponíveis.com: Sobre como dizer-se homem gay na internet, os meninos: Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos. (Luiz Felipe Zago, dissertação, UFRGS, 2009, tese, 2013), Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos (Keith Diego Kurashige, dissertação, UFSCAR, 2014), O segredo é a alma do negócio: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos (Felipe André Padilha, dissertação, UFSCAR, 2015); Desejos comodificados: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo. (João Paulo Ferreira da Silva, dissertação, UFSCAR, 2017).

Desta forma, busco apreender os sentidos dos processos de envelhecimento de homens gays no contexto do Nordeste, afunilando ainda mais essa perspectiva trazendo as experiências destes sujeitos no estado do Piauí, na cidade de Teresina, que tem uma cena gay tímida contando com poucos bares e casas onde a vida gay é exaltada. A maioria desses bares são concentrados no centro da cidade, tendo ainda uma referência aos guetos gays. Dentro dessa proposta, pode-se citar 4 bares/boates, que são, Lights Music bar, Reserva, Base e Casa Barro. Entre estes, o Lights Music bar é o único que se propõe a incentivar shows de *drags*, com uma mistura de bar e balada. Pode-se também destacar os bares gays concentrados na Rua 24 de janeiro, o bar Otim, localizado na zona leste e Queen pub cine, este com uma proposta de bar, cinema, cabines, *darkroom* e apresentação de gogo boys, caracterizado como uma sauna gay.

Parece óbvia a escolha do campo de pesquisa, no entanto, atrevo-me a dizer que essa opção poderia abranger outras regiões do país em virtude da facilidade que as ferramentas tecnológicas proporcionam na interação com estes sujeitos, além de, no momento da pesquisa, estarmos vivendo em isolamento social devido a pandemia da Covid-19.

Insisto em afirmar que distante dos grandes centros urbanos e intelectuais do país a apresentação destas vivências geram grandes impactos na forma como encaramos ou observamos a realidade social desses sujeitos, pois, compreendo que as experiências apresentadas por homens gays na capital do Piauí indicam uma série de fatores distintos dos que são apresentados nas pesquisas em outras capitais tanto do sul e sudeste, bem como do norte e nordeste.

Analisar a construção do perfil de homens gays em processos de envelhecimento a partir de experiências inseridas dentro de uma cultura fortemente machista, na qual ser homem é levado muito a sério desde quando se é criança, com frases de efeito tais como “menino homem” e “cabra macho”, para citar só algumas, o que produz diferentes leituras e compreensões a respeito da construção do processo de envelhecer em um ambiente onde já se espera uma postura máscula e heteronormativa, pois como aponta Miskolci.

As normas sociais não escolhem sujeitos, elas se impõem a todos e todas, mesmo àqueles e àquelas que jamais conseguiram atende-las, daí, nessa perspectiva, se dissolve o paradoxo aparente de mulheres machistas, gays homofóbicos ou negros racistas. Afinal, ideais

coletivos moldam todos nós, e eles se fazem valer por normas e convenções culturais que deveriam ser nosso alvo crítico em busca da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (2017b, p. 47).

Frases ou termos como “não tem problema ser gay, contanto que não seja afetado ou afeminado” ou “maricona”, que demonstram preconceito, causam um grande efeito na sociabilidade desses homens e interferem na forma como eles buscam ou paqueram em ambientes online ou off-line. Por mais que assumam sua identidade sexual como homens gays, as construções do imaginário social sobre o que é ser “homem” continuam permeando suas vivências e relações sociais nesse processo de envelhecer, visto que se espera deles um determinado modo de ser e agir ao longo de suas vidas, causando, em alguns contextos, especialmente nos machistas e preconceituosos, a volta ao armário⁴ de alguns desses sujeitos quando em seus processos de envelhecimento, visto que

A heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam. Em nossos dias, a sociedade até permite, minimamente, por sinal, que as pessoas se relacionem com pessoas do mesmo sexo; portanto, ao menos para alguns estratos sociais privilegiados, já não vivemos mais em pleno domínio da heterossexualidade compulsória. [...]. Neste contexto, não é possível dizer que se nega a eles a homossexualidade, mas a sociedade ainda exige o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo de vida que mantêm a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as.” (MISKOLCI, 2017b, p. 46).

Diante dessas configurações, considero de grande importância estabelecer como campo de pesquisa o ambiente virtual localizado no espaço da cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, por compreender que diante de tal cenário onde habita um povo fortemente religioso, de inclinação, em sua maioria, católica; com uma cultura que entende o homem como provedor do sustento da família, como o “macho” dominador, com forte tendência machista, ser esse um espaço de resistência de homens gays principalmente quando pensamos esses sujeitos em seus processos de envelhecimento.

A partir dessa configuração, procurei iniciar a pesquisa por meio da criação de um perfil público; como já mencionado, o *Grindr* oferece uma versão gratuita aos seus

⁴ Termo utilizado por homossexuais para indicar que a pessoa não é assumida para a sociedade quanto a sua sexualidade.

usuários, com direito às funcionalidades básicas do app, essa foi a versão onde criei o perfil para poder acessar e contatar os interlocutores na pesquisa. Por mais que o perfil criado no Grindr estivesse identificado como “pesquisa UFPI” foi necessário inserir algumas informações pessoais do pesquisador para dar uma maior visibilidade, visto que, a dinâmica do próprio app favorece mais oportunidades de interação para os perfis com fotos e informações sobre os administradores deles.

O perfil aberto tem como nome de exibição “pesquisa UFPI”, no intuito de possibilitar a todos os usuários, claramente, a identificação dele como uma pesquisa acadêmica. No campo indicado para descrição “sobre mim” me identifico como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí, onde menciono ainda o interesse em pesquisar as relações virtuais em apps de encontro.

Outras informações preenchidas no perfil para interação com os interlocutores indicam aspectos como idade, altura, peso, etnia, porte físico; em relação às expectativas, quando solicitado sobre o que estou em busca, indico a opção de “conversa, encontros”; quanto ao local de encontro, não existe a opção de encontro online, portanto, optei por indicar como local os seguintes lugares, bar, cafeteria e restaurante, somente a título de preenchimento do perfil, pois as conversas e entrevistas foram realizadas via *chat* no próprio app. Em seguida, as interações aconteceram por meio de *WhatsApp* e *Google Meet*, sendo na sua totalidade, realizadas virtualmente devido à pandemia da Covid-19.

Após a criação do perfil, algumas vezes acessei o app como observador da dinâmica de interação dos usuários na busca por parceiros e/ou paqueras, sexo casual ou relacionamento sério. Inicialmente me coloquei apenas como espectador dos possíveis interlocutores da pesquisa observando de uma forma geral os perfis disponibilizados para minha apreciação. Em algumas situações, mesmo como observador, recebi mensagens, ou *TAPS* de alguns usuários.

Passei um tempo analisando como aconteciam as relações sócio virtuais no Grindr, e comecei a entrar em contato com alguns perfis de usuários que se enquadram no principal requisito da pesquisa, que é possuir 40 anos ou mais, além de também ter conta ativa no app e disponibilidade para participar da pesquisa. Nas minhas incursões virtuais tive a oportunidade de conversar com vários usuários de diferentes idades e com intenções e desejos diversos. Em um destes acessos, após

criar o perfil com identificação de pesquisa, pude observar que em vinte e quatro horas 74 usuários haviam visualizado o perfil com o intuito de conhecer, conversar, ou mesmo, por curiosidade, devido ao fato de me identificar como pesquisador.

Esses acessos oportunizaram a realização de conversas com um total de 75 usuários do app, dos quais, apenas 6 se prontificaram a participar da pesquisa os demais, alguns que se enquadraram no perfil esperado, não demonstraram interesse ou por não desejar se expor, ou devido à falta de tempo para dispensar às conversas sobre a pesquisa, ou mesmo para a realização da entrevista. Dos seis interlocutores somente quatro fizeram a entrevista virtual, os outros dois ao longo do tempo foram demonstrando desinteresse em participar e, por fim, decidiram não conceder a entrevista.

As diversas conversas realizadas com todos esses usuários incluindo alguns que, por não terem suas expectativas alcançadas, excluíram a conversa com o perfil da pesquisa causando reações e impactos inesperados. Um desses impactos foi a procura de muitos jovens com interesse em participar como interlocutores; outros ao iniciarem a conversa, questionavam sobre a veracidade da pesquisa, não confiando que alguém pudesse realmente utilizar o *Grindr* como campo para uma pesquisa acadêmica.

As trocas e discussões realizadas com alguns usuários com quem pude conversar apresentaram de alguma forma queixas acerca da dinâmica com que as relações se desenvolviam no app, expondo as contradições postas no uso de tecnologias. Alguns deles reclamavam das exigências exageradas impostas na busca por um parceiro, outros, mais ousados, faziam proposta de encontro para praticar sexo e os que solicitavam nudes⁵.

Durante minhas investidas no app à procura de possíveis interlocutores para a pesquisa, tive a oportunidade de conversar via *chat* sobre diversos assuntos com alguns deles, muitos iniciavam suas conversas questionando a veracidade da pesquisa, se esta não era uma forma mais fácil de conseguir o contato de *WhatsApp* de prováveis parceiros. Alguns também iniciavam a conversa relatando suas queixas em relação à forma como aconteciam as trocas e interações no *Grindr*, aumentando mais ainda a percepção de como as trocas virtuais são ambivalentes e contraditórias.

⁵ Fotos com conotação sexual expondo partes íntimas ou em poses sensuais.

Os usuários queixosos descrevem os demais indivíduos como diretos, mal-educados e que, na maioria das vezes, buscam apenas sexo. De acordo com o que foi relatado por um dos perfis com quem conversei no *chat* “não existem relações, é oi, sexo e tchau”. Outro sujeito expôs o seguinte sobre o contexto da pesquisa no *Grindr*, “pois já sabe que nesses aplicativos de relacionamentos maioria é gente besta querendo ser melhor que os outros, né amigo?” E “que escolhem demais”. Nesse trecho, percebemos a questão das exigências de um perfil tal qual idealizado por quem está na caçada virtual, sendo apenas as características elencadas necessárias para uma possível conversa ou encontro.

Um usuário, em especial contactou-me com o seguinte questionamento “sou curioso “[...] Me tira uma dúvida, teve muito relato para você sobre a superficialidade de um contato e/ou o quanto nas plataformas as pessoas são ásperas?” Os trechos expostos aqui são das partes da conversa que tivemos, na qual elencou diversas questões a se pensar quando da utilização de aplicativos em nossas relações sócio virtuais, “[...] Há uma pressa tamanha por algo instantaneamente que pode evoluir para bloqueio [...] Gordinhos são jogados para escanteio, afeminados [...] Conhecer não, *fast* foda [...] Eu acho que o ponto mais exato ainda disso tudo ocorrer e aquela sensação de invulnerabilidade q os app passam, sendo a maior parte dos app voltado ao público permitem isso né, e a sociedade q anda cada vez mais insensível, tem muito gay descartado por ai q são verdadeiros anjos como pessoas, uns amores, são educadíssimos, honestos, amigos/irmãos para toda uma vida, trabalhadores, independentes.”⁶, a fala desse usuário deixa claro e perceptível características da vida efêmera que as redes oportunizam.

Nesse bate-papo, podemos ainda observar vários aspectos que apresentam a visão de muitos usuários do *Grindr* quanto às formas de interação na plataforma, pontos como a disseminação de preconceitos, a exclusão de minorias dentro do próprio vale, a busca por sexo rápido, para além de muitas outras questões que são apresentadas e que proporcionam uma reflexão sobre esse mecanismo de socialização como instrumento de expansão de situações nas quais os personagens precisam ser vistos cada vez mais para serem notados, ao consumir para existirem, desvendando os contextos do mundo virtual que se desdobram nas vivências reais.

⁶ Os trechos expostos são parte do acervo pessoal do pesquisador, fazem parte das conversas realizadas no perfil da pesquisa.

O *Grindr*, como sua própria descrição indica, “é o melhor aplicativo social móvel grátis para gays, bi, trans e homossexuais se encontrarem” (GRINDR, 2020) quando levamos em conta os relatos apresentados e ao observarmos, por meio de uma breve varredura no app, percebemos a maneira como são expostos nos perfis as exigências e características necessárias para conseguir uma simples troca de mensagens entre os seus usuários. Essas primeiras impressões causam um pouco de espanto quanto à maneira como as finalidades e intenções dos usuários são diretas. Como se não houvesse tempo a se perder nessa busca por parceiros, imprimindo assim, uma noção de mercadoria ou descartabilidade daquelas pessoas que não se enquadram nos padrões buscados no mundo virtual.

Diante das falas aqui apresentadas por alguns daqueles com os quais pude interagir no *Grindr*, é necessário refletir sobre como estão dispostas as relações no app. Confrontando as falas desses sujeitos com a afirmação de que o *Grindr* é o “melhor app” para esta finalidade, que inclui o encontro de um parceiro amoroso, podemos nos questionar se essas especificidades indicam características das relações gays atuais? Ou se dentro dos apps existem sujeitos que à margem das imposições sociais heteronormativas e do “vale” agem e buscam posturas diferentes das observadas nas falas apresentadas? E ainda, qual o futuro desses contatos?

A partir do primeiro diálogo com os possíveis interlocutores ainda no *chat* do app, apresentei quais eram as reais intenções de estar ali; expus os objetivos e a proposta da pesquisa de forma breve para, em seguida, estender o convite formalmente àqueles que se dispuseram a participar. Após a comunicação inicial houve a troca de contatos, em sua maioria de números de *WhatsApp*, por facilitar uma interação mais rápida e prática. Nas conversas pelo *WhatsApp* novamente expus algumas informações da pesquisa, desta vez de forma mais detalhada e precisa, informando também sobre a realização das entrevistas em ambiente virtual e me colocando sempre à disposição para sanar qualquer dúvida a respeito do processo de realização da pesquisa.

De posse de todas as informações necessárias para a aplicação das entrevistas, os interlocutores foram consultados a respeito da disponibilidade para a realização da entrevista via *Google Meet*, bem como receberam o termo de consentimento livre e sendo esclarecido que deveriam assinar e encaminhar ao pesquisador. As entrevistas, como já mencionado, aconteceram de forma virtual via

aplicativo Google Meet; e contaram com a realização de apenas dois questionamentos, que abrangiam de forma ampla as categorias que aqui propomos analisar. Em seguida, foram transcritas as falas dos interlocutores da pesquisa, organizadas em questionários com identificação própria relacionando a identificação de cada sujeito à tribo⁷ que melhor se encaixa ao perfil do interlocutor em questão. A escolha por identificar o interlocutor o relacionando à tribo da qual fazia parte, ou se considera membro, se dá em virtude da dinâmica de relações dentro das sociabilidades LGBTQIA+, onde as afinidades, semelhanças e gostos proporcionam uma melhor interação entre esses indivíduos.

Realizadas as transcrições das entrevistas, me debruço a seguir na análise das falas dos interlocutores, com o intuito de entender as relações com as categorias que me proponho analisar. A presente pesquisa, neste sentido, aponta para uma reflexão crítica sobre aspectos como mídias digitais, poder, sexualidade e processos de envelhecimento, buscando compreender as construções de sentidos atribuídos por esses que estes interlocutores quando utilizam esta ferramenta tecnológica que é o *Grindr*.

Para tanto, utilizo como aporte teórico metodológico as técnicas de pesquisa que compreendem as práticas discursivas como aspectos que direcionam e auxiliam na compreensão da produção de sentidos, pois compreendo o processo de pesquisa, na sua totalidade, uma oportunidade rica de obtenção de informações e análise que envolve a tentativa de entender os sentidos em sua amplitude quanto à construção dos processos de envelhecimento que abarcam os interlocutores desta pesquisa. A partir dessa compreensão considero assim como Spink Et al que.

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas - na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas - constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. (2013, p. 22).

A etapa seguinte se consistiu na construção do material de análise propriamente dito, onde pude construir com base nas falas dos interlocutores mapas de associação de ideias, para melhor compreender e analisar as reflexões

⁷ Grupos dentro da comunidade LGBTQIA + que se aproximam por questão de afinidade e características semelhantes, exemplos, *barbies*, ursos, papais, etc.

apresentadas, bem como relacioná-las às categorias de análise propostas. A opção pela abordagem teórica metodológica, a qual consiste na utilização de técnicas que envolvem a compreensão e o entendimento de práticas discursivas e produção de sentidos, se dá em virtude de entender essa proposta de análise metodológica como afirma Spink Et al que compreende ser “o homem um produto social, que a partir de suas socializações e ressocializações, bem como suas rupturas, ressignifica e se transforma socialmente” (2013, p. 09).

Os mapas de associação de ideias contribuem no sentido de proporcionar uma melhor sistematização do “processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção linguística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialogia implícita na produção de sentido” (SPINK Et al, 2013, p. 84), por isso, a opção por utilizá-los na construção do entendimento dos sentidos atribuídos pelos interlocutores na pesquisa.

Para a construção dos mapas iniciamos pela definição das categorias gerais, indo de encontro aos objetivos da pesquisa, elencando como categorias as seguintes: mídias digitais, poder, sexualidade e processos de envelhecimento. Em seguida, organizaram-se os conteúdos com base nas categorias eleitas, preservando a sequência das falas, visando à identificação das construções realizadas por meio dos interlocutores através de uma esquematização visual do todo das falas.

Dessa forma, criou-se um mapa para cada categoria, contemplando as falas dos quatro interlocutores participantes na pesquisa, abrangendo, nesse contexto, cinco colunas para apreciação nas quais são apresentados os procedimentos que permitem observar o objetivo referente à pergunta geral, as primeiras impressões sobre a categoria em análise, a compreensão pessoal que o interlocutor apresenta do tema, e os aspectos afetivos envolvidos nesta categoria. Nessa configuração, é possível, por meio de uma leitura vertical e horizontal das colunas, apreender uma leitura dos repertórios, bem como a compreensão da dialogia, o que para Spink Et al, “[...]. É quando se visualiza a dialogia e a construção das formas discursivas que se torna possível compreender o processo de internalização que faz da pesquisa uma prática social. ” (2013, p. 91).

CAPÍTULO 1

REDES E CONEXÕES QUE ME FIZERAM CHEGAR ATÉ AQUI

1.1 Entrelaçando as teias que dão vida à rede virtual

[...] a coisa é essa hoje em dia os meios de comunicação atual que são os meios que a gente mais usa o *Instagram*, o *WhatsApp*, o *Grindr*, o *Skype*, eles querem uma velocidade na comunicação, isso não é ruim, isso não é ruim, isso é só um outro tipo de comunicação, não é ruim de jeito nenhum [...]

Urso, interlocutor da pesquisa.

As contribuições das ferramentas virtuais nos auxiliam em todos os campos da vida, essa é uma realidade inegável e sem volta que facilita as interações, relações e atividades realizadas com uso da tecnologia como nos indica Castells ao expor que “o desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo e assim por diante” (2019, p.479).

As transformações ocorridas ao longo do século passado em diferentes campos possibilitaram que a internet se difundisse sobre todo o mundo e trouxeram consigo novas formas de interação entre as pessoas. Todo um conjunto de experiências e vivências, anteriormente realizadas, passou a ser ditado por novas ferramentas que, neste contexto, envolvem dentre outros, as tecnologias virtuais, que proporcionam diferentes formas de sociabilidades.

Pensando o advento destes contextos, bem como as mudanças pelas quais a sociedade passou com estas transformações, Castells esboça de forma breve como nossa sociedade se apresentou durante muito tempo.

[...]. Durante milênios construiu-se o ritmo da vida humana em estreita relação com os ritmos da natureza, geralmente com pouco poder de barganha contra as forças naturais hostis. Portanto, parecia razoável acompanhar o fluxo e modelar o ciclo de vida com base em uma sociedade em que a maior parte das crianças morria ainda bebê; em que a energia reprodutiva das mulheres tinha de ser usada cedo; em que a juventude era efêmera (Ronsard); em que ficar velho era um privilégio tão grande que trazia consigo o respeito devido a uma rara

fonte de experiência e sabedoria; e em que as pestes periodicamente devastavam boa parte da população. [...] (2019, p. 527).

Desenhando as mudanças e modificações que acompanham a evolução dos tempos Castells também indica um panorama do contexto atual, para além destas situações tão comuns na história da humanidade, as transformações ocorridas ao longo dos tempos culminaram no que podemos compreender nos “[...] avanços organizacionais, tecnológicos e culturais característicos da nova sociedade emergente estão abalando definitivamente esse ciclo de vida regular sem substituí-lo por uma sequência alternativa. [...]” (2019, p. 527).

Diante deste cenário, ao refletir a vida na pandemia, quando pensamos sobre o que é normal para a sociedade em que vivemos e o que não configura essa normalidade, concordo com Santos (2020) que atribui à pandemia uma série de situações que são desmascaradas e que escancaram a real pandemia que assola o mundo que vivemos, apresentando as discriminações pelas quais diversos grupos ao redor do mundo e, em especial, no sul do globo sofrem, desvendando as máscaras sociais.

No contexto da pesquisa, durante todo esse tempo, sempre fazia incursões no *Grindr* com o intuito de perceber como estavam se comportando aqueles usuários durante a pandemia e, quão grande foi minha surpresa em notar que, mesmo com a pandemia em alta, com orientação para isolamento social, muitos usuários indicavam em seus perfis a procura por sexo real como demonstram os nomes nos perfis⁸ de alguns destes, “Agora”, AF⁹ agora”, “Fuder Agora”, “Hoje”, “Sigilo Agora”, (GRINDR, 2020). Esses perfis com busca de sexo real estiveram ativos durante todo período da pesquisa e continuaram ativos e em uso até o momento¹⁰ desta escrita, afirmando máximas comuns sobre o uso desses tipos de ferramentas tais como, “sou visto logo existo”.

As interações virtuais foram avaliadas pelo *Grindr* em uma pesquisa sobre os hábitos dos seus usuários durante o período de isolamento social na pandemia. No

⁸ Neste tópico apresento algumas falas de sujeitos com os quais interagi durante acessos esporádicos ao Grindr, não correspondendo necessariamente aos interlocutores da pesquisa, os quais descrevo e exponho os perfis no capítulo 02 deste trabalho.

⁹ Forma abreviada utilizada para indicar a palavra afim.

¹⁰ Ressalto esta informação por estarmos no mês de outubro de 2021, com pouco mais 38,56% da população vacinada até o momento de acordo com o site da Secretaria de Saúde do Estado do Piauí. Disponível em: <https://datastudio.google.com/u/0/reporting/a6dc07e9-4161-4b5a-9f2a-6f9be486e8f9/page/d06pB>. Acesso em 18 de outubro de 2021.

total, 10.000 mil usuários do aplicativo nos EUA, Reino Unido, Brasil, México e Índia foram questionados sobre as dinâmicas utilizadas no app em relação a diferentes assuntos. Destaco aqui apenas duas das categorias analisadas na pesquisa do aplicativo que apresentam os seguintes dados sobre “bate-papo”, os quais 67% dos usuários entrevistados dizem que a personalidade é mais importante do que era antes da pandemia, 60% dizem que a quarentena os levou a conversar com pessoas que de outra forma não teriam, 46% diz que falar sobre COVID tem sido uma maneira fácil de iniciar conversas. Em relação ao “sexo virtual” 71% dizem que a troca de fotos e vídeos no *Grindr* os ajudou a escapar durante a pandemia, 59% dos usuários dizem que seu desejo sexual aumentou durante a pandemia, 51% acham que conexões virtuais são *sexys*, 48% dizem que se conectaram virtualmente durante a pandemia (GRINDR, 2020).

Os dados apresentados indicam uma grande utilização desse tipo de instrumento virtual com o intuito de sanar o distanciamento social. Lançando mão de artifícios outrora subestimados com relação à busca por parceiros sexuais, como observado por meio dos nomes em destaque nos perfis mencionados anteriormente e ao analisar os números referentes à pesquisa feita pelo próprio *Grindr*.

Diante deste cenário intentamos, ao utilizar como campo de pesquisa o *Grindr*, uma ferramenta do campo virtual, obter reflexões e análises que nos permitam compreender um pouco da dinâmica das interações sócio virtuais de seus usuários. Dessa forma, compreendo o campo do virtual/digital assim como apresenta Miskolci.

Digital, nesse sentido, não é uma definição técnica, mas uma característica do nosso mundo como marcado pela conexão por meio de tecnologias comunicacionais contemporâneas que se definem cotidianamente como digitais e que envolvem o suporte material de equipamentos como *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, bem como diferentes tipos de rede de acesso, conteúdos compartilháveis e, por fim, mas não por menos, plataformas de conectividade. Em termos sociológicos, o que define nossa era é a conexão em rede por meios comunicacionais tecnológicos. Digital, portanto, se opõe ao analógico, enfatizando o aprimoramento tecnológico, enquanto a conexão em rede por meio de plataformas enfatiza a maneira como se constroem as relações sociais. (2017a, p. 23).

Assim, adentrando as redes que compõem as tramas virtuais, pretendo percorrer um pouco mais sobre minhas próprias experiências. Sou o típico usuário das facilidades que as tecnologias proporcionaram desde a sua expansão comercial na

segunda metade da década de 90 do século XX (MISKOLCI, 2017a). Envolto nesse universo, de posse de um *smartphone*, aparelho celular com acesso à internet, pude conhecer uma infinidade de possibilidades de interações com outros garotos iguais a mim, jovens que, descobrindo sua sexualidade, utilizavam as redes sociais no início de sua expansão, para conhecer outros semelhantes. A partir desse primeiro contato com as dinâmicas virtuais fui descobrindo muitas outras possibilidades de interação com outros jovens gays, através de grupos restritos a este público, as chamadas comunidades no extinto Orkut¹¹, ou mais recentemente no *Facebook*¹², bem como as salas de bate-papo.

Expandindo ainda mais o universo das possibilidades de interação com meus pares, passei a frequentar as salas de bate-papo da UOL com mais assiduidade, pois estas antes da criação de aplicativos específicos para o público LGBTQIA+ eram frequentemente utilizadas por pessoas de todas as identidades sexuais, devido à quantidade de opções de salas que abarcavam todas as identidades e performances. Em uma das minhas investidas nas salas voltadas para usuários gays em Teresina, conheci meu atual companheiro no ano de 2012.

Essa pequena contextualização no campo das mídias digitais, por possibilitarem um maior acesso e proporcionarem uma interação mais dinâmica entre seus usuários na busca por parceiros, nos insere no universo da pesquisa que propomos adentrando, dessa forma, os espaços de interação virtual, mais precisamente os aplicativos de encontros voltados para homens gays.

Nesse sentido, optamos por conhecer mais a fundo como se desenham as relações mediadas por esses recursos tecnológicos, desenvolvendo um olhar mais crítico para as interações realizadas por homens gays em processo de envelhecimento que utilizam o *Grindr*, que é um dos primeiros aplicativos nesta categoria, utilizando o sistema de localização georreferenciada, com o intuito de apresentar aos seus usuários os perfis disponíveis mais próximos.

Diante da configuração aqui apresenta que nos insere no campo das relações sócio virtuais busco compreender os sentidos atribuídos por estes sujeitos sobre os seus processos de envelhecimento atravessados por meio da utilização do aplicativo *Grindr*, pela incursão no mundo dos apps.

¹¹ Rede social extinta.

¹² Rede social atual, com mais de 5.000.000.000 de usuários.

1.2 O *Grindr* como ferramenta de sociabilidade

[...] eu observo no *Grindr* que se você colocar o rosto você, eu odeio essa palavra, mas eu vou usar porque é meio que do universo *Grindr*, você não é discreto, você... sei lá, (n) coisas, né e tal [...] aí fica assim, né um julgamento porque seu rosto tá lá, e aí existir isso, né um tipo de relação.

Discreto, interlocutor da pesquisa.

O *Grindr* é um app voltado para o público gay masculino, criado em 2009 no Vale do Silício, em São Francisco, nos Estados Unidos. Uma de suas principais funcionalidades é a apresentação dos perfis próximos ao usuário usando uma tecnologia de geolocalização que consiste em aplicar, a partir do ponto onde a pessoa se encontra, uma varredura dos perfis de outras pessoas online mais próximas. Nesse sentido, o *Grindr* configura-se como uma ferramenta de sociabilidade quando proporciona a homens gays a possibilidade de conhecer novos indivíduos, bem como, trocar imagens, vídeos e áudios de cunho pessoal. Dessa maneira, adentrando no mundo das interações virtuais, como afirma Nogueira.

A internet tornou-se uma ferramenta que aproxima desejos e afetos, conectando fantasias e produzindo novas formas de intersubjetividade. Desde o IRC (Internet Relay Chat), um bate-papo que atingiu sua maior popularidade no final da década de 90, até o surgimento de comunicadores instantâneos (programas que facilitam o bate-papo), como o Messenger (MSN) da Microsoft, por exemplo, inventou-se um número indeterminado de espaços de sociabilidade. (2020, p. 67-68).

É nesse sentido, portanto, que as interações sócias virtuais mediadas por tecnologias digitais entraram no dia a dia das pessoas se instalando em todas as áreas da vida humana, criando novas formas de sociabilidades, assim como aponta Miskolci ao comentar a entrada destas tecnologias com suas diferentes roupagens em nosso cotidiano.

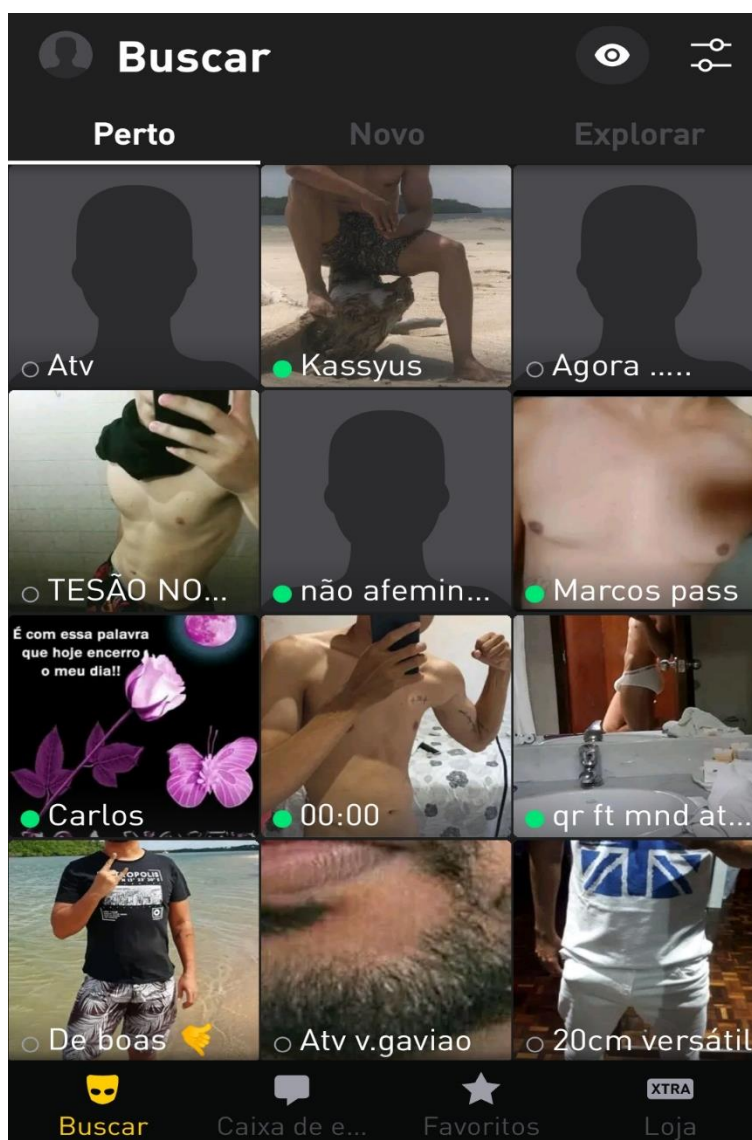
O advento da internet 2.0, a expansão da banda larga, a chegada das câmeras digitais e a popularização de equipamentos móveis para acessá-la permitiram com que a rede se imiscuisse de tal forma no cotidiano que já não evoca qualquer separação entre o que se faz

dentro ou fora dela. A vida conectada em rede começou a contestar a separação entre on-line e off-line, assim como a de que seria possível viver em um espaço alternativo e com regras próprias. Não só as normas do velho cotidiano face a face moldam nossas relações online, mas também – desde que o acesso à rede se disseminou – as características das interações por mídias digitais têm passado a modificar as do dia a dia. Talvez até seja mais acurado aventar que vivemos em uma nova esfera relacional, cujos horizontes, regras e também limitações estamos descobrindo ao mesmo tempo em que nela adentramos. (2017a, p. 22).

Essa construção do mundo digital vai se inserindo em nossas atividades diárias de modo que temos na palma da nossa mão, a um *clik*, possibilidades infinitas para as situações mais variadas possíveis. O *Grindr* possui uma versão gratuita e uma paga, as quais possuem diferentes funcionalidades e possibilidades de interações; na pesquisa utilizo as funcionalidades da versão gratuita que oferece algumas ferramentas básicas como, apresentação de sessenta perfis de usuários mais próximos, opção de filtros na busca por parceiros e a possibilidade de conversas via *chat*.

A interação entre os usuários acontece por meio da apresentação dos perfis online de outros usuários de tal forma que lembra uma vitrine de exposição, conforme apresentado na imagem 01. Na descrição dos perfis expostos os sujeitos podem colocar até 05 fotos, que não apresentem conteúdo sexual ou nudez, visto que fere a política do aplicativo, bem como descrever em um pequeno resumo quais são suas intenções ou prioridades na busca por um parceiro.

Imagem 01: *Layout de apresentação do Grindr.*

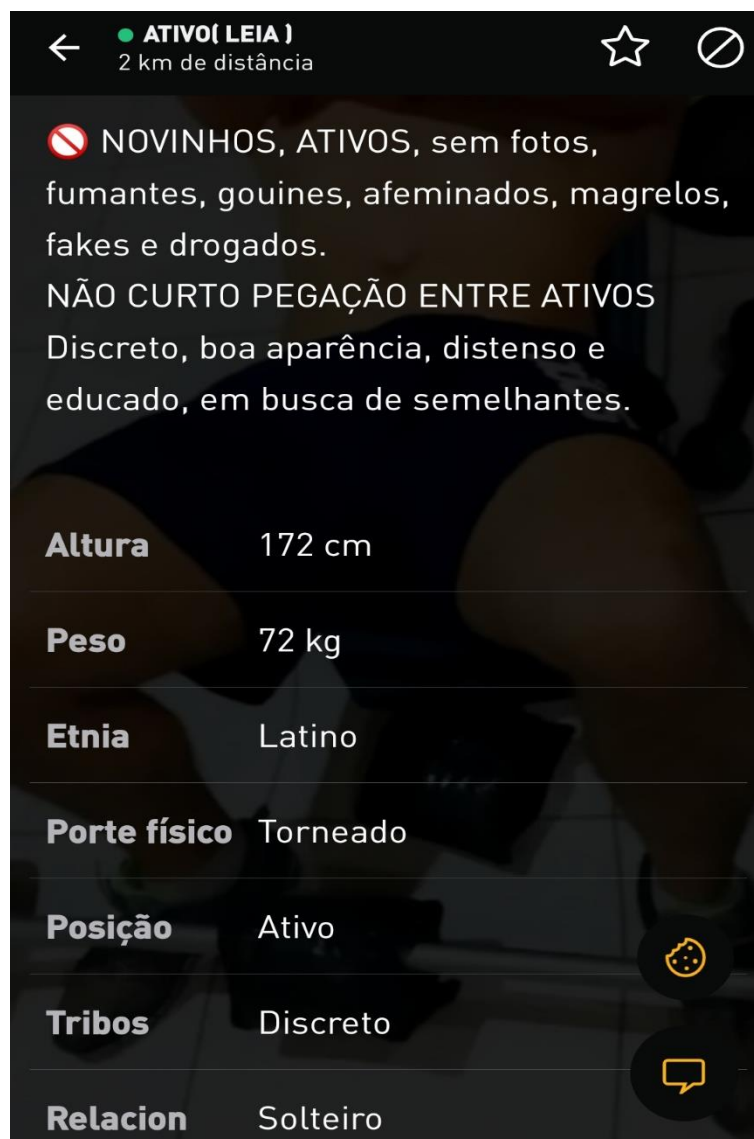


Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Outro aspecto que corrobora com essa busca é o preenchimento de algumas informações no perfil aberto ao público, onde é apresentado um panorama geral abrangendo aspectos amplos sobre a vida da pessoa tais como, dados estatísticos, expectativas, identidade, saúde sexual e redes sociais, conforme apresentado na imagem 02. Nesses campos específicos o administrador do perfil poderá inserir informações sobre si mesmo como, idade, altura, peso, etnia, porte físico, posição, tribos, relacionamento atual, além de também informar quais são as expectativas esperadas no app, onde podem ser inseridos aspectos como, em busca de, local de encontro, aceita fotos, gênero, pronomes, *status* HIV, último exame, assim como

também indicar quais outras redes sociais utiliza, *Instagram*, *Spotify*, *Twitter* e *Facebook*, disponibilizando no app o *link* de acesso a essas outras ferramentas virtuais.

Imagem 02: Layout do perfil dos usuários



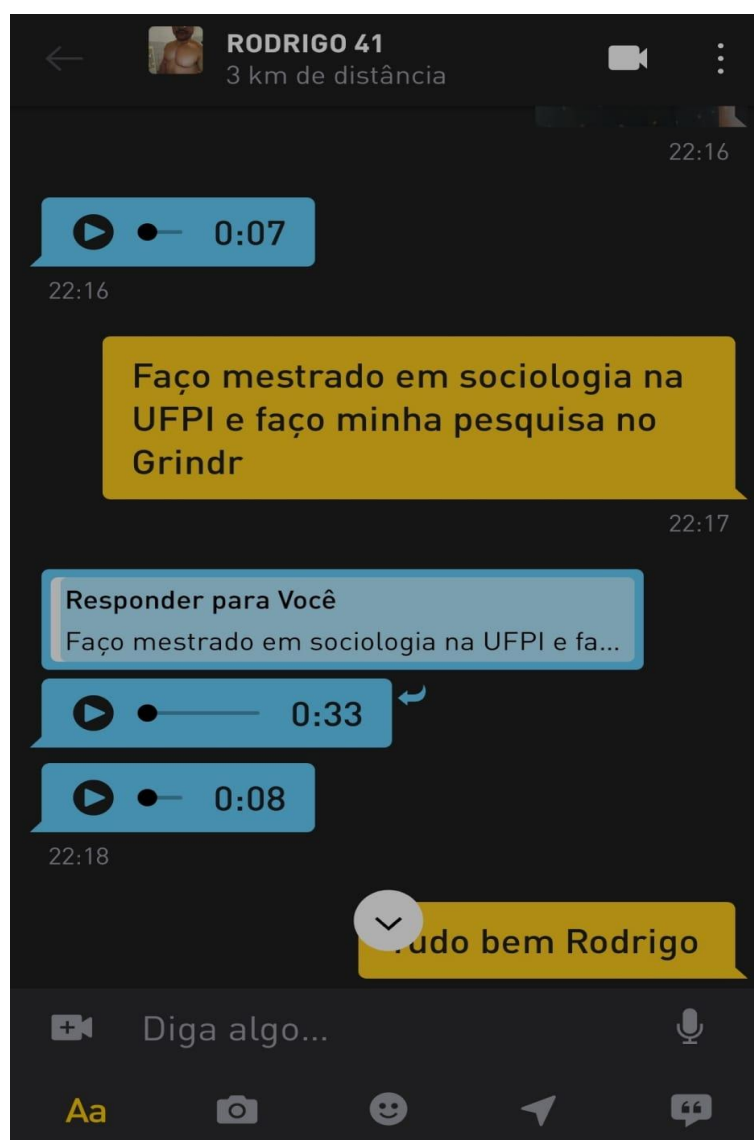
Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Na versão grátis o usuário poderá ainda utilizar a aba filtros básicos na procura por parceiros, selecionando três categorias, idade, em busca de, ou tribos. Para além desta seleção existe ainda a opção de filtros avançados onde se pode selecionar dentre as informações apresentadas, 'os usuários conectados, só com fotos, fotos de cara apenas, não conversei hoje, peso, altura, porte físico, posição, *status* de relacionamento, local de encontro, aceita fotos'. Essas funcionalidades possibilitam o

processo de busca a fim de que se encontre com maior facilidade aqueles perfis mais alinhados às exigências de quem está à procura ou caça de um parceiro.

A configuração apresentada pelo app possibilita um contato ágil e de fácil acesso aos que buscam possíveis parceiros. Além de todas as funcionalidades apresentadas, o app possibilita uma maior interação por meio de um *chat* que apresenta a possibilidade de conversas particulares por meio de mensagens de texto ou áudio, vídeo chamada, troca de fotografias, envio de localização e conta, também com a opção de bloqueio do usuário ou denúncia do perfil, como visto na imagem 03.

Imagem 03: Estrutura do chat do *Grindr*



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Essa interface de fácil manuseio e bastante interativa torna possível que os sujeitos que utilizam o *Grindr* tenham uma experiência virtual agradável no sentido de obterem diversas informações dos possíveis parceiros antes de demonstrar interesse ou mesmo realizar a troca de mensagens ou clicarem no ícone *TAP* utilizado para demonstrar interesse em outros usuários. A função do *TAP* é indicar que está interessado em um determinado usuário podendo ainda nessa funcionalidade evidenciando, por meio dos filtros de *TAPS*, se o toque realizado é com indicativo de que está interessado, considera atraente ou é apenas um toque amigável.

Na versão paga *XTRA* os recursos oferecidos envolvem a visualização de até 600 perfis de uma só vez, visualizar apenas quem está online, só perfis com fotos, filtros *premium* para buscas com mais facilidade, opção de salvar as frases favoritas no chat, mostrar recebido de leitura, marcar com quem conversou e não receber anúncios de terceiros. Além da *XTRA*, o *Grindr* também oferece a versão paga ilimitada que conta com todos os recursos disponibilizados na versão *XTRA*, e também mais sete recursos exclusivos que são, perfis ilimitados, navegação sem limite, visualização das últimas 24 horas, cancelamento de envio de mensagens e fotos, *status* de digitação, para ver quando estão digitando, fotos que expiram e tradução de conversas, bem como a utilização de todos os filtros de busca.

Diante das possibilidades de interações entre os usuários no *Grindr*, os filtros possibilitam uma maior afinidade entre os sujeitos pois proporcionam a aproximação de gostos e desejos similares ou afinidades por tribos. Diante de todo esse panorama, me proponho, nesta pesquisa, investigar dentro do universo virtual homens gays em processo de envelhecimento a partir de 40 anos de idade. A opção pela faixa etária a partir de 40 anos se dá devido ao entendimento de que os processos de envelhecimento de cada pessoa começam a partir das mudanças impostas pela própria sociedade em relação às vivências, experiências, singularidades, valores e desejos de cada indivíduo (GOLDENBERG, 2014).

Nesse contexto, assim como os usuários das diversas ferramentas e funcionalidades que a internet e as tecnologias proporcionam, facilitando trocas e contatos entre sujeitos de diferentes vivências e experiências gays, entendo que as relações construídas no ambiente virtual, proporcionam uma compreensão do que envolve os processos de envelhecimento dos indivíduos que se utilizam de tais artifícios para buscar parceiros virtuais.

As configurações sociais que desenham e entrelaçam as formas de agir e se relacionar com os pares impõem, de acordo com suas épocas, determinados padrões a serem seguidos pelas pessoas ao procurarem por uma melhor convivência e, conseqüentemente, maior interação entre os sujeitos sociais. Em tempos os quais a internet adentra cada vez mais as vivências sociais, especialmente no momento em que nos encontramos, em meio a uma pandemia, as relações configuram-se cada vez mais como sócio virtuais e são mediadas por ferramentas tecnológicas que apresentam diferentes formas de conhecer e interagir com pessoas que não se imaginava a possibilidade, seja pela distância, a língua, ou qualquer outro fator.

Essas incorporações tecnológicas facilitam a execução de diversas tarefas do dia a dia, nesse sentido, o uso de apps no cotidiano proporciona uma maior facilidade na realização de atividades sejam elas profissionais ou pessoais. Assim sendo, a dinâmica de utilização dos aplicativos de encontro, especialmente por parte de homens gays, imprime uma série de fatores que corroboram com a construção de uma norma social virtual quando da busca por um possível parceiro para relacionamento, lançando mão da construção de um perfil ideal que se apresenta como necessário para enquadramento das exigências nessas buscas.

CAPÍTULO 2

O MUNDO DIGITAL E AS “NOVAS” FORMAS DE SE RELACIONAR: A REDE COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO DE LAÇOS

2.1 Relações mediadas por ferramentas tecno-comunicacionais

É um recurso de sociabilidade e socialização, depende de como a pessoa quer usar, porque você pode tanto fazer amigos, quanto você pode só fuder, eu acho do meu ponto de vista, né[...]

Nerd, Interlocutor da pesquisa.

A internet tem adentrado cada vez mais no cotidiano das pessoas, ao longo das duas últimas décadas pudemos perceber uma grande inserção de aparelhos com essa tecnologia no dia a dia. Com a pandemia da Covid-19, pudemos notar quão necessárias foram as ferramentas oportunizadas por tal tecnologia quando da continuação e manutenção de serviços, aulas –para citar o nosso contexto –, bem como diversas outras atividades das quais ficamos impedidos de realizar presencialmente devido ao isolamento social.

De forma geral, a internet possibilita uma gama de facilidades para quem possui acesso às diversas tecnologias que podem ser utilizadas a partir de ferramentas conectadas à rede mundial. Como mencionado no capítulo anterior, para além de criar condições das mais diversas possíveis para a realização de quase todas as atividades que possamos imaginar, a internet configura-se como uma ferramenta de sociabilidade para seus usuários.

Observando o contexto da pesquisa, ousou dizer que a internet é a principal forma de socialização utilizada hoje pelo público gay, no sentido de facilitar interações e trocas que, de outras formas, não teriam a oportunidade de se encontrarem casualmente em suas relações cotidianas. Contudo, sua utilização e acesso necessitam reflexões sobre diferentes aspectos, pois essas ferramentas, ao passo que nos oferecem diferentes facilidades, constituem também espaços de trocas onde, dependendo das dinâmicas, reproduzem muitos aspectos da vida off-line. Nesse sentido, como aponta Nogueira.

O ciberespaço é um *locus* de extrema complexidade e heterogeneidade, estabelecendo diversas formas de interação, que envolvem duas ou mais pessoas. É um ambiente fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas que ocorrem em seu interior (JÚNIOR, 1999). O ciberespaço estabeleceu um novo tempo e espaço, além de novas formas de sociabilidade (JÚNIOR, 1997). (2020, p. 80).

Pensar o espaço virtual como um campo de sociabilidade onde relações podem ser estreitadas requer uma análise das construções por ele criadas, pois como podemos observar, na forma como são realizadas as interações entre os pares, existe uma grande fluidez na constituição e concretização das relações ali iniciadas. Como aponta Bauman (2011) parece haver uma batalha contínua entre os mundos online e off-line, nela ganham as interações virtuais, pois estas apresentam menos situações problemáticas que as vividas no mundo real, assim, as vivências virtuais são bem mais interessantes, pois necessitam apenas de quantidade, *likes*¹³, número de seguidores, curtidas, em detrimento da qualidade das relações estabelecidas.

Os contatos realizados no campo virtual são rasos, superficiais, descartáveis, líquidos e a busca por um possível parceiro, amigo ou mesmo apenas de alguém para conversar passa por uma série de critérios estipulados por quem usa o aplicativo. Logo, são considerados diferentes aspectos que se encaixam nas necessidades que o administrador do perfil, em qualquer que seja a rede social ou ferramenta de encontro, estipule e deseje encontrar. Esse é contexto no qual percebemos a construção de relações descartáveis, complexas e de consumo, uma vez que essas situações nos possibilitam compreender a superficialidade que envolve as relações mediadas por apps virtuais.

Essas dualidades/paradoxos apresentados nos parágrafos anteriores, com as quais se confrontam experiências agradáveis com outras não tão felizes, são indicativos dos conflitos que envolvem as relações online e off-line causando diferentes situações tanto no ambiente virtual quanto no real. Para além da facilidade de um *click* onde se pode deletar ou cancelar pessoas não tão legais, que não suprem as expectativas de qualquer usuário de app, a experiência no campo digital envolve muito mais um prazer relacionado a quantidade de seguidores, curtidas, republicações ou *likes* em detrimento de relações concretas. Ainda neste sentido, existem outras

¹³ Em português significa gostar, é utilizado em redes sociais para indicar que a pessoa gostou de uma publicação, foto ou vídeo postado na rede.

questões que lançam mão de preconceitos de raça, gênero, entre outros, ancorados no anonimato que a internet proporciona. O ambiente virtual cria, dessa maneira, possibilidades de construção de novas “identidades” já que, nele, qualquer usuário pode se transformar em quem quiser, expondo na rede o que achar que deve e da forma que melhor lhe convém, pois “[...] a lógica da visibilidade e o mercado das aparências desempenham papéis primordiais na construção de si e da própria vida como um relato.” (SIBILIA, 2008, p.48).

Nesse sentido, abrirei uns parênteses para discorrer sobre uma conversa com um interlocutor. Certa vez estava observando os usuários no *Grindr* com o intuito de captar novos interlocutores e já não me causava espanto quando alguns enviavam mensagens pedindo para participar da pesquisa. Contudo, me surpreendi com um homem que, na descrição de seu perfil, deixava claro suas preferências e desejos, ele iniciou o contato enviando um *tap*, prontamente respondi e, no desenrolar da conversa, expliquei estar em busca de sujeitos com idade acima de 40 anos e expliquei os motivos da escolha. Ele foi bem direto e, em seguida, ao perceber que não se encaixava nos requisitos da pesquisa disse que queria me encontrar para conversar ou quem sabe, dependendo da interação, “ver o que rolava”¹⁴.

Fiquei um tanto apreensivo com a situação, mas logo disse a ele que não me enquadrava no perfil que buscava, descrevi minhas características, meus trejeitos e forma de ser, tudo o que ele não buscava em um parceiro. Tal foi minha surpresa quando ele disse não ver problema em ficar com um cara afeminado, sem jeito e voz de macho, totalmente ao contrário do que ele buscava, reforçando o que afirma Sibilía quando diz que as “[...] tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios, e sobretudo, o cobiçado troféu de *ser visto*. [...]” (2008, p.111).

Esse pequeno relato apresenta de forma sucinta como se dão as interações ambivalentes no ambiente virtual, sendo necessário ser visto para existir, onde quem está à caça, deseja atingir os objetivos para o encontro do que procura no parceiro ideal a todo custo. O não cumprimento destes requisitos elimina completamente a possibilidade do outro ser conhecido, o simples fato do não encaixe em um único requisito lhe exclui da possibilidade de ser acessado, e assim, possivelmente o sujeito

¹⁴ A expressão “ver o que rola” é comumente usada no meio LGBTQIA+ para indicar se as pessoas se curtiram, sentiram atração uma pela outra e assim praticar sexo ou não.

que não faz o perfil desejado é bloqueado, excluído, silenciado. Miskolci descreve bem como acontecem estas interações no campo virtual.

[...] nas mídias digitais criamos redes baseadas em critérios de seleção personalizadas assim como “deletamos” ou “bloqueamos” sujeitos com os quais não queremos mais um contato. Assim, as relações mediadas se tornaram uma nova esfera relacional com critérios próprios e distintos dos que regiam as experiências face a face. (2017a, p.169).

É fato que o mundo virtual nos impõe uma nova configuração no campo das relações, no entanto, apesar de toda essa dinâmica é necessário refletirmos sobre o que realmente podemos considerar novo neste contexto; quais os aspectos que proporcionam um caráter de novidade a esses novos recursos de sociabilidade? E como estamos lidando com toda essa situação quando pensamos na construção de relações mediadas por instrumentos tecno-comunicacionais sejam eles amorosos, sexuais, de amizade ou apenas virtuais?

A construção desta pesquisa, como já mencionei, se entrelaça às minhas vivências pessoais. Sou um usuário nato dos dispositivos tecnológicos e tenho vários amigos que conheci por meio de apps virtuais, tendo em vista que utilizo com frequência diferentes ferramentas e plataformas que facilitam a interação com amigos, familiares, trabalho, fazendo com que essas questões citadas no parágrafo anterior sejam recorrentes em minhas reflexões. O fato de utilizar a internet para manter contato com minha família no interior, por si só, configura uma característica que faz das tecnologias uma novidade no contexto onde estou inserido; pensar que, mesmo distante, a qualquer momento posso realizar uma chamada de vídeo e conversar com minha mãe, irmãos, avós em outra cidade, considerando que, mesmo a parte mais velha da família, se rendeu aos encantos e facilidades criados por meio da internet.

Um aspecto que considero de grande importância na construção de relações virtuais é a possibilidade que temos de driblar essas situações de distância, que nos fazem, em diferentes momentos, nos sentirmos confortados e abraçados. Considerando especificamente os apps de relacionamento é necessário observar mais a fundo como se dão estas interações, pois como dito por vezes os sujeitos que se utilizam de tais recursos podem passar por situações de não cumprimento dos requisitos buscados e assim serem descartados, expondo a fragilidade e liquidez das relações ali realizadas. Neste sentido, Miskolci aponta como se dão essas relações.

[...]. Se no passado, em um contexto marcado por laços fortes, as pessoas podiam conhecer poucos parceiros em potencial e interagir face a face com eles negociando seus interesses, atualmente – por meios digitais – podem expandir seus contatos e interagir por meio de filtros e funcionalidades como a de bloquear ou deletar, tecendo grandes redes marcadas, predominantemente, por laços fracos, ou seja, mais fáceis de romper. (2017a, p. 134).

As configurações do espaço virtual remetem a sensação de estar totalmente no controle da situação, essa sensação indica diferentes aspectos que caracterizam as relações mediadas por ferramentas virtuais indicando um determinado perfil dos sujeitos, onde como afirma Bauman (2011), é preferível estar vinte e quatro horas conectado ao virtual, ao passo que a vida real nos impõe problemas que nos impedem em diferentes situações de sanar com apenas um *click*, *delete* ou bloqueio. Mesmo as relações humanas reais, quando se utilizam destes recursos, são encaradas como descartáveis e passíveis de serem deletadas quando não atingem os requisitos buscados.

Na verdade, principalmente as interações com outras pessoas são encaradas como rasas e fluídas, é como se no mundo virtual tivéssemos a obrigação de não ser verdadeiros e apresentar apenas o que nos convém para conseguir aquilo que queremos. Percebemos com isso que “[...] A lógica da velocidade e do instantâneo que rege as tecnologias informáticas e as telecomunicações, com sua vocação devoradora de tempos e espaços, sugere profundas implicações na experiência cotidiana, na construção das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos. [...]” (SIBILIA, 2008, p.58).

Essa forma das redes que ora exige traços e características reais e, em seguida, impõe e exige requisitos humanamente impossíveis de serem alcançados, nos impõe uma dura forma de conceber e encarar as relações humanas. Hoje é comum encontrar pessoas que dizem preferir ficar sozinhas a ter um relacionamento sério com alguém, neste sentido, muito do que construímos na vivência virtual, trazemos para as práticas off-line. Todo esse imaginário virtual não consegue se desprender em alguns momentos e, acessar o real, causa situações que dificultam a sociabilidade mesmo que virtual dos usuários de ferramentas digitais.

Essa dinâmica acaba interferindo de forma prejudicial nas relações que se colocam tanto nos espaços online quanto off-line. Sob esse cenário, se

considerarmos as implicações do uso destas ferramentas nas relações de homens gays como os que aqui pesquisamos, observamos uma infinidade de questões e problemáticas que podem ser levantadas ao pensar o uso de apps para fins de relacionamento. Várias situações são recorrentes nos apps de encontro tais como a objetificação de corpos, em especial do corpo negro, do qual se espera uma atuação como ativo na relação sexual e um bom desempenho, corroborando com preconceitos raciais vivenciados off-line, exigências inalcançáveis de perfeição, dualidades e confrontos em determinadas situações como por exemplo, diferenças de classe social, locais de moradia, idade, formação em nível superior, dentre outras questões que podem ser pensadas a partir dessas experiências.

Na caçada virtual assim como na real, diferentes noções e práticas pessoais são expostas e trazem à tona visões pré-concebidas pelos usuários de acordo com suas experiências. No mundo dos apps essas materializações são exibidas na forma de comentários nas conversas ou muitas vezes podem até mesmo serem reveladas nos perfis dos usuários, indicando o que Baydoun expõe.

O preconceito e a normatização não se manifestam apenas em palavras e atitudes, mais também se imiscuem nas fantasias e nos desejos sexuais e eróticos. Apesar das diferenças que constituem cada um de nós como sujeito único e singular, os desejos de muitos *corpos falantes* absorvem preconceitos e estereótipos dominantes que centralizam as relações homodesejantes na figura idealizada de homens “machos”, ricos e com corpos cujo o padrão ideal é intransigente, embora varie de um contexto sócio-histórico para outro. Assim, os desejos vão se constituindo imperceptivelmente como excludentes e segregatícios. (2020, p. 139).

A problematização do uso dessas ferramentas é facilmente percebida quando em algumas conversas com usuários do *Grindr* os próprios sujeitos que não configuravam o perfil da pesquisa, apresentavam suas próprias impressões e registravam suas queixas e inúmeras reclamações quando discorriam sobre a possibilidade da construção de relações no ambiente virtual, em especial no *Grindr*, confirmando o que Miskolci expõe quando diz que “[...] Ao invés de um impulsionador de relações arriscadas, os aplicativos tendem a criar filtros e seleções que tendem a higienizar a busca sexual.[...]” (2017, p. 225), tornando o ambiente virtual um local de conflitos de interesses, ambivalente, paradoxo e contraditório.

Mesmo diante de toda essa problemática e discussão que envolve atualmente não somente a utilização de apps de relacionamento, bem como, toda a importância da utilização e do poder da internet em nossas vidas, cada vez mais essas tecnologias se inserem em nossas atividades. Para homens gays essa interface do online se tornou uma prática comum, pois como aponta Baydoun.

Os aplicativos para busca de parceiros sexuais e amorosos são comuns no cotidiano de homens que buscam relações homodesejantes. O crescente sucesso de aplicativos como o *Grindr* constitui uma faca de dois gumes para as relações homodesejantes na atualidade porque, ao mesmo tempo que gera experiências de satisfação e prazer para muitos usuários, transforma outros em vítimas constantes de atitudes preconceituosas e exigências inalcançáveis em relação ao corpo, à masculinidade e à discrição. Em razão da homofobia e do preconceito contra homens que buscam relações homodesejantes, são muitos os que optam por não vivenciar seus desejos de forma aberta, para evitar as retaliações morais que assediam aqueles que expressam desejos por pessoas do mesmo sexo. (2020, p. 25).

Concretamente as ferramentas tecnológicas contribuem de forma ímpar para a construção de uma vida mais fácil e dinâmica, criando pontes e facilidades onde outrora não imaginávamos haver essa possibilidade. No entanto, nem tudo são flores, haja vista que as implicações, como mencionado anteriormente, são inúmeras, precisam ser discutidas e refletidas por quem faz as plataformas virtuais, seus criadores, como também por quem as acessa. Diante desse cenário, das configurações que vão se delineando com sua expansão, é necessário entender que “o amor é domesticado e positivado para a fórmula de consumo e conformidade, no qual todo e qualquer ferimento deve ser evitado” (HAN, 2017, p.20), tornando assim toda e qualquer relação, em especial as virtuais descartáveis, considerando não apenas as relações amorosas, mais sim todas as formas de relacionar-se.

Hoje, as pessoas têm em sua essência, por obrigação ou prazer, a necessidade de estarem conectados à internet o máximo de tempo possível, para acompanhar tudo o que acontece no mundo em tempo real. Sou suspeito para falar, pois eu mesmo não largo o celular um minuto sequer e quando, por ventura, não o tenho a mão fico ansioso, esperando chegar o momento de pegá-lo para ver se tem alguma notificação de mensagem, postagem, e-mail, ou o que quer que seja, e, até mesmo, quando vou dormir ele está comigo. Esse desenho que está sendo criado, sobre a forma como as

ferramentas tecnológicas estão enraizadas em nossas vidas, traz à tona uma nova concepção de mundo onde é possível compreender como Han que.

Na sociedade expositiva cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria que “está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério”. (2017, p. 31-32).

Assim, como resposta a estas “novas” formas de socialização observamos uma maior utilização de ferramentas virtuais na procura por parceiros, cabe lembrar, neste sentido que “[...] O tempo flui, e o truque é se manter no ritmo das ondas. Se você não quer afundar, continue surfando, e isso significa mudar o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência, os hábitos – em suma, você mesmo – tão frequentemente quanto consiga” (BAUMAN, 2007, p.108). O fato é que, embora facilite e aproxime pessoas com o intuito de proporcionar maior facilidade no encontro do parceiro ideal, o uso de apps, mesmo com essa funcionalidade, causa situações por vezes constrangedoras, preconceituosas, ou de abuso.

O mundo virtual nos leva a atravessar as fronteiras da vida para além das interfaces online/off-line, causando desta forma novas construções tanto no campo social, como cultural e pessoal, visto que “a virtualização e digitalização estão levando cada vez mais ao desaparecimento da realidade que nos oferece resistência” (HAN, 2017, p.92). Diante disso tudo, é comum acontecer o que Miskolci expõe sobre quem utiliza estas ferramentas pois, “muitos usuários digitais com intuitos sexuais e amorosos tendem a buscar (e até exigir) dos outros padrões corporais e culturais que eles próprios não atendem” (2017a, p.187). Essa necessidade de impor ao outro um perfil quase inexistente é o que causa na maioria das interações os bloqueios, exclusões e conseqüentemente a falsa sensação de estar com o controle da situação.

Tudo no mundo virtual é factível de solução imediata a apenas um *click*, o simples ato de excluir, deletar quem não agrada, aparenta ser a resolução de todos os problemas; é como se as interações no mundo virtual constituíssem uma outra dimensão da vida humana “real”, mas ao mesmo tempo não, onde posso interagir e me relacionar com pessoas que são semelhantes a mim, mas que também posso descartar os inconvenientes, as que não se enquadram ou não fazem o meu estilo.

É nesse sentido que compreendo as mudanças ocasionadas pelas tecnologias em nossas vidas, como facilitadora de proximidades, ao passo que cria separações, abusos, quantificando a vida ao invés de dar a devida qualidade às interações e relações humanas, tornando estas relações fluidas e banalizando a vida do outro. Assim, o universo virtual apresenta uma infinidade de oportunidades de conhecermos as práticas de socialização atuais considerando que.

A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades: em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo, que por vezes parecem saudavelmente excêntricas e megalomaniacas, mas outras vezes (ou ao mesmo tempo) se atolam na pequenez mais rasa que se pode imaginar. Como quer que seja, não há dúvidas de que esses reluzentes espaços da Web 2.0 são interessantes, nem que seja porque se apresentam como cenários bem adequados para montar um espetáculo cada vez mais estridente: o show do eu. (SIBILIA, 2008, p. 27).

Diante de tal cenário do qual não há mais volta, o que nos resta enquanto usuários dessas tecnologias é buscar compreender quais as implicações de sua utilização em nossas vidas e assim compreender quais os aspectos positivos, bem como os negativos que incorrem na utilização dessas ferramentas quando da prática de socialização, seja ela no intuito da busca por um parceiro amoroso, amizade, conversa, trabalho, etc. Tal reflexão é necessária visto que nossas sociabilidades sofrem diretas intervenções do uso cotidiano de ferramentas virtuais atingindo os mais variados campos assim como afirma Palihapitiya, ex-vice-presidente de crescimento do *Facebook*, no documentário *O dilema das Redes*, sobre o uso dessas ferramentas.

Nós construímos nossas vidas em volta de um senso de perfeição porque somos recompensados com sinais breves, corações e curtidas. Confundimos isso com valor pessoal e com a realidade. Quando na verdade isso não passa de uma frágil popularidade, que é passageira, e te deixa ainda mais vazio do que se sentia antes. Porque você entra em um círculo vicioso pensando: “o que preciso fazer agora? Preciso daquilo de novo.” Imagine isso multiplicado por dois bilhões de pessoas e como umas reagem às percepções das outras. (NETFLIX, 2020).

Pretendo, antes de iniciar as reflexões das falas dos interlocutores, apresentar uma breve explanação do perfil destes, para tornar mais compreensível a leitura desta

seção. Tive quatro interlocutores com idades entre 40 e 52 anos, antes de realizar a entrevista solicitei algumas informações sobre estes interlocutores para conhecer um pouco mais de suas realidades que culminou nas seguintes informações:

Quanto à classificação racial, todos foram diretos ao autodeclarar sua raça, três responderam ser pardos e um dos entrevistados é branco. Em relação à orientação sexual foi unânime a indicação afirmativa de que eram gays, homossexuais. A maioria das respostas nesse pequeno roteiro do perfil foram as mesmas para todos os entrevistados; sobre o estado civil todos indicaram estar solteiros; quando questionados sobre religião, três responderam que são ateus e um disse frequentar todas. Quanto à pergunta sobre se tinham filhos, novamente todos responderam que não têm filhos, sendo que um dos entrevistados perguntou se poderia incluir como filhos os seus animais de estimação, porque os considerava assim.

O nível de escolaridade dos entrevistados é um dado interessante sobre eles: dois possuem mestrado e trabalham como professores universitários, sendo que um deles atua também no ensino médio. Um dos entrevistados é especialista e trabalha como Educador Físico, e um deles não possui formação em nível superior, no entanto, trabalha como designer gráfico e artista visual. Outro aspecto que vale ressaltar diz respeito a renda destes sujeitos, que varia entre R\$ 3.500,00 a 8.800,00 mensal.

Ainda sobre os interlocutores da pesquisa com base na entrevista, nas conversas realizadas tanto no *chat* do *Grindr* quanto no *WhatsApp*, optei por nomear cada um de acordo com o perfil que mais se aproxima das características observadas considerando uma das funcionalidades do app, que é o filtro dos possíveis parceiros por “tribos”, assim, temos a seguinte distribuição, interlocutor 01 – Nerd, interlocutor 02 – Urso, interlocutor 03 – Discreto, e interlocutor 04 – Malhadinho.

Os interlocutores da pesquisa expõem de forma clara as impressões que possuem de recursos virtuais como o *Grindr*, em suas vidas. O interlocutor 1 – Nerd, ao expressar sua interação com outros sujeitos no ambiente virtual é direto ao dizer que “[...] buscava amigos para sexo e amizade, eu deixava bem evidente isso, né, agora como eu estou solteiro e analisando assim, eu vejo que [há] uma precária das pessoas no aplicativo, **precariedade** que eu vejo em vários sentidos, no sentido de a nos **sentidos mais práticos**, [...]”. Ao falar sobre precariedade no app Nerd se refere às condições postas para acesso e encontro físico com seus possíveis parceiros, e o reconhecimento destes por parte de um dos sujeitos que se desloca de um ponto a

outro da cidade, que tira um tempo para conhecer outra pessoa que nunca viu, aspectos não tão problematizados nas relações off-line.

Esta afirmação não deixa de apresentar as conclusões que ele construiu sobre as interações nas mídias digitais, onde existe conforme Bauman (2011) uma busca excessiva em ser notado por meio de *Likes*, curtidas, e seguidores, em detrimento das relações sociais reais e concretas do mundo off-line, onde podemos perceber por meio dos gestos, da voz e da postura das outras situações agradáveis ou desconfortáveis, não sendo possível aqui o uso do botão de delete.

O excerto da entrevista de Urso apresenta uma característica muito real das interações virtuais, ele aponta que “[...] a coisa é essa hoje em dia, os meios de comunicação atual que são os meios que a gente mais usa o *Instagram*, o *WhatsApp*, o *Grindr*, o *Skype*, eles querem uma **velocidade na comunicação**, isso não é ruim, isso não é ruim, isso é só um outro tipo de comunicação, [...]”. A fala de Urso apresenta um componente de nossa época que necessita de mais ponderações, visto que hoje o tempo, a velocidade com que as atividades e tarefas do dia a dia são realizadas devem ser atendidas em tempo hábil. É nesse sentido que Sibilia nos alerta que “[...] o tempo é uma categoria sociocultural, e suas características mudam ao sabor da história e de suas diversas perspectivas” (2008, p.124).

Essa busca inalcançável por atingir todas as nuances que a vida moderna nos impõe acaba como afirma Sibilia modificando algumas vivências que outrora não envolviam tantas adequações aos modismos. Como aponta Urso, hoje não só nas interações virtuais, mais em todos os campos da vida é preciso acompanhar o tempo veloz que exige de nós habilidades e expertises, para nos mantermos no páreo das interações sociais. O tempo veloz é assim uma característica dos modos de vida moderno onde “[...]. Vivemos, hoje, em uma cultura que se liberta do fardo das tradições e do próprio passado para afirmar-se alegremente na fruição do instante e no prolongamento de um presente perpétuo, onde o prazer e a felicidade são legitimados com todo o peso de um imperativo universal. [...]” (2008, p.186).

Outro aspecto que podemos observar em relação ao uso de mídias digitais na fala dos interlocutores é apontado por discreto que diz: “Primeiramente, é, eu acho que o *Grindr* é **muito visual** na verdade, né? Então assim, quando eu viajo eu coloco meu rosto, né, precisam me ver, logo sabem quem eu sou, né. Para evitar aquele negócio ‘como você é?’ E tal não sei o que.”. A apreensão do aspecto visual nas

diferentes ferramentas virtuais é um importante fator quando se pensa na busca por um parceiro neste ambiente. O uso da imagem corrobora com as intenções de muitos sujeitos quando apresenta, de certa forma, o que estes estão em busca: corpos perfeitos, postura máscula, parceiros com aparência heterossexual. Essas especificidades das mídias digitais se dão devido ao que Miskolci expõe.

Na sociedade contemporânea as representações sociais e as tecnologias midiáticas estão intrinsecamente associadas. A visibilidade se tornou sinônimo de imagens cuja produção e consumo precisam ser analisadas caso queiramos compreender como a internet, a televisão, o cinema e as mídias impressas nos mostram o mundo e o lugar que ocupamos nele. Durante o século XX, as tecnologias de comunicação ampliaram o campo do que é socialmente visível, inserindo-o em um mercado de demanda e consumo de imagens e representações. [...] (2017a, p. 265).

Na esteira dessas modificações sociais o próprio Miskolci apresenta as implicações das mudanças de hábitos nas interações virtuais, “[...] A busca de parceiro por meio de plataformas digitais reforça imagens midiáticas idealizadas, incentivando não só a busca por tais homens que “passam por hétero”, como também a corporificação desse modelo hegemônico. [...]” (2017a, p.49) imprimindo assim, uma determinada postura por parte dos usuários dos apps, como afirma discreto.

Para além dessas questões nosso último interlocutor, Malhadinho, apresenta suas impressões sobre as mídias digitais indicando que elas auxiliam a “**Conhecer novas pessoas**, para **amizade**, para **transar**, é isso, não tem outro objetivo.”, essa fala indica que o ambiente virtual confere aos seus usuários a possibilidade de socialização para além das relações online. No mundo digital as pessoas têm acesso a diferentes ferramentas que, neste caso é o Grindr, e assim podem utilizar-se desses meios para, dentre outras coisas, buscar um companheiro ou parceiro para namoro, sexo casual, amizade, entre uma infinidade de outras possibilidades.

Pensar as estruturas das mídias digitais como facilitadoras de interações é uma possibilidade que as tecnologias virtuais nos apresentam. De acordo com as falas dos interlocutores, diferentes aspectos corroboram para que essas ferramentas ajudem nas relações sócio virtuais, não deixando de imprimir sua marca na construção dos hábitos de nosso tempo. As mídias digitais, além de oferecerem possibilidades em diferentes campos, apresentam modelos distintos de socialização, bem como interferem nas interações para além do ambiente virtual.

2.2 Tramas virtuais: de que forma o poder envolve estes sujeitos

[...] eu faço parte de um nicho, eu faço parte de uma parcela da população gay, que os gays não consideram mais, digamos, não é mais o gosto, né eu estou fora do padrão, então eu sou um homem com mais de 50 anos, sou um homem gordo, caseiro, que gosta disso de ficar em casa, então eu sei que estou fora dos padrões que a maioria dos gays quer, porque a maioria dos gays, eles querem sempre a juventude, a beleza, basicamente isso.

Urso, Interlocutor da pesquisa.

O emaranhado de conexões possibilitado pela internet proporciona uma grande oportunidade de investigação em suas diferentes facetas de utilização. Essas conexões formam uma teia de informações que quando analisadas com mais atenção apresentam características reais das mudanças oportunizadas pela inserção cada vez maior das tecnologias na vida atual. Para tanto, no presente tópico discorro sobre como dentro dessa teia são tecidas as tramas virtuais que apresentam os aspectos que fazem refletir sobre como, nas interações online, se dá a construção ou a percepção de relações de poder entre os usuários do Grindr.

As redes virtuais envolvem em sua dinâmica uma série de fatores que interferem nas relações online/off-line e, nesse contexto, busco compreender quais os sentidos apreendidos pelos interlocutores da pesquisa sobre as construções relativas às relações de poder exercidas no Grindr. Mas por que pensar o poder em um app de pegação gay? Qual o entendimento ou a relação que esse termo envolve e abrange no contexto das mídias digitais? E para além de tudo isso, como se exerce poder no campo virtual? Diante destas reflexões proponho uma breve explanação do conceito de poder, bem como o entendimento desses recursos conforme Foucault apresenta em suas teorias, partindo da noção de que “[...] Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade, o poder produz: ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade. [...]” (1987, p.161).

Assim, quando somos indagados a refletir ou pensar sobre poder logo nos vem à mente algo que envolve força, dominação, as dicotomias chefe/subordinado, dono/empregado, pai/filho, professor/aluno. De forma mais ampla, a aplicação de

situações de poder pode envolver toda e qualquer atividade de nossas vidas se pensarmos nele apenas como uma dinâmica de dominação e submissão. Para a construção do entendimento que aqui desenvolveremos sobre o termo, gostaria de apresentar inicialmente o conceito de poder segundo o dicionário que conceitua o seguinte “poder (po. **der**) s.m. 1. Faculdade. 2. Autoridade. 3. Posse. 4. Possibilidade. v.t.d. 5. Ter a faculdade de. 6. Ser autorizado para. 7. Ter capacidade de aguentar. 8. Ter o direito de. v. i. 9. Ter força física ou moral. 10. Ter possibilidade.” (BUENO, 2007, p. 548).

Da forma mais comum, a compreensão de poder é atravessa sempre por situações envolvendo força, autoridade e posse, assim, pensando nas relações mediadas por apps de relacionamento virtual, nos transferimos para uma outra esfera de como se darão essas construções envolvendo particularidades de um ambiente online, entendendo que “[...] Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo, inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. [...]” (FOUCAULT, 1975, p.168). É nesse sentido que busco compreender como se dão as relações na dinâmica virtual mediada por ferramentas tecnológicas, buscando entender de que forma as interações virtuais configuram situações que envolvem poder e como são desenvolvidas essas tramas.

Tal qual Foucault percebo o sentido de poder de uma forma bem mais fluída e palpável, não correspondendo apenas a luta entre dois sujeitos, mas abrangendo toda a forma de construção das relações existentes entre dois ou mais envolvidos em um certo contexto, pois “[...] o poder não é uma substância ou uma qualidade, algo que se possui ou que se tem; é, antes, uma forma de relação.” (CASTRO, 2016, p.326). Entendendo, dessa maneira, que a construção do conceito de poder se transforma em uma oportunidade de compreender como se dão as interações desenvolvidas na esfera do contexto virtual, considerando quais aspectos apresentam essas tramas envolvendo seus atores.

O cenário virtual, nesse sentido, nos possibilita observar relações de todas as formas e possibilidades possíveis e no Grindr é provável encontrar gays de todos os tipos: másculos, que configuram a preferência da maioria; pretos, peludos, que fazem parte dos fetiches de muitos; gordos, que em sua maioria são descartados, mas que

também adentram nas preferências de alguns por meio de fetiches, entrelaçando, desse modo, características que nos fazem perceber que, “[...] Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação.” (FOUCAULT, 1988, p. 48). Neste universo de possibilidades fora da norma heteronormativa, onde diferentes corpos desviantes buscam por parceiros, existe uma série de exigências que constroem uma barreira no sentido de possibilitar esses encontros e possíveis concretizações dos desejos virtuais.

A configuração das interações no Grindr impõe diferentes perspectivas para seus usuários dependendo da performance que cada um apresenta. Neste sentido, me sinto atravessado por estes meandros que envolvem as tramas desenvolvidas na rede pois, como já mencionado, sou um homem gay de trinta e três anos, que não faz muito o tipo ideal da maioria dos usuários do app; é como se carregasse comigo todas as características que são indesejadas por quem procura um parceiro no mundo virtual: afeminado, de corpo e estatura normal, sem músculos avantajados, com voz fina e delicada, isso me faz ser o tipo de usuário de app que não tem lá muitas investidas.

O contexto do espaço virtual, apesar de apresentar suas interações e relações em uma plataforma online, oferece a oportunidade de observar a construção das dinâmicas de poder, em especial quando pensamos nas construções desenvolvidas por sujeitos que, para além das vivências fora da norma vigente heteronormativa, passam por seus processos de envelhecimento. Toda essa estrutura desenhada no espaço virtual corrobora para entendermos as relações de poder desenvolvidas nesse espaço pois.

[...] As relações de poder exigem que “o outro (aquele sobre quem se exerce) seja reconhecido e mantido até o final como um sujeito de ação, e também que se abra, frente à relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis” [...] As relações de poder são um conjunto de ações que tem por objeto outras ações possíveis, operam sobre um campo de possibilidades: induzem, separam, facilitam, dificultam, estendem, limitam, impedem. [...] O poder se exerce apenas sobre sujeitos livres, ou seja, sujeitos que dispõem de um campo de várias condutas possíveis. Quando as determinações estão saturadas, não há relações de poder. “O poder não se exerce senão sobre ‘sujeitos livres’ e na medida em que eles são ‘livres’. Entendemos por sujeitos indivíduos ou coletivos que têm diante deles um campo de possibilidades onde se podem dar muitas

condutas, muitas reações e diferentes modos de comportamento. (CASTRO, 2016, p. 327).

Dependendo da performance desempenhada no próprio app, os sujeitos imprimem relações e formas de poder que atravessam toda a interação realizada com seus pares. Não são relações apenas atravessadas ou marcadas pelas características exigidas pelos usuários, são perpassadas por uma série de fatores que constituem o entrelaçar de diferentes aspectos que vão contribuir no sentido de desenhar esse poder.

O emaranhado de interconexões virtuais passa pela constituição de toda uma aparelhagem social que visa a moldar, para além de outras características do humano, o seu corpo, fazendo deste um instrumento eficiente e eficaz no sentido de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade harmoniosamente perfeita. É nesse sentido que as disciplinas do corpo interferem em toda a vivência dos que por ela são afetados pois, “A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas” (FOUCAULT, 1988, p.48).

Intencionalmente ou não, estamos envolvidos em relações que para além das estruturas socialmente impostas, nos colocam diariamente em contextos que envolvem questões de poder. Toda construção social que vivenciamos está envolta em uma dinâmica de poder e com as ferramentas digitais não seria diferente. Existe neste sentido, uma grande discussão que considera o poder, nesse caso, a dominação exercida pela internet em nossas vidas, a grande influência causada pelas tecnologias em diferentes campos da vida, para além de apenas o entretenimento por meio de plataformas de encontro virtual, como é o caso do Grindr.

Considerando as especificidades do Grindr, a facilidade no envio de mensagens, fotos, áudios, localização, adentramos outro aspecto que é a discussão do que se configura público e privado nesse universo. Concernente a essa questão, lembro-me de um episódio que aconteceu em Teresina no Grindr em 2019, a referente situação foi, inclusive, bastante comentada em rodas de conversa online e off-line, sobre o vazamento de fotos íntimas de muitos usuários do app. O usuário em questão que possuía o acervo de fotos íntimas, segundo relatos. Conversava com diversas pessoas e em determinado momento das conversas, quando se fazia a troca de

“nudes” ele arquivava as fotos, dessa forma, durante o período de um ano ele realizou esse trabalho de arquivamento de fotos íntimas de vários homens, chegando em determinados casos a chantagear alguns deles, ameaçando lançar as fotos em redes sociais, o que culminou no ápice deste acontecimento. O caso teve como desfecho a divulgação das fotos íntimas de vários usuários, o que gerou muita discussão e a tomada de medidas legais por parte de alguns usuários que se sentiram ofendidos com a divulgação das imagens.

Além de situações como essa, as discussões que tratam da interferência das redes em nossas vidas vão muito além de casos como o mencionado anteriormente, no documentário “O Dilema das Redes”, Jeff Seibert, que foi executivo do Twitter, expõe o seguinte comentário sobre o poder das empresas de tecnologia e como elas adentram nossas subjetividades.

O que eu quero que as pessoas entendam é que tudo o que fazem na internet está sendo assistido, rastreado e medido. Cada ação sua é cuidadosamente monitorada e registrada. A imagem exata na qual você parou para ver e por quanto tempo a viu. Sim, é sério. Por quanto tempo. Sabem quando as pessoas estão solitárias ou deprimidas. Sabem quando estão olhando para fotos de ex-companheiro. Se você é introvertido ou extrovertido, que neuroses você tem, como é a sua personalidade. (NETFLIX, 2020).

Outras situações comuns no mundo virtual passam pela veiculação de opiniões individuais, cancelamentos, boicotes, que envolvem também, toda essa reflexão de até onde estou em um perfil individual ou em um ambiente público e quais aspectos do uso desses meios constituem ou dizem respeito a minha privacidade, pois assim como reflete Sibilia, “[...] o que resta aqui, da velha ideia de intimidade? O que significa “público” e o que exatamente seria privado” nesse novo contexto? Desmancham-se as fronteiras que separavam ambos os espaços em que transcorria a existência, desafiando as velhas categorias e demandando novas interpretações.” (2008, p.34).

Na esfera individual, me questiono muito sobre o quanto as informações disponibilizadas em um perfil no Grindr dizem sobre minha intimidade, lembro que certa vez comentava sobre a questão do status HIV solicitado na descrição do perfil dos usuários do app, bem como também as preferências sexuais, que são uma parte muito íntima das vivências de cada um. Porém, além das discussões sobre público e privado no âmbito individual as questões aqui discutidas envolvem contextos bem mais amplos e complexos. Estruturas e configurações não apenas do plano cultural,

mas também político e econômico são atravessadas por essas questões, uma vez que na constituição das soluções do sistema, como afirma Morozov “[...]. Não resta quase nenhuma restrição social, econômica ou política que o Vale do Silício não tenha se empenhado em romper.” (2018, p.19).

Toda essa participação e forma de controle da vida humana, com apoio de ferramentas tecnológicas, nos leva a compreender que, cada vez mais, as divisões e oposições sociais se instalam no sistema no qual vivemos envolvendo até mesmo as dinâmicas virtuais. É nessa direção que Morozov aponta sua crítica em relação à questão da privacidade de dados por parte das grandes empresas detentoras de dados digitais.

Já que as nossas redes de comunicação estão nas mãos do setor privado, não deveríamos cometer o mesmo erro em relação à privacidade. Não deveríamos limitar a solução desse problema complexo às propostas oferecidas pelo mercado. Infelizmente, graças ao zelo empreendedor do Vale do Silício, essa privatização já está em andamento. A privacidade está se tornando uma mercadoria. Como se consegue privacidade hoje em dia? Basta perguntar a qualquer *Harcker*: somente aprendendo a usar as ferramentas adequadas. A privacidade deixou de ser uma garantia ou uma coisa de que desfrutamos gratuitamente: agora temos de gastar recursos para dominar as ferramentas. Esses recursos podem ser dinheiro, paciência, atenção – dá até para contratar um consultor que se encarregue de fazer tudo isso -, mas a questão é que a privacidade hoje é algo caro. (2018, p. 36).

Talvez essa seja uma das questões que mais devemos atentar quanto ao uso e inserção das tecnologias em nossas experiências pessoais: até onde estou me expondo publicamente? Quais formas e que garantias tenho de que estou em um ambiente seguro, longe de ataques ou investidas que tornem públicas minhas escolhas na rede? Essas tecnologias de alguma maneira nos enquadram no que Foucault considera disciplina, em especial de nossos corpos pois “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p.118). Logo, de alguma forma, nos rendemos às configurações virtuais que nos impõem essa necessidade de expor nossas vidas por meio das redes sociais, blogs, sites, ou quaisquer outras plataformas virtuais, exercendo certa dominação sobre nossos corpos.

Para além dessas normas sutilmente impostas às vivências atuais onde a exposição do ser é quase que uma obrigatoriedade da vida, onde, quando não se está

de acordo com essas configurações, nos tornamos extraterrestres; temos o enclausuramento em categorias ditas anormais, o que não deixa de também ser uma configuração de poder pois o exame configurara-se como “[..] uma nova modalidade de poder em que cada um recebe como *status* sua própria individualidade, e onde está estatutariamente ligado aos traços, às medidas, aos desvios, às “notas” que o caracterizam e fazem dele, de quaisquer modo, um “caso”” (FOUCAULT, 1999, p. 160).

Perante as diferentes ocorrências vivenciadas virtualmente por usuários de apps, diversas condutas e práticas são externadas corroborando para uma análise das relações de poder ali exercidas, expondo as configurações do poder nas interações virtuais. Destarte, predominam determinados perfis na preferência da maioria dos usuários de apps. Conforme Baydoun essa busca envolve, entre outras características.

Quem está “dentro do padrão normativo” é considerado pelo *ethos* sexual vigente como a única possibilidade de ser-existir-desejar como homem digno de ser desejado. A existência daqueles que destoam desse “padrão normativo”, como os afeminados, os magros, ou os homens que não conseguem “parecer heterossexuais, mesmo que não sejam”, é negligenciada, invisibilizada simplesmente por não se adequar aos pressupostos heteronormativos idealizados. (2020, p. 116).

Miskolci também apresenta suas impressões de como se dão essas relações virtuais apresentando suas considerações sobre as dinâmicas observadas em suas pesquisas, nesse campo.

No universo dos aplicativos, a aparente abundância de parceiros é contrabalanceada pelo contexto de mercado amoroso e sexual, no qual vigora uma competição generalizada pelos perfis considerados mais desejáveis, enquanto a maioria dos outros perfis encontra várias formas de discriminação, rejeição e frustração. Ao mesmo tempo que essas plataformas ampliam o número de parceiros em potencial, elas também obrigam ao usuário a se apresentar e, especialmente, se constituir como desejável. Trata-se de um exercício difícil, que envolve outras tecnologias que não apenas comunicacionais, mas também corporais como a prática de musculação, consumo de suplementos alimentares e prática de dietas. (2017a, p. 221).

Tais considerações nos lançam sobre um terreno que envolve para além das relações, em um contexto off-line, as observações de como acontecem as relações

no campo do online mediadas por ferramentas tecnológicas específicas, como é o caso do Grindr. De posse desta compreensão, lançarei mão das falas dos interlocutores da pesquisa com o intuito de perceber quais características são identificadas nas relações de poder exercidas no ambiente virtual do Grindr. Para tanto, busco entender nessa perspectiva como ocorrem essas construções compreendendo que.

[...]o poder funciona mediante a cultura e os costumes, as instituições e os indivíduos. Da mesma maneira, seus efeitos também são múltiplos, não simplesmente negativos ou positivos, mas, como ele o coloca, “produtivos”: são avaliações instáveis, tanto positivas quanto negativas, que podem ser revertidas através da história. (TAYLOR, 2018, p. 77).

Diante de todas as reflexões realizadas, alvitro analisar os aspectos que envolvem, segundo os interlocutores da pesquisa, as situações, falas, descrição de casos que aconteceram no Grindr, que configuram aspectos possíveis de entender como ocorre a construção de poder no ambiente virtual, considerando suas especificidades, características e, principalmente, a subjetividade dos interlocutores no sentido atribuído às situações vivenciadas por ele. Porquanto, considerando essas experiências pessoais como possibilitadoras na construção do conhecimento dos processos de envelhecimento dos interlocutores, tornando suas falas como alicerce na configuração de todo o processo de constituição de resistência frente a uma sociedade machista e heteronormativa, pois.

[...] O poder está sempre acompanhado pela resistência; a resistência é, de fato, uma característica estrutural fundamental do poder: “Onde há poder, há resistência e, no entanto, ou antes consequentemente, esta resistência nunca está em uma posição de exterioridade em relação ao poder” (1990^a:95). Sem resistência, sem dois corpos (ou mentes) empurrando ou puxando um contra o outro, não há relação de poder. E através da resistência as relações de poder podem ser alteradas. (TAYLOR, 2018, p.38).

Conforme podemos observar em um trecho da fala de Nerd, “[...] o *Grindr* ele é um recurso que ele pode ter que **várias possibilidades**, eu vejo, eu utilizo nesse sentido, como um recurso de várias possibilidades, que eu posso tanto gozar **sem compromisso, sem nomes, sem afetividades**, entre aspas, quanto posso **construir** um laço de **amizade, afetividade**.” Essa fala de Nerd expõe uma imagem que muitos

usuários do app têm, de que ele possibilita relações, as quais podem ser tanto duradouras quanto superficiais, dependendo do interesse e da forma como é conduzida a conversa entre os usuários, apresentando, dessa forma, indícios de relações de poder entre esses indivíduos. As palavras de Nerd também podem ser entendidas na fala Foucault sobre as experiências sociais.

Quanto a nós. Estamos em uma sociedade do “sexo”, ou melhor, “de sexualidade”: os mecanismos de poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneratura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. (1988, p.138).

As “possibilidades” indicadas pelo interlocutor em alguns contextos não são tidas como normas sociais aceitas, pois existe toda uma estruturação vigente por trás das atuações e performances realizadas por cada indivíduo que quer enquadrar ou tornar normal suas escolhas, em especial quando se trata do sexo, pois este, “[...] De um lado, faz parte das disciplinas do corpo, adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence a regulação das populações. [...]” (FOUCAULT, 1988, p.136). Partindo de uma noção macro, o poder vai estruturando e orientando como devemos proceder para sermos aceitos socialmente. Observando as interações sócio virtuais dos sujeitos podemos notar que também nessas relações há construção de poder que abrange, conforme observado na fala de Nerd, a escolha/opção por só transar, ou construir laços mais estreitos enraizados.

Para Urso no contexto do Grindr é preciso ter um jogo de cintura, “Então quando você, escapa desse meio, você tem que **estar preparado para você**, é **ser recebido com uma certa frieza**, mesmo. Então é o que eu percebo, [...] e também assim quando eu entro no *grindr*, eu algumas [...] não é todo dia, é raro, você ser assediado, geralmente sou eu que **vou atrás**, vou **caçar** digamos assim, entendeu”. De acordo com sua fala no ambiente virtual é necessário ter uma maturidade e autoconhecimento visto que não são todas as interações que acontecem de forma amigável.

Para se dar bem na caçada por um parceiro no Grindr, o interlocutor afirma que muitas vezes precisa “ir atrás” ou “caçar” por conta própria, esta situação imprime, de

certa forma, uma contradição do app já que este apresenta uma variedade de perfis, como numa vitrine, para todos os gostos e tem como intuito aproximar as pessoas. Aqui percebemos novamente relações que se entrelaçam com o poder quando se faz necessário que esses usuários tenham segurança de si, e atitude para buscar um possível parceiro, podendo lograr êxito, ou não, nessa busca, visto que no ambiente online, assim como no off-line, “[...]. Há fortes misoginias e misantropias, sexismos de todas as espécies, porque qualquer relação de poder gera mais rancor do que amor e afeto.” (GREEN Et al. 2018, p.185).

Na teia do poder virtual outro interlocutor da pesquisa, o Discreto, traz a seguinte reflexão sobre o Grindr, considerando este como um “[...] microcosmo que a gente vive no *grindr*, né? Então assim já **pulo certas etapas** para algumas pessoas, né? Eles **estão me vendo** e tal, e aí essa recepção varia muito, ponto em relação principalmente a **imagem**, né? Em relação ao **texto** também, né? Ele acaba se conectando com a imagem, porque quando eu coloco meu rosto eu sempre falo assim ‘mostre teu rosto porque o meu está aí’, né, e aí, eu já começo condicionando, né?”.

O trecho da fala do Discreto apresenta importantes percepções das interações virtuais, de tal forma que o interlocutor faz uso de um artifício que o ajuda a “pular etapas” no jogo da conquista, ele se vale da utilização de sua imagem e já condiciona a conversa com seus possíveis parceiros. A utilização da imagem é um poderoso artifício na busca virtual, porque ela como o próprio interlocutor fala, auxilia na interação entre os usuários, complementando o que o usuário expõe em sua descrição textual no perfil, ao apresentar, em alguns casos, os atributos físicos que podem ou não ser desejados por quem está à caça.

O fato de utilizar a imagem como uma ferramenta de auxilia nas interações virtuais é um aspecto importante no mundo virtual; com efeito, vários estudiosos de temas virtuais (Sibilia, Han, Miskolci) percebem que a estratégia de exposição do corpo por meio de fotografias corrobora com as interações online, facilitando o acesso de outros usuários ao perfil que apresenta imagens. Neste sentido, Foucault ajuda-nos a compreender a dinâmica de poder que envolve essa exposição do corpo como uma ferramenta que apesar de ser disciplinada, serve ainda para a construção de um ideal de corpo, para além dos adestrados, sendo socialmente aceito pelos demais.

[...] O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos de poder, oferece-se a novas formas de saber. Corpo do exercício mais que da

física especulativa; corpo manipulado pela autoridade mais que atravessado pelos espíritos animais; corpo do treinamento útil e não da mecânica racional, mas no qual por essa mesma razão se anunciará um certo número de exigências de natureza e de limitações funcionais. (1987, p. 132).

No entanto, nem toda relação de poder se dá na forma de interações rígidas e de controle, o interlocutor Malhadinho discorrendo sobre o Grindr afirma que “Quando eu digo que **tenho 44 anos**, eu sempre fui recebido de forma **muito positiva**, porque as pessoas [...] acho que imaginam por eu ter 44 anos **é uma pessoa mais madura**, eu acho que tem esse **estereótipo** aí do cara mais maduro, do cara [...] entendeu?”. Em sua fala é possível observar aspectos positivos quando este diz que ao se apresentar como um homem de 44 anos alguns usuários o acessam de forma favorável pô o considerar alguém maduro.

A idade faz com que ele seja visto como alguém com maturidade e conseqüentemente pode favorecer a interação virtual entre ele e outros sujeitos, apesar de Malhadinho indicar ainda a questão dos estereótipos no universo do app, aqui o termo é visto como algo favorável à busca por um possível parceiro. O trecho da entrevista de Malhadinho apresenta configurações outras do conceito comumente utilizado de poder, indicando que “[...] o poder não apenas reprime e silencia, mas estimula e até compele a profusão de determinados discursos sobre a sexualidade, pautando padrões de normalidade e, portanto, de exclusão, ainda mais quando o poder político é menos compartilhado democraticamente” (GREEN Et al. 2018, p.185).

As falas dos sujeitos da pesquisa apresentam diferentes interfaces de como podemos perceber as relações de poder para além das constituídas de controle, dominação e posse. Neste sentido, as interações virtuais no Grindr apresentam variados aspectos que corroboram para a construção de relações de poder quando oportunizam a opção e escolha por apenas fazer sexo ou construir laços mais fortes, quando exige um grau de autoconhecimento e aceitação para ir em busca de um parceiro no ambiente virtual; bem como, estar seguro de si a ponto de apresentar sua imagem e exibir a idade real em um ambiente onde se prima e busca por determinados padrões de corpos e pessoas.

CAPÍTULO 3

QUE COMECE A CAÇADA: INCURSÕES SOCIAIS SOBRE O USO DO GRINDR POR HOMENS GAYS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

3.1 O que é “novo” e o que é velho nas relações gays mediadas por tecnologias

Eu sou recepcionado de forma positiva, isso vai depender muito dos estereótipos, né? Dá outra pessoa também, porque é um jogo de estereótipos o *Grindr*. Às vezes sou recepcionado de forma positiva, algumas vezes não, isso vai depender do estereótipo que a pessoa está procurando também do outro lado.

Malhadinho, interlocutor da pesquisa.

Partindo do excerto de Malhadinho no qual ele expõe a forma como é recebido no Grindr, início as reflexões sobre o que as ferramentas tecnológicas trazem de novidade às sociabilidades de homens gays em processo de envelhecimento. Nesta seção apresento um breve panorama das construções sociais sobre homossexualidade em especial no contexto brasileiro, para então confrontar as performances e noções do que foram e são atualmente as vivências desses homens, considerando suas interações no campo virtual, visto que “[...] saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade e, pobreza, racismo e sexismo.” (RIBEIRO, 2020, p. 83).

Entender as mudanças históricas pelas quais passamos ao longo dos anos é um exercício necessário para compreender as diferenças entre as gerações, principalmente quando pensamos os vários aspectos que configuram as construções sociais relacionadas às diferentes formas de sociabilidade. Tomando como ponto de partida a noção de tempo como transformador e gerador de características sociais de uma dada época entendemos que quanto a sexualidade.

Todas as sociedades estabelecem alguma espécie de diferença entre o tipo “certo” e o “errado” de sexo. Essas prescrições normativas são frequentemente formuladas em linguagem médico-biológica, de modo que a conduta ou orientação moral ou socialmente desaprovada é rotulada de “anormal” e “patológica”. Mais alguns padrões de

comportamento que são obviamente disfuncionais ou incorretos em um contexto, por exemplo, o contexto de reprodução ou de manutenção das relações de família, podem ser inteiramente funcionais e úteis em outro contexto (digamos, proporcionar satisfação emocional, sensação de bem-estar). Por trás de quaisquer definições normativas de sexualidade “certa” e “errada” estão sempre ocultas relações de poder, tais como o controle social dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, do estado sobre os indivíduos. A luta em torno dessas regras e definições é o cerne de toda a história da sexualidade. (OUTHWAITE, BOTTOMORE. 2019, p. 685).

No Brasil, a homossexualidade sempre foi vista como algo abjeto, desprezível, em diferentes épocas de nossa história os homossexuais eram vistos como anormais, doentes e, em algumas circunstâncias, como importunadores da boa convivência social, em suma, “[...] A polícia, a justiça e a medicina trabalhavam em uníssono para conter e controlar esse “desvio”.” (GREEN, 2019, p.201). Por bastante tempo homossexuais tiveram suas vidas atreladas a anormalidade, até a retirada do termo homossexualismo pela Organização Mundial de Saúde – OMS, da lista da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – CID em maio de 1990.

Durante muito tempo homens que sentiam atração afetiva e sexual por outros homens foram perseguidos e tidos como loucos, muitas vezes, por seus próprios familiares, sendo levados a clínicas psiquiátricas para tratarem suas supostas doenças que os faziam desviarem-se da norma. Com o passar do tempo, alguns gays passaram a se organizar em grupos para pensar e refletir sobre suas identidades consideradas fora dos padrões normais. (GREEN, 2018). A organização de coletivos, grupos, jornais, facilitou o intercâmbio e troca de experiências entre gays de todo o país.

Aos poucos a cena política, cultural e econômica que transpassa as vivências homossexuais foi ganhando mais visibilidade e suas lutas por direitos igualitários também começam a lograr êxito em alguns sentidos. Mesmo com um movimento organizado tão jovem, muitos direitos foram conquistados dos quais podemos citar, “[...] reconhecimento do direito à união homoafetiva em 2011, no Supremo Tribunal Federal (STF), e do casamento civil em 2013, Conselho Nacional de Justiça; direito de adoção por casais homossexual consagrado em 2015 pelo STF; garantia dos direitos de identidade de gênero das pessoas trans no STF em 2018, dentre outros.” (GREEN, 2019, p.17).

Chegar a esse contexto, no qual temos direitos assegurados não foi fácil, pois sabemos que “os papéis sexuais são forjados socialmente” (FRY, MACRAE, 1985), e no imaginário brasileiro convencionou-se que o gay é associado a promiscuidade, devassidão e ao proibido. Assim sendo, as construções sociais vão se moldando às suas épocas e cria-se um determinado sentido para o que é ser gay e qual performance é aceitável para tal sujeito, como relatado anteriormente.

Diante de tal compreensão, temos um sistema que concebe um entendimento de sexualidade voltado apenas para a expectativa de gênero, privando, dessa forma, vários sujeitos de viverem suas sexualidades para além dos padrões que entendem e normalizam apenas os papéis masculino e feminino. Conforme aponta Nogueira.

Essa divisão social separa os indivíduos em dois grupos: 1) o macho, masculino e ativo e 2) a fêmea, feminina e passiva. Muito embora exista uma pedagogia para produzir essas linearidades, no entendimento popular é como se esses atributos fizessem parte de uma natureza dos corpos, dando sentido às práticas sexuais. (2020, p. 33).

A construção ou entendimento do que é homossexualidade é bem recente e tem uma relação direta com o entendimento do que se considera normal e aceitável para as relações sexuais numa sociedade. Essa invenção de termos para definir o que é norma (heterossexualidade) e o que é fora da norma (homossexualidade) serve apenas para definir padrões socialmente aceitos, conforme mencionado.

Diante de toda essa engrenagem que definiria os papéis sexuais, os desejos mesmo os anormais, foram se moldando às imposições médico/psiquiátricas vigentes, e assim vão se desenhando as posturas e performances de homens que praticam sexo com homens na atualidade, concebendo e enquadrando cada sujeito em uma categoria de atuação, quais sejam, ativo ou passivo no desenvolvimento de suas práticas sexuais.

Essas noções das performances sexuais de homens gays imprimem, também, características racistas e misóginas à relação homossexual quando encara o ativo como o dominador – quem tem o controle e posse da situação –, e o passivo como quem está desempenhando um papel de inferioridade que, neste caso, é sempre atrelado à mulher, criando a percepção de que por estar recebendo, é submisso e dominado pelo parceiro que atua como ativo na relação sexual (FRY, MACRAE, 1985).

As experiências de homens gays no Brasil foram fortemente atravessadas por esse modelo binário de gênero inserindo nas vivências homossexuais a noção de atividade e passividade encaradas como papéis destinados às atuações masculina e feminina. Diante desta compreensão convencionou-se desde bem cedo na história da homossexualidade, no Brasil, que o “macho” da relação é aquele que “come”, que penetra, que performa uma atuação máscula, por outro lado – a “mulherzinha”, a “bicha”, o gay passivo –, que tem sua atuação na prática do sexo entendida como submisso, subordinado e receptor, atrelando todas estas características sempre ao papel feminino.

É nesse sentido que Green expõe como os papéis e atuações práticas nas relações homossexuais são entendidos.

[...] em atividades eróticas homossexuais tradicionais, o *homem*, ou, na gíria, o *bofe*, assume o papel “ativo” no ato sexual e pratica a penetração anal em seu parceiro. O efeminado (*bicha*) é o “passivo”, o que é penetrado. A “passividade” sexual desse último lhe atribui a posição social inferior da “mulher”. Enquanto o homem “passivo”, sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do *homem*, que penetra, não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem “verdadeiro”, ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu *status* social de homem. (2019, p. 38).

Essa noção da prática sexual que atribui papéis prontos e acabados para indivíduos atuantes em suas relações através de performances ativas e passivas serve apenas para perpetuar o modelo heteronormativo como natural ou normal. Conferir ao sujeito passivo uma noção de inferioridade é uma prática preconceituosa que demonstra o quanto a heteronormatividade intenta diminuir o papel da mulher seja ele em relações sexuais ou em quaisquer outras.

Diante de todas as engrenagens que vão se encaixando na construção do meu entendimento sobre as relações sexuais de homens gays entendo que essa divisão de papéis em ativo ou passivo não condiz com a realidade do contexto no qual vivemos. Atividade e passividade já não são tão necessárias para definir uma relação homossexual visto que, hoje, muitas outras formas de ter prazer são praticadas entre pessoas do mesmo sexo. De toda forma, um sujeito que performa em sua atuação sexual uma prática passiva, pode em um sentido mais concreto estar realizando uma

performance ativa, por contribuir de várias maneiras para a sensação de prazer entre os parceiros.

Entender as relações sexuais unicamente a partir da compreensão de gênero estabelecida pela heteronormatividade limita-nos a perceber apenas duas identidades quando pensamos as práticas sexuais, e assim ver “[...] as atividades sexuais em parâmetros de gênero tradicionais. Ou o indivíduo era um homem “verdadeiro”, que assumia o papel do penetrador durante o sexo, ou era o penetrado, o receptor “passivo”, feminino. [...]” (GREE, 2019, p. 145).

Para além dessa discussão do que é “certo” ou “errado” nas práticas sexuais de homens gays, a partir dessas noções ultrapassadas de sexualidade que ainda persistem em ser transmitidas, me questiono e reflito sobre qual o real entendimento que as pessoas têm do que é ser “homem”? Quais características são necessárias para que eu, biologicamente um homem, performe socialmente o papel de homem?

O que faz de mim inferior ou menor que aquele “homem” heterossexual que provê o sustento da casa, trabalha diariamente para dar um determinado padrão de vida aos seus subordinados, que se satisfaz sexualmente deixando, em alguns casos, muito a desejar para sua esposa e que é, muitas vezes grosseiro, arrogante e mal-educado no trato com sua família?

O simples fato de um homem gay em uma relação sexual atuar como “passivo”, recebendo a penetração de um outro “homem” também gay o faz ser menos homem? É preciso que repensemos as configurações atribuídas aos papéis estabelecidos em nossas relações sexuais, para além do binômio ativo/passivo, macho/fêmea, penetrar/receber. O sexo é muito mais que isso e envolve uma série de outros sentidos e sensações que não somente o ato de penetrar, entendendo que “[...]. Quanto maior for a compreensão de que no território do desejo não existem mestres nem padrões, tanto maior será a eficácia dos sujeitos em estado de construção de suas singularidades.” (TREVISAN, 2018, p. 577).

As experiências sexuais são parte de nossa identidade e subjetividade, dizem muito de quem somos e o que buscamos para sermos em nossa essência seres humanos por completo, deixando de lado as imposições e normatizações que a sociedade nos impõe. Precisamos, conforme avançamos no tempo, nos moldar às diferenças estabelecidas e aos modos de ser que as estruturas sociais vão desenhando conforme se exige. Atualmente, como mencionado ao longo deste texto

estamos em uma sociedade envolta em tecnologias e traspassada por todas as facilidades que as conexões virtuais podem nos oferecer.

É válido revisitar as épocas passadas para compreender a evolução das dinâmicas sociais e assim, entender muitas das diferenças existentes entre uma determinada época e outra. Se observamos bem, o momento em que vivemos nos transformou de diversas maneiras, para muitos esta pode ser a única pandemia que irão enfrentar, para outros não, é só mais uma, e atravessados por essas experiências nos moldamos e nos transformamos enquanto pessoas.

Quanto as experiências do “vale”, muitas foram as mudanças que ocorreram ao longo desses mais de quarenta anos de movimento organizado, para além das mudanças no campo político, médico, muitas foram as mudanças na cultura gay, vocabulário, moda, lazer, entre muitas outras situações que tiveram mudanças significativas como apresenta Trevisan ao abranger praticamente todo o universo sociocultural gay.

Atropelada pela voragem das novas mídias, a cena pornô aposentou de forma quase absoluta as revistas físicas, assim como os filmes de sexo explícito em formatos de vídeos e DVDs, tornados quase obsoletos. A produção pornográfica migrou em peso para a internet, onde tanto blogs quanto sites de pornografia passaram a suprir fortemente a demanda para os mais diversos gostos, mesmo aqueles que pareciam bizarros. O mesmo ocorreu com saunas, cinemas e locais de pegação, com público cada vez mais reduzido pela oferta ampla dos aplicativos de paquera. Também os guias LGBT, que costumavam circular pelas casas noturnas, foram substituídos por uma grande quantidade de sites de informações exaustivas de atividades, nem sempre de boa qualidade profissional. [...] (2018, p. 530).

O campo das sociabilidades gays passou por uma extensa e variada modificação ao longo dos anos. Atualmente, ser gay parece que envolve a construção de um personagem que precisa de toda forma “dar pinta” na internet, dar “close” no Instagram e no *TikTok*. Não estou aqui criticando as formas de exposição de muitos sujeitos gays, o que quero refletir é sobre como estamos nos expondo em redes e conexões virtuais e o quanto estas relações, como já debatido anteriormente, estão tornando frágeis e rasas as interações entre os indivíduos que se submetem a utilização destes meios para socializarem-se. Não tão distante no tempo as relações gays eram pautadas da seguinte forma.

[...] O domínio público da sociabilidade homossexual, que incluía as interações na rua, os bailes de travestis, a praia e os concursos para Miss Brasil, era uma parte fundamental das vidas destes homens, mas os edifícios dessa subcultura eram os grupos de amigos (“as turmas”) que funcionavam como uma família alternativa para os homossexuais enfrentarem a hostilidade social. [...] (GREEN, 2019, p. 300).

Essas percepções que podemos observar com relação aos modos de ser e agir de homens gays à medida que vão se modificando trazem consigo novas maneiras de conceber as trocas entre estes sujeitos. Diante das breves reflexões apresentadas me debruço agora nas falas dos interlocutores com o intuito de entender como em suas falas são caracterizadas as nuances de aspectos relacionados à sexualidade no contexto das interações virtuais.

Nerd apresenta um panorama rico das noções sobre as relações sexuais oportunizadas por meio do Grindr, ele pontua que, “[...] eu vejo que o Grindr ele possibilita muito essa questão de um **fetiche**, eu vejo que existe uma **fetichização**, né? É de você conhecer os seus **gostos e transitar** nestes gostos, muitas pessoas, por exemplo, não se relacionaria poderiam até não se relacionar com alguém de quarenta anos, né? Ou vice e versa, né? Ou eu não me relacionaria com um menino de dezoito, mais eu faria sexo ou teria amizade com um menino de dezoito, né? no sentido **amizade afetivo sexual** tal mas não necessariamente, eu namoraria ou teria uma relação, né sexual afetivo com eu acho que é, nesse sentido, você pode ter essa questão, mas eu vejo, por exemplo, que no meu caso eu tenho um dificuldade em relacionar com pessoas da minha idade, eu já tenho **desejos por pessoas mais novas**, mais jovens, eu acho que é por conta, eu analiso isso por conta de uma **socialização**, o nosso problema é que nós temos uma sociabilização no mundo masculino, que entra naquela lógica conjuntural da **heteronormatividade** e da **juventude**, [...] Mas aí é que tá, eu acho que é uma quando eu falo dessa possibilidade de **flutuações** talvez eu seja uma pessoa ímpar porque eu gosto muito dessa coisa do flutuar, né? No sentido assim de, por exemplo, ter relações que eu sou extremamente **ativo** e extremamente **dominador**, e ter relações que eu sou extremamente **submissivo**, e submisso é **passivo**, né? E já vivi isso tanto com pessoas da minha idade ou próximas, quanto com pessoas bem mais novas, um dia desses eu saí com um cara mais novo, eu acho que ele tem vinte até parece bem menos, né? E me surpreendeu muito esse **desejo** dele de **ser ativo e dominador**,

com uma pessoa mais velha, quer dizer que eu acho que essa questão dos roteiros dos desejos no mundo LGBT ela é muito **fluida**, e ela é muito **diversificada**, [...]”.

A fala de Nerd abrange diferentes aspectos que corroboram para pensar a sexualidade de homens gays no contexto atual, fetichização, gostos, amizade afetivo sexual, flutuações e desejos, são algumas das marcas que atravessam a experiência de Nerd na busca por um parceiro no mundo virtual. Suas palavras nos possibilitam pensar uma construção da experiência de homens homossexuais para além da imposta pela heteronormatividade, como o próprio interlocutor faz menção. Quebrando as barreiras sociais que concebem até em relações homossexuais a atuação apenas designada pelos papéis de gênero, o interlocutor em questão percebe, em sua atuação, uma fluidez e diversificação de papéis na relação sexual.

O emaranhado de construções sociais que aceita apenas os papéis atribuídos à figura do masculino e do feminino são, nas palavras de Nerd, desconsiderados e caem por terra já que, como ele aponta, existe nesse universo a possibilidade de envolver-se com sujeitos de diferentes idades, que atendem a seus gostos e desejos mais íntimos possibilitando uma prática homossexual diversificada, que é conhecida no vale como versatilidade, e dá aos sujeitos a oportunidade de sentirem prazer tanto como ativo ou passivo. De certa forma, essa atuação transitória entre as performances derruba a noção de que.

O estereótipo do homossexual como um homem feminino e frágil o posiciona como inferior ao homem heterossexual compreendido como masculino e forte. A feminilidade masculina tende a ser classificada como anormal, uma vez que, no vocabulário hegemônico, o gênero é binário (masculino e feminino) e intransitivo (a masculinidade não pode migrar para uma mulher assim como a feminilidade não pode aparecer em um homem). Assim, no contexto brasileiro, emergiu a figura da bicha como a do homossexual reconhecível socialmente, reprovável em seu gênero tanto ou mais do que em seu desejo. (MISKOLCI, 2017a, p. 269).

O universo homossexual masculino é cheio de estereótipos e desejos que muitas vezes são voltados para a fetichização dos corpos gays. A partir dessa premissa, o interlocutor Urso expõe em suas reflexões que, “Se você perceber o gay ele criou o **supermacho**, o gay criou o supermacho que é aquele homem [...] e o próprio gay que criou isso, porque o hétero não tá nem aí, entendeu, o próprio gay criou essa parcela do gay super macho. [...] eu vejo é que o gay criou esse **superlativo**

do homem como se fosse e mais aquela coisa **inatingível**, eu creio que é aquela situação, eu acho que o gay ele cria tantos empecilhos ‘ah porque eu quero me relacionar com um homem [que] tenha que seja [risos] é discreto, eu quero a pessoa que seja discreta, não afeminada, sigilosa, fora do meio, tem de ter um emprego, carro, que tenha jeito de homem, aquela coisa que tenha um trabalho, um carro e um apartamento, e aí você fica só [risos], a tem de ter o pau grande também.”

A fala de Urso nos remete novamente a questão das exigências que são postas quando da utilização de um app de relacionamento, são inúmeras as exigências o que para ele chega em alguns casos a ser inatingível. Outro aspecto de sua fala que é bastante interessante é o destaque que ele dá a criação por parte dos gays do “supermacho”, essa construção diz muito sobre a cultura LGBTQIA+ e a busca por desejos digitais, onde assim como o próprio interlocutor elenca, somente corpos esculturais, fora do meio, másculos, dentre uma série de outras características podem ser acessados por aqueles que utilizam essas plataformas.

O quadro apresentado por Urso é fruto de uma construção social na qual “Essa equação: homem=ativo e másculo é percebida na cultura popular como um atributo da natureza universal do homem, muito embora a cultura lance mão de uma série de técnicas para produzir esses corpos.” (NOGUEIRA, 2020, p. 34). Ouso apontar nesse contexto que corpos assim como os de Urso combatem essa imposição da cultura virtual onde somente são acessadas pessoas perfeitas e que se enquadram em requisitos humanamente impossíveis de se alcançar. Diante da concepção de papéis de gênero apenas pelo prisma do binarismo o modelo heteronormativo se entrelaça às práticas homossexuais se enraizando nas relações estabelecidas por esses sujeitos sendo reproduzidas nas práticas online.

Na fala de discreto, é possível observar uma busca mais contida, seu relato expõe que “[...] eu também faço meus **recortes**, eu não vou mentir, né? Assim geralmente eu não tenho interesse em homens de uma **determinada faixa etária**, né? Um ou outro porque eu olho assim ‘nossa’, mas não me chamou a atenção, né? Assim, é assim geralmente todo os níveis tipo coroa, quarentão e tal, eu nem interajo, assim, a não ser quando é um cara muito atraente e tals, assim, aí inclusive até parecer mais jovem [risos] mas é, eu não tenho **interesse** assim, né, nesse perfil, pelo menos no *Grindr*, né?”. Discreto apresenta em sua fala quais são suas preferências e

expõe que para além do perfil que ele busca não existe a possibilidade de uma interação.

A busca do interlocutor por um possível parceiro apresenta, assim como ele informa, um determinado padrão, pois tem como desejo um perfil específico de usuários do app. Essas exigências, conforme observado e comentado ao longo do texto, são comuns nas interações virtuais haja vista que, “Desejos digitais são possíveis por meio de técnicas e valores apropriados para a negociação de sua visibilidade, na qual o corpo e a performatividade que seguem regulações de gênero convencionais são os que conferem a alguém o almejado reconhecimento como sujeito desejante e, sobretudo desejado.” (MISKOLCI, 2017a, p. 253-254).

Essa forma rege as interações no campo virtual onde os sujeitos, em sua maioria, buscam pelos perfis mais qualificados para relacionamento ou sexo; muitas vezes essas buscas não logram êxito devido às altas exigências postas para ser desejado. Outros sujeitos, assim como Malhadinho, não estão tão interessados em estreitar relações no ambiente virtual e buscam apenas por sexo. O excerto de Malhadinho expõe que, “Tem uma parcela de pessoas que vão para relacionamento duradouro, e eu acho que o aplicativo é só para **sexo**, e têm pessoas [...] a maioria das pessoas, a outra metade [...] vai somente para sexo mesmo.”.

O Grindr é um app de encontro gay que muitas vezes é visto como uma vitrine de exposição de corpos, onde os sujeitos que o utilizam exibem suas belas formas e corpos esculturais com o intuito sim de encontrar parceiros apenas para sexo casual. É neste sentido que Malhadinho indica que o app “é só para sexo”, apesar de existirem pessoas que o utilizam para outros fins que não apenas sexuais, conforme relatado por um dos sujeitos com quem pude conversar no *chat* do app, bem no início de minhas incursões no Grindr.

Ante as reflexões expostas sobre alguns aspectos que envolvem suas sexualidades no app os interlocutores apresentaram compreensões pessoais e subjetivas que indicam um pouco de suas práticas envolvendo a utilização desse dispositivo. Os interlocutores não relataram propriamente suas experiências concretas sobre algum encontro que possam ter tido com outro usuário do Grindr, no entanto, exibiram aspectos que possibilitam compreender como são realizadas essas interações no sentido sexual, como recorte etário, exigências, fetiches, desejos,

gostos, imprimindo, nesse sentido, percepções sobre as práticas sexuais desses interlocutores.

3.2 Entrelaçando fatos para construir um sentido sobre o processo de envelhecer

Então, é, não coloco a idade, né, então assim geralmente, mesmo colocando o rosto eu não coloco a idade mais quando me perguntam eu respondo tranquilamente, né? E às vezes alguém fala né, que não parece, aí é ótimo, né? Mais nem sempre é assim, eu nunca fui rejeitado é nominalmente pela idade, né?

Discreto, interlocutor da pesquisa.

“Ser ou não ser, eis a questão” a famosa frase de Hamlet nos direciona para a discussão dos processos de envelhecimento de homens gays na atualidade. Por isso é necessário pensar as vivências atravessadas por esses sujeitos que utilizam ferramentas virtuais com o intuito de procurar parceiros para relacionamento, amizade ou sexo casual. Pois, independente do ambiente, das condições ou mesmo do nível de aceitação em que um homem gay em processo de envelhecimento viva, muitos devem se questionar se precisam ou não continuar sendo aquilo que são. Digo isso por pensar nas consequências de toda uma vida envolta em situações de preconceito e discriminação, para além das questões etárias.

Quando se é jovem, por vezes, enfrentamos situações de discriminação, muitas delas em nossas casas, na rua, escola e trabalho. É fato que na juventude temos força e vigor para enfrentar as situações desagradáveis pelas quais possamos passar. E na velhice? De onde podemos tirar forças para enfrentar aqueles que nos menosprezam e diminuem por causa de nossas escolhas e identidade?

Pensar os processos de envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ é de suma importância para compreendermos como esses sujeitos, que vivem à margem e apartados das condições normativas aceitas socialmente, enfrentam as dificuldades de um período da vida, o qual, em alguns casos, requer cuidados mais intensos, dependendo da situação do indivíduo. Não apenas essas questões envolvem a construção do significado de envelhecimento, mas também o entendimento sobre a partir de que ponto esse processo se inicia, assim como expõe Paiva.

Quando é, por exemplo, que um gay começa a envelhecer? Quando se depara em “envelhescência”? Aos trinta? Aos quarenta? Aos cinquenta? A matriz heterossexual nesse sentido ajuda a delimitar um campo mais ou menos desenhado para essa marcação: envelhece-se quando os filhos saem de casa, ou quando casam, ou quando vêm os netos..., mas quando não há esses marcadores geracionais expressos na norma conjugal e familiar, quando é que se começa a envelhecer? E o que a experiência de envelhecer faz mudar a percepção de si, do outro e do mundo? (2009, p. 201).

As tramas que envolvem os processos de envelhecimento gay para além do aspecto etário envolve as escolhas sexuais do sujeito, corroborando dessa forma para a noção e o entendimento das práticas de sociabilidade destes, pois “As idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social e seria um exagero supor que elas deixaram de ser um elemento fundamental na definição do status de uma pessoa.” (DEBERT, 1997, n.p). Imaginemos então como são tratadas travestis ou transexuais que atingem a velhice, sim, as poucas que conseguem chegar a mais de cinquenta, sessenta ou setenta anos. Pensemos ainda naqueles corpos gays afeminados, com trejeitos e feições femininas, com voz, gestos e ações tidas como não aceitas para um corpo masculino.

O entendimento sociocultural da velhice entende essa época da vida como um período de descanso, pois para muitos ela é a fase final de um indivíduo, assim, em muitos contextos “os velhos [...] são ignorados, desprezados, estigmatizados, abandonados.” (GOLDENBERG, 2014). Por vezes penso ser triste pesquisar processos de envelhecimento, posto que muito se fala desse período da vida como um momento de perdas, de incapacidade, que isola e exclui essas pessoas do convívio social.

Essa percepção de envelhecimento convencionou-se devido a “[..] representação da velhice como um processo contínuo de perdas em que os indivíduos ficariam relegados a uma situação de abandono, de desprezo e de ausência de papéis sociais [o que] foi responsável por uma série de estereótipos negativos em relação aos velhos, [...]” (DEBERT, 1997, n.p). Tornando comum uma visão depreciativa desse período da vida, essa construção social direcionou ainda a noção de que nas gerações modernas.

[...] O curso da vida transforma-se em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada, pelo indivíduo, como

uma crise de identidade e o curso da vida é construído em termos de necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases da vida. (DEBERT, 2004, p. 53).

Apesar de ser vendida como uma época de sofrimentos os processos de envelhecimentos podem ser deveras gratificantes. Podendo ser uma oportunidade para fazer o que sempre se desejou, mas, que devido às dificuldades e necessidades de uma vida sofrida não se pode. Conforme sabemos as sociabilidades, maneiras e formas de agir no trato social vão se construindo segundo as estruturas sociais e se moldando às exigências de determinado período, assim, conforme Debert.

A tendência contemporânea é, no entanto, a inversão da representação da velhice como um processo de perdas e a atribuição de novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciariam às mais velhas oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. São essas as imagens do envelhecimento que acompanham a construção da terceira idade, revendo os estereótipos negativos da velhice e abrindo espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vividas coletivamente. (1997, n.p).

O campo de sociabilidades LGBTQIA+ abrange uma variedade de ambientes e situações que outrora não poderiam ser imaginados por esses homens, incluo aqui como um desses locais o ambiente virtual. O universo da internet, para todos os efeitos, é um ambiente democrático, facilita a interação de sujeitos de todos os gostos, abrange culturas e universos que democraticamente agradam a gregos e troianos. É nesse campo específico que homens gays em processo de envelhecimento podem ser e agir como bem quiserem, pois no ambiente virtual, “As novas imagens do envelhecimento são, sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem o modo de construção das identidades.” (DEBERT, 1997, n.p).

No entanto, é necessário atentar para algumas questões que por vezes insistem em ser eternizadas para além do ambiente off-line, o que envolve situações de discriminação e preconceitos, relacionadas à idade, bem como à sexualidade. Diante de tal panorama, “O simples fato de ser velho não abrandam o preconceito de ninguém.”, tornando as experiências de homens gays em processo de envelhecimento um verdadeiro tormento, para aqueles que tem a oportunidade ou recursos para morar

em um asilo e que desta forma muitas vezes “[...] são levados a passar os últimos dias de suas vidas na clandestinidade, perdendo a vontade de viver, com depressão e se sentindo sozinhos, pois são discriminados, ridicularizados e ofendidos pelos outros idosos e por funcionários.” (GREEN, Et al. 2018, p.118).

As construções sociais acerca do envelhecimento, aqui entendido como um processo que envolve não apenas o aspecto cronológico dos sujeitos, apreendem todas as situações e experiências que atravessam nossas vidas, considerando especificamente no caso dos interlocutores desta pesquisa, as interações sócias virtuais realizadas no Grindr. Assim como aponta Debert, atualmente se apresenta uma “[...] nova geografia social, é preciso envelhecer sem se comportar como velho, e não ser velho é, basicamente, ter controle sobre as próprias emoções.” (2004, p. 121).

Se os modos de vida são ditados pelas construções sociais de uma época, e se as formas de atuação e performance dos sujeitos em processo de envelhecimento exigem destes que eles acompanhem as transformações e inovações tecnológicas, claramente percebemos que os interlocutores da pesquisa estão agindo conforme o que lhes é apresentado como forma de socialização. Desse modo, é comum encontrar perfis de homens gays em processo de envelhecimento expostos nos “*feeds*” de apps de encontro, onde descrevem seus desejos e o que buscam nas interações virtuais.

É importante refletir, nesse contexto, sobre alguns aspectos que envolvem os indivíduos quando envoltos nas exposições das tramas digitais. Primeiramente, é preciso que consideremos a carga social imposta a esses indivíduos quando expõem seus corpos, desejos, e suas expectativas em relação à busca por um possível parceiro no ambiente virtual. O peso do processo de envelhecimento como descrito anteriormente, por si só, já enquadra esses homens em estereótipos que indicam inutilidade, falta de desejo, desprezo e abandono. Essa configuração que é comum no mundo off-line é ampliada no online, quando pensamos na forma como ali os usuários se comportam em relação a não correspondência de suas expectativas e, a partir do momento que um sujeito não está à altura da busca ele é bloqueado, excluído, deletado da rede de contatos.

A maneira efêmera como ocorrem as relações no ambiente virtual e a própria forma como são tratadas as relações e as pessoas tornando-as descartáveis indica que aqueles, em processo de envelhecimento, estão ali como corpos que demonstram

resistência. E, como forma de resistência, muitos deles escancaram suas imagens apresentando suas formas e aparências não tão desejadas no ambiente virtual. Esses homens em processo de envelhecimento, pelo simples fato de criarem um perfil em um app que valoriza praticamente atributos como juventude, virilidade, corpos malhados e supervalorizam a imagem, já demonstram formas de lutar contra o que convencionou-se entender por envelhecimento.

É neste sentido que Goldenberg afirma que essas pessoas “são homens [...] que não se paralisaram e não se aposentaram de si mesmos. Eles souberam, quiseram e lutaram para ser “eles mesmos”, muitas vezes contestando corajosamente os preconceitos, os modelos e as regras sociais que criavam obstáculos para os seus projetos de vida” (2014, p.38). Esses homens, portanto, encontram-se “fora dos padrões midiáticos e dos modelos de masculinidade hegemônicos” (PAIVA, 2013, p. 83), confrontando a realidade que se apresenta nas tramas online e off-line, afrontam o próprio sistema que quer os invisibilizar e apagar duplamente, enquanto homens gays e em processo de envelhecimento.

Ser gay em uma sociedade homofóbica e com preconceitos tão arraigados como é a nossa, brasileira, faz com que esses indivíduos, em muitos casos, sintam medo de vivenciar suas sexualidades, em especial, na velhice por diferentes fatores. O preconceito relacionado à prática e ao desejo sexual de pessoas envelhecidas é um desses; as relações em alguns casos que envolve diferença de geração, a vergonha do corpo e as marcas do envelhecimento, todos esses fatores fazem com que, em algum momento, a pessoa pare e reflita sobre a possibilidade ou não de encarar a exposição em um app de encontro, como é o Grindr.

Não somente estes aspectos corroboram para uma possível reflexão sobre uma investida em plataformas virtuais de encontro ou busca de parceiros para namoro, amizade ou sexo casual. Como aponta Trevisan, além destas questões também precisamos considerar que.

O preconceito na terceira idade LGBT ele é muito presente, muito obvio, e ele é presente, inclusive, dentro da própria comunidade LGBT. É uma comunidade que, apesar de todas as evoluções políticas que teve, ela sente uma insegurança muito grande por conta de todo o histórico de repressão e de opressão, e ela tem um problema grave de autoestima. Isso significa que o medo de envelhecer é muito mais pesado dentro da comunidade LGBT, por conta do medo da solidão. O que acarreta, indiretamente, esse afastamento das pessoas LGBT's, quase até o esquecimento. (YOUTUBE, 2019).

Questões como autoestima, solidão e esquecimento nos remetem, conforme comentado anteriormente, ao conceito que tínhamos sobre o que são os processos de envelhecimento em um contexto geral para a sociedade. No entanto, quando pensamos em homens gays todas essas variáveis são multiplicadas, pois recaem sobre eles diferentes marcadores sociais que os apontam como diferentes ou anormais. Sempre teremos posto um confronto que envolve a questão etária, considerando o aspecto cronológico, bem como a questão da sexualidade que, confrontadas e encaradas pelo viés social, enquadram esses homens como diferentes, e que assim, novamente, são vistos à margem da sociedade e das condutas aceitáveis de sociabilidade.

Sobre as experiências sexuais, parece haver um entendimento de que essas pessoas, por sua vez, só conseguem praticar sexo mediante pagamento ou troca de favores, que, neste caso, sempre envolve recursos financeiros. Criamos uma percepção sobre estas pessoas de que elas não fazem sexo, não têm desejos e impulsos sexuais. No caso dos sujeitos da pesquisa nem tanto, uma vez que eles são considerados, ainda, em um estágio de “amadurecimento”; porém, homens gays com mais de 60, 70 anos, são vistos apenas como corpos inutilizáveis para a prática do sexo.

Conforme se estabelece esse cenário, os sujeitos em processo de envelhecimento vão criando suas formas e estratégias de inserção em práticas de relações sociais, sejam elas online ou off-line, é assim que entendo o que Paiva aponta como “protagonismo erótico” que compreende.

[...] as estratégias de enfrentamento do sofrimento social imposto aos gays idosos, no que concerne à desvalorização e estigmatização dos seus corpos e sexualidades, à desautorização de expectativas de afeto e apreciação e à melancolização associada às suas biografias. Recusando-se serem tomados como “corpos/seres abjetos”, corpos/seres que não importam (PAIVA, 2009^a), corpos incoerentes, corpos sujos, poluidores do imaginário da velhice, sem lugar no laço social, esses sujeitos constroem mecanismos de afirmação de si, permitindo agência nas interações sócio-sexuais intra e intergeracionais. Assim, a noção de “protagonismos” abriga, simultaneamente, os sentidos (micro) político e erótico, exercidos pelos sujeitos investigados em suas práticas de sociabilidade. (2013, p. 76).

O uso de apps de paquera não deixa de ser uma dessas formas encontradas dos que buscam driblar os estigmas e construções sociais que atribuem um determinado valor aos corpos em envelhecimento. Aparentemente a rede virtual oferece ferramentas equiparadas e iguais a todos aqueles que fazem uso dela; logo, podemos dizer que, ao utilizar um aplicativo como o Grindr, cada usuário está no mesmo patamar de igualdade pois estão em busca de possíveis parceiros, tal qual é a funcionalidade principal do app. Porém ao afinarmos as preferências, buscas e necessidades de cada um, percebemos especificidades e exigências que, em muitos casos, mais afastam do que aproximam seus usuários.

Além de todas essas questões, também é válido ressaltar que nas tramas virtuais as configurações de sociabilidade mudam e o trato com o outro se modifica com base nas escolhas que são buscadas ali. Como descrito no item anterior, onde apresento alguns aspectos sobre a sexualidade dos interlocutores da pesquisa, cada um tem suas preferências e desejos, indicando quais características busca em um parceiro ideal, apontando que muitas vezes é necessário, quando se tem uma certa idade, ir em busca ou caçar suas possíveis presas.

Podemos dizer que as experiências de vida, quando em nossos processos de envelhecimento, nos deixam apreensivos e com receio de vivenciar algumas situações não tão agradáveis e indesejadas por qualquer um, como indica Goldenberg, “os medos dos homens [...] são os mesmos: doenças, limitações físicas, dependência, dar trabalho aos outros, perder a memória, solidão, abandono, desrespeito, falta de dinheiro e morte. [...]”, (2014, p.87), lembrando que além desses aspectos é preciso indicar que, no caso de homens gays, a questão da sexualidade, é bem mais para aqueles que são afeminados e performam totalmente contra a norma heteronormativa imposta socialmente.

Ainda fazendo uso das reflexões de Goldenberg exponho um trecho de sua fala sobre aceitar a idade, na qual exhibe uma passagem de uma entrevista de Ney Matogrosso que seguro afirma, “exige o direito ao seu envelhecimento. O cantor contou que costuma pedir que não usem Photoshop em suas fotografias. “Sempre falo: ‘olha, não façam Photoshop’. Eu exijo o meu direito ao envelhecimento”. (2014, p.95). Diante deste entendimento de se permitir oportunizar viver o processo de envelhecimento e assim construir possibilidades outras de compreender as dinâmicas que atravessam estas experiências, intento com essas tramas compreender os

anseios e angústias desses homens que têm diante de si diferentes possibilidades de envelhecer, posto que neste entrelaçar de experiências.

Há um barulho de afetos, saberes e práticas, traduzidos no riso, na “pinta”, na “cédula”, nas músicas, nos espetáculos, nos lugares e nas transas, nas sublimações e criações micropolíticas, que precisa ser ouvido e tomado como herança e patrimônio, história viva de corpos, seres e experiências (individuais e coletivas, simultânea e indissociavelmente) que importam, e muito. (PAIVA, 2009, p. 205).

As ponderações propostas nos auxiliam no fortalecimento da discussão das falas dos interlocutores sobre a categoria “processos de envelhecimento”, apresentada nas considerações a seguir. Nerd, diz o seguinte, “[...] eu vejo que a idade ela é um **contabilizador**, com certeza absoluta, né? Eu acho que o que ameniza é minha **aparência**, né? Minha aparência é **não parecer tão velho** eu acho que ameniza um pouco essa questão de idade, muitas pessoas já pensaram nisso, né? No momento em que ver a **idade**, mas depois **ver a foto** ou me ver pessoalmente ou na foto acha que não parece ser tão velho né? Mas tem essa questão idade [...]”.

A questão da aparência para Nerd é um aspecto que facilita ou não o contato e acesso por parte dos outros usuários do app. Pode-se dizer que essa é uma maneira de “passar por”, envolvendo alguns dos critérios de seleção dos usuários que envolvem a questão da aparência e a boa conservação do corpo, mesmo de um indivíduo em processo de envelhecimento. Isso ocorre por ser comum no ambiente virtual que seus usuários apresentem descrições que busquem “desassociar-se de uma imagem negativa, de decadência, associada ao processo de envelhecimento, identificando-se com uma imagem positiva do gay maduro.” (PAIVA, 2013, p.90). Neste sentido, as investidas no ambiente virtual impõem aos sujeitos em processo de envelhecimento a utilização de artifícios como esses para “passar por” jovem, sarado, enxuto.

Esse aspecto, no entanto, conta ponto nas investidas virtuais por ser a questão da imagem um atrativo a mais no jogo de busca por parceiros virtuais, e também, por contribuir de certa forma com os objetivos do app que intenta expor os melhores atributos dos seus usuários. Já para Urso as questões que entrelaçam as experiências de seu processo de envelhecimento no Grindr indicam os seguintes aspectos, “Então é o que eu percebo, é que é raro, existe claro o gay que **gosta do homem mais velho**, do ursão que chamam de **daddy bear**, que é o papai urso, né? Que chega essa

parcela, e também assim quando eu entro no *grindr*, eu algumas [...] não é todo dia é raro, você **ser assediado**, geralmente sou eu, que **vou atrás** vou **caçar** digamos assim, entendeu.”

Para Urso de certa forma existe uma compreensão e entendimento da questão do fetiche, quando apresenta aspectos como “gostar do homem mais velho” e o “daddy bear” como uma preferência ou gosto mais pessoal, não tão comumente encontrado nesse recurso de busca. Para ele é como se a carga aparente da idade o fizesse enfrentar obstáculos que precisam ser superados por não “ser assediado”, fazendo com que ele se coloque no papel de caçador de seus possíveis parceiros. Isso ocorre porque, conforme ele pontua, “Então mais existe [...] é claro essa recepção do *grindr*, para um homem da minha idade, do meu peso, da minha né? é bem diferente, é uma recepção bem mais fria. Tipo se eu não for atrás, acontece de eu ser caçado, mas geralmente sou eu quem caço [...]”.

O espaço do ambiente virtual impõe regras de conduta que obrigam usuários a criarem estratégias de busca, especialmente quando se trata de apps de relacionamento, devido às exigências e critérios que são estabelecidos pelos indivíduos que fazem uso desses recursos. Utilizando o recurso para a procura de parceiros, o interlocutor Discreto afirma que, “Então, é, **não coloco a idade**, né, então assim geralmente, mesmo **colocando o rosto** eu não coloco a idade mais quando me perguntam eu respondo tranquilamente, né? E às vezes alguém fala né, que **não parece**, aí é ótimo, né? Mais nem sempre é assim, eu nunca fui rejeitado é nominalmente pela idade, né? Eu já mandei uma foto e disse que não gostou, né, não sei se foi pela **idade**, pela **aparência**, né? Mas textualmente eu nunca tive esse tipo de rejeição, né?”.

No excerto de Discreto percebemos alguns aspectos já mencionados por Nerd, que compreendem, dentre as expressões utilizadas por ambos, a expressão “não parece”, valorizando nesse sentido a aparência e de certa forma corroborando com as construções sociais de que mesmo tendo uma determinada idade se o sujeito não aparenta, está enxuto, jovial, ele pode ser contatado por outros usuários do app. Assim, muitos perfis de homens em processo de envelhecimento utilizam o artifício da imagem, deixando de expor sua idade, que é compensada com a imagem de um belo corpo, que chama mais atenção.

Quando indagado sobre as possíveis marcas de seu processo de envelhecimento no Grindr Malhadinho diz o seguinte, “Eu sou recepcionado de forma positiva, isso vai depender muito dos estereótipos, né? Dá outra pessoa também, porque é um **jogo de estereótipos** o *grindr*. Às vezes sou recepcionado de forma positiva, algumas vezes não, isso vai depender do estereótipo que a pessoa tá procurando também do outro lado.”, para ele assim como para Urso existe a questão dos estereótipos que vai ditar a possibilidade de acesso e possível interação ou não entre estes sujeitos. E novamente o fato de possuir uma determinada idade vai facilitar essa interação visto que, “[...] acho que imaginam por eu **ter 44 anos** é uma pessoa mais **madura**, eu acho que tem esse estereótipo aí do cara mais maduro, do cara [...] entendeu?”.

Toda essa especulação em torno das características que envolvem o indivíduo em processo de envelhecimento vão servir de base para as interações entre os usuários do Grindr. O fato de um determinado corpo “passar por” malhado, enxuto, com boa aparência; a questão dos próprios estereótipos quando da busca por um “daddy beer”, que imprime uma noção de que estes indivíduos sejam maduros, vão de encontro com os critérios que muitos usuários buscam ou caçam em seus possíveis parceiros.

Essas características, no entanto, nos apresentam como esses homens gays em processo de envelhecimento percebem suas subjetividades e os sentidos que são atribuídos a elas no contexto virtual envolvendo os desejos e expectativas de outros usuários sobre seus corpos em envelhecimento. Esses indivíduos resistem, desse modo, a um sistema social que prima pela aparência ao excluir corpos envelhecidos e exaltar a beleza e juventude. Porém, os interlocutores da pesquisa não se eximem de expor suas cãs e suas performances no ambiente virtual.

Atentos às mudanças impostas pelas sociabilidades no campo das relações amorosas, de amizade, sexo ou o que mais possa ser feito, utilizando-se de recursos tecnológicos, os interlocutores da pesquisa se lançam em aventuras virtuais que podem, independente das trocas e relações, dar certo ou não, para quaisquer que sejam as suas intenções. O fator idade não os impede de se colocar como objetos de desejo de seus pares, visto que, nas tramas das redes assim como qualquer indivíduo, eles expõem suas necessidades e caçam seus parceiros, buscando dar visibilidade a seus corpos não esquecidos com o advento das tecnologias em nossa sociedade.

CAPÍTULO 4

ENSAIO DE UM IN-CONCLUSÃO: ASPECTOS QUE NOS POSSIBILITAM REFLETIR SOBRE O ENVELHECER GAY NOS APLICATIVOS DE ENCONTRO

A beleza de cada velhice está, exatamente, em sua singularidade, na possibilidade de ser criada, plenamente, por cada um de nós. [...] O significado de cada forma de vida está inscrito na trajetória de cada indivíduo, em suas escolhas, em seus valores, em seus desejos, que são belos exatamente por serem únicos.

MIRIAN GOLDENBERG (2014, p. 58)

É engraçado como neste momento todos nós estamos sendo atravessados por nossos processos de envelhecimento, é mais um ano que se passa, um aniversário que se vai, um curso que se conclui, um familiar que se vai, são tantas e tantas situações, que nos entrelaçam neste processo de envelhecer, tão corriqueiras e comuns que muitas vezes não nos damos contas de que estamos a envelhecer. Recordo-me de minha infância como criança viada e das chacotas e zombarias que sofri durante a infância e adolescência; hoje, quando reflito sobre tudo isso, me dou conta de que essas experiências tornaram possível que eu me tornasse o homem que sou envolto em todas essas especificidades que a vida me fez experienciar e viver.

Ser gay, homem, não sei até que ponto, pãe¹⁵, afeminado, cheio de gestos e trejeitos femininos, visto como expurgo de uma sociedade hipocritamente machista, heteronormativa e patriarcalista, que condena e aponta como anormal as identidades outras que não as aceita socialmente. Todas essas questões me atravessam de forma a tornar compreensível que esses aspectos, bem como muitos outros me fazem entender que estou vivendo o meu processo de envelhecimento desde minha infância viada.

Não ousou concluir esta pesquisa ficando os sentidos que meus interlocutores dão aos seus processos de envelhecimento, pois compreendo que cada um diante de suas singularidades e subjetividades entende suas experiências da forma que melhor lhe convém e se adequa às suas perspectivas e compreensões de vida. Apresento aqui (in) conclusões sobre estes processos que do ponto de vista da pesquisa reflete

¹⁵ Abreviatura das palavras pai e mãe para quem exerce o papel de ambos.

e analisa características e similaridades que envolvem esses interlocutores nas teias da vida virtual e assim apresentam suas noções sobre o que é envelhecer neste contexto que atravessa suas sociabilidades online.

Diante do exposto ao longo do trabalho buscarei delinear de forma sucinta os significados que pude atribuir às falas e reflexões dos interlocutores tomando como parâmetros as categorias que elencamos como base para entender suas atribuições sobre os processos de envelhecimento de homens gays no Grindr, para tanto, apresento com base nas falas dos interlocutores as noções e sentidos dados por eles aos temas que compreendem sobre os usos e atribuições de ferramentas virtuais, mídias digitais, poder, sexualidade e processos de envelhecimento.

Atualmente somos reféns das mídias digitais e de todas as formas que a tecnologia nos possibilita de facilidades para o nosso dia a dia e não é novidade que a internet hoje adentra nossas vidas em todos os campos, bem como proporciona e auxilia a vida em diferentes campos. Para os interlocutores da pesquisa, usuários do Grindr, essa ferramenta virtual apresenta características que aproximam pessoas de diferentes contextos e experiências de vida, possibilitando uma maior facilidade de encontrar um parceiro para namoro, sexo casual ou amizade.

Alicerçado nas reflexões dos interlocutores pude compreender que esses veículos de comunicação são vistos como ferramentas que precarizam as relações humanas em vários sentidos, objetificando e descartando as pessoas quando estas não atingem os ideais solicitados pelos usuários do app. Vale ressaltar ainda, em relação ao uso de mídias digitais, que estas exigem uma velocidade e rapidez nas interações de forma que, quem as utiliza, deve adequar-se a essas exigências acompanhando o tempo virtual que não condiz com a realidade off-line, as quais exigem também a exposição exagerada da imagem visual, inclusive dando maior visibilidade para aqueles que mais expõem seus modos de vida, sendo conseqüentemente mais acessados, recebendo mais *likes*, e com mais compartilhamentos de seus perfis.

No caso específico do uso do Grindr, os interlocutores confirmam ainda que essas formas de socialização virtuais criam oportunidades e, por isso, são usadas com frequência para se fazer novas amizades, bem como, para buscar parceiros para sexo casual sem compromisso. Essas atribuições dadas às mídias digitais são

expostas pelos interlocutores em seus processos de sociabilidades no ambiente virtual.

A categoria poder exposta nas falas dos entrevistados particularmente me fez refletir muito sobre a apresentação do contexto virtual como exposto por um dos interlocutores que denominou as interações sócio virtuais como um microcosmo de nossas experiências exteriores ao ambiente online. Refletir sobre as dinâmicas de poder que conectam estes usuários nas redes, de certa forma, reproduz o que vivenciamos em nossas práticas off-line.

Diante das considerações dos entrevistados, pude notar o quanto as trocas e interações configuram essas afinidades que envolvem, como descrito pelos próprios interlocutores, relações carregadas de possibilidades, que vão além da reprodução de papéis de gênero, concebidos tal qual a heteronormatividade coloca para a sociedade. No ambiente virtual os sujeitos agem e performam papéis que lhe agradam e satisfazem sem se importar com as imposições sociais.

Essa segurança que é necessária para participar das interações virtuais faz com que os sujeitos, em suas buscas, se aceitem como são, apesar de, por vezes, serem recebidos de forma fria ou indiferente, tomem ação e “cacem” seus possíveis parceiros sem ligar para questões como a de estereótipos que fetichizam e enquadram os indivíduos nas categorias de objeto e mercadoria. São essas nuances que possibilitam a esses mesmos sujeitos se aventurarem nas conexões virtuais em busca de sexo despretenso, que, por vezes, pode rolar ou não; construir amizades afetivo sexuais, ou mesmo se encaixar em um determinado gosto ou desejo.

As tramas digitais exigem que esses indivíduos se utilizem, assim como os demais usuários de ferramentas tecnológicas de artifícios que auxiliam nas interações e busca de perfis por afinidades. Dessa maneira, os interlocutores da pesquisa também ressaltam a importância de se utilizarem da imagem para apresentar seus atributos em seus perfis, bem como lançam mão da possibilidade de descrição de suas características, utilizando como possibilidade o texto.

Não menos importante que os outros fatores que corroboram com a dinâmica de poder virtual, os interlocutores da pesquisa possuem um fator a mais que possibilita uma possível interação com os demais usuários do app: o fato de serem considerados “maduros” imprime uma condição favorável para eles, visto que muitos outros usuários procuram por perfis de homens com características como essas. O fato desses homens

terem uma determinada idade serve como um divisor de águas quando da procura por um possível parceiro no ambiente virtual, e, dessa maneira, atribui, nessas relações, trocas que envolvem poder.

Quando as conexões virtuais se voltam para a temática da sexualidade, é possível observar diferentes fatores recebendo uma maior visibilidade e uma nova roupagem. Um aspecto muito ressaltado pelos interlocutores da pesquisa, como mencionado nos seus excertos, é a questão dos fetiches, o que coloca estes usuários em evidencia e os torna objeto de desejos de outros frequentadores do app. As interações virtuais que abrangem aspectos mais relacionados às sexualidades desses indivíduos apresentam ainda indicativos de uma maior representação e imposição dos gostos e interesses de cada pessoa, tornando possível que o Grindr possa ser utilizado na busca apenas por sexo, ou para a construção de amizades afetivo/sexuais dentro dos recortes e exigências de casa um.

Dessa forma, as teias entrelaçadas nas conexões virtuais dão a estes indivíduos oportunidades de performar suas sexualidades para além dos padrões social e virtual impostos, quebrando barreiras e os tão indicados estereótipos exigidos na busca por parceiros virtuais. O padrão do “supermacho”, do gay perfeito “inatingível” é desconsiderado pelos que infringem a norma e que, independentemente de seus corpos abjetos, envelhecidos, “anormais”, e sua idade, utilizam o espaço digital como ferramenta de sociabilidade e caçada amorosa, sexual ou apenas para amizade.

Diante das atuais configurações sociais que compreendem a dinâmica das relações homoafetivas, sendo concebidas tal qual o entendimento de gênero imposto pela heteronormatividade, esses homens em processo de envelhecimento utilizam outros artifícios que os auxiliam no jogo da paquera e sedução, quebrando os padrões que instituem apenas as dualidades passivo/ativo, dominador/submisso, macho/viadinho. Os entrevistados indicam haver nas possibilidades virtuais oportunidades de flutuações e diversificação de papéis, não se enquadrando em apenas uma performance, dando a eles a chance que melhor se adequa às expectativas e desejos dos demais usuários do app.

O entendimento comum de envelhecimento desenha a imagem da pessoa neste processo como um ser no fim de sua existência. Para além dessa noção, encaram o indivíduo em processo de envelhecimento como alguém que não tem

desejos ou interesses sexuais. Enquanto gays, são duplamente oprimidos e passam a ser vistos com muito mais desrespeito e discriminação, no entanto, percebemos nas falas dos interlocutores que, apesar da idade, não imprimem condição alguma para atuação ou prática sexual; encontram-se em plena atividade sexual, inclusive exibindo performances que muitas vezes não são tão comuns entre os demais usuários do app. As incursões desses indivíduos no Grindr os levam a experienciar práticas e vivências que muitos outros usuários de ferramentas tecnológicas não fazem.

Envelhecer, envelhecimento, velho, idoso, senil, são palavras que nos deixam apreensivos, atônitos e reflexivos: “e se eu precisar de cuidados?” “Não quero depender de ninguém!” “Vou aproveitar o meu resto de vida.”, esses são alguns das reflexões que fazemos quando, em nossos processos de envelhecimento, muitos sem se dar conta de que agora mesmo ele já está em curso. Ser um homem gay “maduro” tem seus privilégios, sim, existe a questão do desejo, do perfil de homem que aparenta seriedade, amadurecimento, mas também traz consigo muitas ponderações.

Para esta pesquisa não intentamos discutir os aspectos negativos que envolvem esse processo. Os interlocutores que concederam entrevista foram informados sobre o tema e nas conversas que realizamos pude perceber, nas entrelinhas, quais aspectos envolviam esses processos de cada um ao utilizar o Grindr como ferramenta de auxílio na procura por um possível parceiro.

Confesso que me surpreendi com a percepção deles sobre suas experiências e vivências virtuais, pois não percebi neles o peso da identidade socialmente constituída do velho no contexto das interações digitais. Para os interlocutores a rede é mais um espaço de sociabilidade que eles utilizam para caçar seus possíveis paqueras, sendo as suas investidas envoltas de sutilezas e artifícios que, dependendo do caso, os ajudam no êxito da busca.

Os interlocutores, assim como os demais usuários, utilizam algumas das funcionalidades do app para favorecerem seus perfis na apresentação e possível acesso pelos demais usuários. Neste sentido, compreendo que os jogos virtuais não diferem ou colocam em patamares diferentes seus utilizadores. Os homens, que entrevistei, com idades entre 40 e 52 anos são sujeitos que buscam apresentar uma boa aparência, utilizam-se das fotografias como facilitadora de interações, têm atitude e vão em busca de seus possíveis parceiros, não possuem receio possuem receio ou

medo de expor suas preferências e gostos, e assumem, por sua conta e risco, o estereótipo do homem “maduro” para seu bem ou mal.

Buscar entender os atravessamentos oportunizados por estes homens usuários do Grindr sobre seus processos de envelhecimento me fez entender muito mais sobre as singularidades que envolvem a construção do envelhecimento. Socialmente somos moldados e enquadrados em determinadas categorias de acordo com o momento em que vivemos, estamos envelhecendo em um mundo virtual, que nos impõe um novo modo de vida e formas de sociabilidades que para estes mesmo sujeitos que entrevistei poderiam ser inimagináveis em sua adolescência.

Compreendi com as reflexões e análise das falas dos interlocutores que cada processo é único e atravessado por nossas subjetividades e personalidades. Adentrar o mundo das tecnologias e se valer de mídias digitais como é o Grindr apenas faz desses homens gays sujeitos de seu tempo, que utilizam as ferramentas tecnológicas para quaisquer das funcionalidades que elas se propõem ajudar, como é o caso do app em questão.

Envelhecer, nesse contexto digital, apresenta novas formas de viver esse período da vida que, longe de tornar o indivíduo um ser inútil, oportuniza uma infinidade de possibilidades para que qualquer um aprenda ou desenvolva o que desejar, seja o desejo de aprender uma nova língua, ser um digital influencer, criar conteúdo em diferentes plataformas, criar um perfil em uma rede social ou app de relacionamento para interagir com outras pessoas e assim aproveitar o que as tecnologias nos dão a oportunidade de usufruir.

Os sentidos construídos pelos indivíduos sobre seus processos de envelhecimento não me permitem, portanto, concluir de forma precisa quais aspectos e similitudes envolvem a construção do que é envelhecer no contexto virtual, pois cada indivíduo têm um processo específico que o envolve e faz viver experiências únicas sobre envelhecimento, poder, sexualidade e o uso de mídias digitais que podem, por vezes, ter um sentido próprio para o sujeito e não atingir com a mesma sensibilidade outro indivíduo. É inapropriado, portanto, que se conclua com base em uma única pesquisa um processo que todo dia tem novas variáveis, envolve outras categorias, e abrange uma infinidade de situações, experiências e vivências tão singulares e íntimas.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAYDOUN, Mohmoud. **Não sou nem curto afeminados: reflexões viadas sobre a efeminofobia nos apps de pegação**. 1ª edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2020.
- BUENO, Silveira. **Dicionário Global Escolar Silveira Bueno da Língua Portuguesa**. – 2 ed. – São Paulo: Global, 2007.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Muller Xavier; - 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. 20ª edição, revista e ampliada. – São Paulo: Paz e Terra, 2019. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1).
- DEBERT, G. G... **Envelhecimento e Curso da Vida**. Revista Estudos Feministas, v. 15, n.1, p. 120-128, 1997.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: sociedade e processos de reprivatização do envelhecimento**. – 1 Ed. 1. reimpr. – São Paul: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- FRY, P. & MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: a vontade de saber**; Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- GREEN, James N. QUINALHA, Renan. CAETANO, Marcio. FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT NO Brasil**. – 1 Ed. – São Paulo: Alameda, 2018.
- GRINDR. **Romance na era de Covid**. 2020. Disponível em: <https://www.grindr.com/covid/#chat>. Acesso em 04 de maio de 2020.
- GOUDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 4. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**; Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª Edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**; Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª Edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017a.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. – 3. Ed. rev. e ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017b. – (Série Cadernos da Diversidade; 6).

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Traduzido por Claudio Marcondes. – São Paulo: UBU Editora, 2018.

NOGUEIRA, Gilmaro. **Caças e pegações online: subversões e reiterações de gêneros e sexualidades**. 2ª edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2020.

OUTHWAITE, William. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Protagonismo erótico, classificações e formas de sociabilidade de gays idosos**. Revista de Ciências Sociais (UFC), v. 44, p. 74-108, 2013.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos**. Bagoas: Revista de Estudos Gays, v. 3, p. 191-208, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SPINK, Mary Jane (Org.). (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Edição virtual. Rio de Janeiro, 2013.

TAYLOR, Diana. **Michael Foucault: conceitos fundamentais**; Tradução de Fábio Creder. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

AUDIOVISUAIS:

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN | **LGBT+60: Corpos que resistem** #EP5, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FEIA_WATipQ. Acesso em 26.01.2022.

NETFLIX. **O DILEMA DAS REDES**; Direção: Jeff Orlowski. 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/browse>. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

YOU TUBE. **LGBT+60: Corpos que resistem**. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FEIA_WATipQ. Acesso em 26.01.2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTAENTREVISTA

Idade:

Classificação racial:

Orientação sexual:

Estado Civil:

Tem filhos, se sim quantos(as):

Religião:

Escolaridade:

Profissão:

Renda atual:

Data:

1 - Porque você procura/utiliza o Grindr?

2 - Como você é recepcionado no Grindr?

APRENDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 01ENTREVISTA INTERLOCUTOR 01- NERDIdade: 43 anosClassificação racial: PardoOrientação sexual: Homem cis homossexualEstado Civil: SolteiroTem filhos, se sim quantos(as): NãoReligião: AteuEscolaridade: Pós-Graduado - MestreProfissão: Antropólogo, Professor universitário, artista plásticoRenda atual: 5.500,00 R\$

1 - Porque você procura/utiliza o Grindr?

Mais voltado para essa questão mesmo de sexual mesmo, [...] é mais nesse sentido mesmo, eu utilizava quando estava casado e agora no sentido de expandir os contatos, né ter amizades duas questões fundamentais a questão de encontrar parceiro sexuais não necessariamente que possam ter amizade ou não, e também parceiro sexuais que também pudessem ser amigos, mas o sentido disse e como é que se diz, eu vejo que tem a possibilidade, né o aplicativo ele te dá recursos para você utilizar essas questões, né você pode depende de como você administra as conversas, as interações, eu administrava muito nesse sentido, de deixar bem claro que eu tinha um relacionamento, como faz três meses que eu estou solteiro quando eu estava com um relacionamento aberto deixava bem claro que eu era casado tinha relacionamento aberto e buscava amigos para sexo e amizade, eu deixava bem evidente isso, né agora como eu estou solteiro e analisando assim, eu vejo que uma precária das pessoas no aplicativo precariedade que eu vejo em vários sentidos, no sentido de a nos sentidos mais práticos, né da pessoa, das pessoas aqui não ter estrutura, morar com a família, não ter carro, não ter grana, né aí você dispende de um tempo pra ter esse contato, um tempo financeiro, afetivo, econômico para você ter esse contato que acaba sendo muito dispendioso e as pessoas nem reconhecem, muitas vezes você conversa com a pessoa aí fala assim ai é aí você tem que encontrar a pessoa, buscar a pessoa, levar a pessoa pra algum lugar voltar com a pessoa é aquela coisa assim muitas vezes a pessoa não pensa, nossa a pessoa veio aqui, né,

eu acho que não existe essa sensibilidade. [...]. Eu acho que a gente tem que relativizar muito o termo *Fast foda*, né já usando um conceito antropológica porque tem que se relativizar esse termo por ele entra no mundo LGBT como uma coisa extremamente negativa é um contraste o homossexual pervertido é como é que se diz safado que busca o *Fast foda*.

2 - Como você é recepcionado no Grindr?

É um recurso de sociabilidade e socialização, depende de como a pessoa quer usar, porque você pode tanto fazer amigos, quanto você pode só fuder, eu acho do meu ponto de vista, né, eu vejo pessoas da minha idade com essa maleabilidade, de saber utilizar as possibilidades, eu sou extremamente maleável, eu acho que eu me vejo muito maleável, eu estou aberto tanto a fuder sem dizer o nome, né aquela coisa bem, quanto pegar parar conversar ficar horas conversando, fuder, conversar e depois fuder de novo, conversar e no outro dia e só ser amizade, ou agora como estou solteiro poderia até se acontecesse de conhecer alguém poderia até tornar-se, uma relação mesmo afetiva de comprometimento, eu até estava conversando com um amigo meu sobre essa coisa de estar solteiro que tem a ver com essa questão do *grindr* e eu falando assim, 'aaa como é que você', ele tá namorando sério há um ano e pouco, eu falei assim ai eu conversando com ele, ele falou assim, 'cê sabia que eu conheci meu namorado no *grindr* ele tem a mesma idade que eu', eu falei 'nossa que massa', ele falou 'pois é conheci no *grindr* e a gente ficou, e foi ficando, ficando', quer dizer que o *grindr* ele é um recurso que ele pode ter que várias possibilidades, eu vejo, eu utilizou, nesse sentido, como um recurso de várias possibilidades, que eu posso tanto gozar sem compromisso, sem nomes, sem afetividades, entre aspas, quanto posso construir um laço de amizade, afetividade.

Eu já tive amigos de muita muito mesmo contato que nasceu dessa ideia, 'aí vamo encontrar pra conhecer no sentido de vamos transar', não rolar química mesmo na conversa a gente já sacou 'ó não vai rolar cara', e a gente vamos pro bar, a gente foi pra um barzinho nós dois, né aí a gente começou nessa ideia de sexo, sentimos que não ia rolar, fomos pra um barzinho em Brasília, e disso a gente ficou muito amigos durante muitos anos, e nasceu no contexto de uma pegação que não rolou, né. [...]

Eu vejo que, eu mais seleciono do que sou selecionado, né, eu vejo, que eu [...] assim não sinto, eu vejo que a idade ela é um contabilizador, com certeza absoluta, né eu acho que o que ameniza é minha aparência, né minha aparência e não parecer tão velho eu acho que, ameniza um pouco essa questão de idade muitas pessoas já pensaram nisso, né no momento em que ver a idade mais depois ver a foto ou me ver pessoalmente ou na foto acho que não parece ser tão velho né mas tem essa essa questão idade, eu vejo que o *grindr* ele possibilita muito essa questão de um fetiche, eu vejo que existe um fetichização, né, é de você conhecer os seus gostos e transitar nestes gostos, muitas pessoas, por exemplo, não se relacionaria poderiam até não se relacionar com alguém de quarenta anos, né ou vice e versa, né ou eu não me relacionaria com um menino de dezoito mais eu faria sexo ou teria amizade com um menino de dezoito, né no sentido amizade afetivo sexual tal mas não necessariamente, eu namoraria ou teria uma relação, né sexual afetivo com eu acho que é, nesse sentido, você pode ter essa questão, mas eu vejo, por exemplo, que no meu caso eu tenho um dificuldade em relacionar com pessoas da minha idade, eu já tenho desejos por pessoas mais novas, mais jovens, eu acho que é por conta, eu analiso isso por conta de uma socialização o nosso problema é que nós temos uma sociabilização no mundo masculino, que entra naquela lógica conjuntural da heteronormatividade e da juventude, eu acho que a juventude ela é um [...] como é que se diz, ela é um importante, eu queria dizer uma coisa assim, não é recurso, ela é como se fosse uma moeda, é moeda mais também não era essa palavra que eu queria dizer, seria uma moeda, né seria uma coisa valorosa uma coisa que atribui, vantagens eu tô querendo buscar [...] Mas aí é que tá, eu acho que é uma quando eu falo dessa possibilidade de flutuações talvez eu seja uma pessoa, ímpar porque eu gosto muito dessa coisa do flutuar, né no sentido assim de, por exemplo, ter relações que eu sou extremamente ativo e extremamente dominador, e ter relações que eu sou extremamente submissivo, e submisso é passivo né, e já vivi isso tanto com pessoas da minha idade ou próximas quanto com pessoas bem mais novas, um dia desses eu saí com um cara mais novo eu acho que ele tem vinte até parece bem menos, né e me surpreendeu muito esse desejo dele de ser ativo e dominador, com uma pessoa mais velha, quer dizer que eu acho que essa questão dos roteiros dos desejos no mundo LGBT ela é muito fluida, e ela é muito diversificada, né existem pessoas [...] mesmo que nós tenhamos aquelas coisas que eu acho que vem na ordem daquela

visão binária, né que até o Levy Strauss vai aquela lógica binária é de oposições, demarcações tipo ativo/passivo, submisso/dominador, mas que ela não é tão rígida, ela funciona mais no sentido de organizar sentidos, mas dentro dessa primeira seria como Lévi Strauss, fala dentro perspectiva visível, né nas estruturas tem muito mais coisa, né a gente tem a lógica binária como aquele visível a manifestação visível do cotidiano que é o que ele fala que nos enganar, porque quando a gente vai ver na profundidade a gente vai ver um monte de possibilidades, de contextos mesmo que transite na lógica binária, né mesmo que organize os sentidos aí com aquela pessoa eu quer ser ativo com aquela pessoa eu quero ser passivo, no meu caso que sou extremamente eu acho que sou o extremo do versátil, né é nessa questão, eu acho que tem essas possibilidades de uma flutuação, né. Isso também possibilita essa questão [...] de um recurso, para eu conseguir transitar por esse mundo esse jogo mais facilmente.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 02**ENTREVISTA INTERLOCUTOR 02 - URSO**Idade: 52 anosClassificação racial: Branco/PardoOrientação sexual: GayEstado Civil: SolteiroTem filhos, se sim quantos(as): NãoReligião: Sem religiãoEscolaridade: Superior incompletoProfissão: Designer Gráfico e Artista VisualRenda atual: 5.000,00 R\$

1 - Porque você procura/utiliza o Grindr?

Bem basicamente, eu utilizo o *grindr* para a procura de parceiros sexuais, né, é como sempre eu falo quando me perguntam 'o que cê tá fazendo aqui', bem primeiro eu converso, depois eu vejo possíveis afinidades, né que venham a surgir, e claro 'ah não sei o que vamos conversar', assim olha 'a gente conversa entre a primeira e segunda foda', aí depois a gente pode continuar conversando, se a foda for boa a gente fode de novo, e assim a gente vai até se instaurar quem uma saudade, e você venham sempre a frequentar minha casa, né. Mas [...] basicamente é foda, nada mais do que isso um relacionamento, que por ventura vier acontecer, acontecerá, mas não é meu foco.

2 - Como você é recepcionado no Grindr?

Na verdade, é [...] o *grindr*, é, eu faço parte de um nicho, eu faço parte de uma parcela da população gay, que os gays não consideram mais, digamos, não é mais o gosto, né eu estou fora do padrão, então eu sou um homem com mais de 50 anos, sou um homem gordo, caseiro, que gosta disso de ficar em casa, então eu sei que estou fora dos padrões que a maioria dos gays quer, porque as maiorias dos gays, eles querem sempre a juventude, a beleza, basicamente isso. A beleza que eu digo são aqueles padrões é mesmo clássicos, clássicos de beleza, quando eu falo clássicos eu falo na idade na idade clássica grega é aquele corpo proporcional, musculado, né, é aquela

coisa harmônica então quando você está a fora do peso você não é mais do gosto. Então tem essa [...] e na cabeça do gay a gente percebe muito mais, essa necessidade de você está sempre treinando, sempre malhando, sempre está com os tônus musculares maravilhosos, e você tem de estar com a roupa da moda, de estar ouvindo o bate cabelo da Lady Gaga, certo. Então quando você, escapa desse meio, você tem que estar preparado para você, é ser recebido com uma certa frieza, mesmo. Então é o que eu percebo, é que é raro, existir claro o gay que gosta do homem mais velho, do ursão que chamam de *daddy bear*, que é o papai urso, né, que cheia essa parcela, e também assim quando eu entro no *grindr*, eu algumas [...] não é todo dia é raro, você ser assediado, geralmente sou eu, que vou atrás vou caçar digamos assim, entendeu. E aí, é assim não existir essa, essa não é mais é claro aquela [...] festa é claro que o *grindr* varia se você tivesse 18 anos, totalmente fortinho, corpinho todo maravilhoso, sem barriga, né usando a cueca *Calvin Klein*, a calça de num não sei de quem, é a camisa de num não sei de quem, né. Então mais existir [...] é claro essa recepção do *grindr*, para um homem da minha idade, do meu peso, da minha né é bem diferente é uma recepção bem mais fria. Tipo se eu não for atrás, acontece de eu ser caçado, mas geralmente sou eu quem caço, e aí a gente caça, claro com a conversa, a gente sabe tem [...] a coisa de você conversar, de você ter um nível de papo mais, que você consegue ainda aqui acolá cativar algum coisa, mas é, existir lá a busca pelo parceiro mais como eu já tenho 52 anos, eu já posso dizer que eu tenho uma agenda boa, né que eu tenho aqueles contatinhos, que, né, os que a gente tem né possível que nos 52 anos de vida não criasse uma agenda de contatinhos, né. Então tem assim os contatinhos que a gente vai, que a gente liga, entendeu mais [...] e mais assim quando a pessoa realmente, eu como eu trabalho muito de manhã, de tarde, de noite, sábado, domingo e feriado, chega numa idade quando você passar dos 40 pelo menos comigo, eu quero é sossego, entendeu [risos], entendeu eu quero sossego, eu quero terminar meu dia me sentar ali fora na varanda, pega meu livro ficar lendo, entendeu, aí dá fome vai na cozinha faz uma coisa volta, assisto um filme, uma série, esse tipo de coisa.

Se você perceber o gay ele criou o super macho, o gay criou o super macho que é aquele homem [...] a maioria agora essa ideia tá diminuindo tá se acabando, mas era assim, tinha de ser mais masculino do que um hétero, tinha de ser aquele monstro de

musculação, aquele homem extremamente bombado, aquele homem forte com os músculos todos aparentes, entendeu, tem de ter aquela forma bruta de lidar, porque isso aí era porquê [...] e o próprio gay que criou isso, porque o hétero não tá nem aí, entendeu, o próprio gay criou essa parcela do gay super macho. Se você for ver aquele, você conhece, deve conhecer, aquele ilustrador homo erótico chamado [...] é meu deus tenho até o livro dele ali, que é aí me esqueci, que o desenho dele é justamente ele que criou toda essa fantasia do couro, do homem de couro, vestindo calça *jeans* justa, o sem camisa, com boné, andando de moto, entendeu, ele criou todo esse imaginário que hoje a gente é quase que refém, né mais o super macho ele foi criado pelo gay, tanto é que hoje se você for ver o hétero na academia o hétero na academia é um cabra super normal, agora cê olhar para o lado e ver aquele homem extremamente bombado ele é gay, o ogro com a cara toda fechada é gay, ele criou [...] a impressão que dá, que eu vejo é que o gay criou esse superlativo do homem como se fosse e mais aquela coisa inatingível, eu creio que é aquela situação, eu acho que o gay ele criar tantos empecilhos 'ah porque eu quero me relacionar com um homem tenha que seja [risos] é discreto, eu quero a pessoa que seja discreta, não afeminada, sigilosa, fora do meio, tem de ter um emprego, carro, que tenha jeito de homem, aquela coisa que tenha um trabalho, um carro e um apartamento, e aí você fica só [risos], a tem de ter o pau grande também.

Mas a questão é querido, a questão é que você tem de saber onde você está indo procurar, e as relações são líquidas, são fluídas, passageiras. Uma vez uma pessoa chegou para mim e perguntou, se eu queria um relacionamento sério, eu disse 'olha para eu transar com a pessoa, eu fazer sexo com a pessoa mesmo que seja uma vez só na vida, uma coisa de momento para mim é sério' é um relacionamento sério, você estar recebendo na sua casa uma pessoa que é estranha, você vai transar com aquela pessoa, você vai beijar na boca daquela pessoa, você vai chupar o pau daquele cara ou [...] isso para mim é sério, isso para mim não é um (uuuu) não, para mim é um relacionamento sério também, agora dali para diante depois da primeira foda, pode ocorrer uma coisa, mas no seguinte no *grindr* estou procurando foda. Então a pessoa 'eu quero conversar', porra velho no *grindr*, vai procurar, sair aí vai para um bar, chamar teus amigos, conversa com alguém, a coisa é essa hoje em dia os meios de comunicação atual que são os meios que a gente mais usa o *instagram*, o *whatsapp*,

o *grindr*, o *skafe*, eles quererem uma velocidade na comunicação, isso não é ruim, isso não é ruim isso é só um outro tipo de comunicação, não é ruim de jeito nenhum agora você procurar no *grindr*, lá botou a foto, 'aí o cara não, não mostra o rosto', assim 'porra velho tu tá no açougue, tu não vai mostrar a carne que tá vendendo, me poupe', e eu não sei o que a pessoa quer, a pessoa quer [...]. Acho muito engraçado os sigilosos, eu adoro os sigilosos, os sigilosos eu adoro, eu adoro, adoro os sigilosos. Uma vez um amigo meu disse que foi transar com um cara que se dizia sigiloso, o cara foi encontrar com ele de boné e óculos escuro a noite, e foram para o motel transar e ele não tirou o boné nem os óculos, doente como se ninguém soubesse quem ele é a bixa, me poupe gente [risos] a louca da aldeia, porque se eu tivesse ido num negócio desse eu ia transar para ver até que ponto ele ia chegar, entendeu, porque eu ia bolar de rir numa situação dessas, né não, claro. Então as relações são líquidas? São, mas elas são relações e nem todo mundo está em relação líquida, sabe é uma característica da nossa sociedade contemporânea é, claro que é, nós estamos em uma sociedade em que a velocidade de comunicação é extraordinária, hoje em dia um segundo para a gente é muito tempo você não tem paciência de esperar um segundo, cê está fazendo uma coisa, você tá bem aqui no celular, uma mensagem demora ir, demora três segundo para ir você já perde a paciência.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 03ENTREVISTA INTERLOCUTOR 03 - DISCRETOIdade: 40 anosClassificação racial: BrancoOrientação sexual: HomossexualEstado Civil: SolteiroTem filhos, se sim quantos(as): NãoReligião: AteuEscolaridade: Pós-Graduado - MestreProfissão: Professor universitário e do ensino médioRenda atual: 8.800,00 R\$

1 - Porque você procura/utiliza o Grindr?

Um, primeiramente para sexo casual, né não tenho problema com isso, né é a procura imediata é essa, né mais ao mesmo tempo, ela, não excluir outros tipos de interações em relação a relacionamento, namoro, etc..., né. É uma coisa como se está conhecendo alguém em algum outro lugar, né externo você conhece a pessoa não sabe, se vai namorar com ela, se vai casar com ela ou se vai ter o sexo casual com ela. É como se fosse um simulacro, né [...] de algo externo físico, né, de um bar, de uma boate, pelo menos para mim é assim.

2 - Como você é recepcionado no Grindr?

Eita, acho que varia muito, né, tem umas variáveis aí que a gente tem que levar em conta, né. Primeiramente é eu acho que o *grindr* é muito visual na verdade, né então assim, quando eu viajo eu coloco meu rosto, né, precisam me ver, logo sabem quem eu sou, né para evitar aquele negócio 'como você é?' E tal não sei o que. É uma recepção mais tranquila, né, e ao mesmo tempo é uma exposição maior, né, porque você vai ter um texto lá e tal, né aí vai dizer 'nossa você exige muito cê é muito feio' e 'nossa discordo de você foi por causa dessa sua preferência', né. E às vezes vira [...] um debate um pouco chato, né porque você não tá lá para debater seu gosto, eu não estou lá para isso, ainda mais com quem não conheço, né, eu tô lá para conhecer alguém e aí às vezes assim, essa parte um pouco mais negativa [...], mas positiva é

que muita gente coloca como [...] ver seu rosto, né então o meu tá lá, assim tempo é dinheiro, né nesse [...] microcosmo que a gente vive no *grindr*, né, então assim já pulo certas etapas para algumas pessoas, né eles estão me vendo e tal, e aí essa recepção varia muito ponto em relação principalmente a imagem, né. Em relação ao texto também, né ele acaba se conectando com a imagem, porque quando eu coloco meu rosto eu sempre falo assim 'mostre teu rosto porque o meu está aí', né e aí, eu já começo condicionando, né, e quando eu não tô colocando o rosto eu coloco 'olá, ao iniciar a conversar a não for de rosto', que eu faria o mesmo sem iniciar, né. A isso meio [...] para muita gente, né, eu observo no *grindr* que se você colocar o rosto você, eu odeio essa palavra, mas eu vou usar porque é meio que do universo *grindr*, você não é discreto, você sei lá, (n) coisas, né e tal [...] aí fica assim, né um julgamento porque seu rosto tá lá, e aí existir isso, né um tipo de relação.

Ah sim, tem muito perfil que já coloca essa restrição 'senhor não curto coroa', aí eu não falo assim, eu por mim tranquilo isso, eu não tem problema nenhum, assim todo mundo tem seu perfil e tal, eu também não curto coroa então [risos], então pronto não sou hipócrita nesse sentido de nossa também não curto.

Então, é não coloco a idade, né, então assim geralmente, mesmo colocando o rosto eu não coloco a idade mais quando me perguntam eu respondo tranquilamente, né. E às vezes alguém fala né que não parece, aí é ótimo, né mais nem sempre é assim, eu nunca fui rejeitado é nominalmente pela idade, né eu já mandei uma foto e disse que não gostou, né, não sei se foi pela idade, pela aparência, né. Mas textualmente eu nunca tive esse tipo de rejeição, né. O que eu faço é esse tipo de [...] seleção, né quando eu vejo alguém 'nossa muito bacana muito atraente' e aí eu olho se a pessoa [...] no perfil da pessoa se ela não gosta de coroa, né [...] e aí eu, é acabo não falando com a pessoa. Eu também, vejo assim que, muitas das pessoas que tem [...] pessoas que como eu e tem com um recorte de idade bem específico, né gosto de pessoas com idade (x) [...] sei lá, e também é muito específico, né é uma coisa inclusive no físico não tem como ver [...] sei lá no mundo físico, né eu gosto de alguém e tal mais não sabe nem a idade da pessoa, né na verdade você calcula nos recortes, né eu também faço meus recortes, eu não foi mentir, né assim geralmente eu não tenho interesse em homens faixa etária, né, um ou outro porque eu olho assim 'nossa', mas

não me chamou a atenção, né assim, é assim geralmente todo os níveis tipo coroa, quarentão e tal, eu nem interajo, assim a não ser quando é um cara muito atraente e tals assim, aí inclusive até parecer mais jovem [risos] mas é eu não tenho interesse assim, né, nesse perfil pelo menos no *grindr*, né.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA: INTERLOCUTOR 04**ENTREVISTA INTERLOCUTOR 04 - MALHADINHO**Idade: 44 anosClassificação racial: PardoOrientação sexual: HomossexualEstado Civil: SolteiroTem filhos, se sim quantos(as): NãoReligião: TodasEscolaridade: Pós-Graduado - EspecialistaProfissão: Educador FísicoRenda atual: 3.500,00 R\$

1 - Porque você procura/utiliza o Grindr?

Por que eu procuro e utilizo o *grindr*? Eu procuro e utilizo o *grindr*, para me relacionar com outros homens, para procurar [...] o sexo mesmo, a amizades, isso amizades coloridas.

Conhecer novas pessoas, para amizade, para transar, é isso, não tem outro objetivo.

2 - Como você é recepcionado no Grindr?

Como é que eu sou recepcionado no *grindr*? Eu sou recepcionado de forma positiva, isso vai depender muito dos estereótipos, né da outra pessoa também, porque é um jogo de estereótipos o *grindr*. Às vezes sou recepcionado de forma positiva, algumas vezes não, isso vai depender do estereótipo que a pessoa está procurando também do outro lado.

Essa questão de estereótipos é muito forte e prejudicativo, é e às vezes você não é recepcionado de forma positiva, porque não agrada ao estereótipo da outra pessoa que está lá a procura de parceiros também.

Eu acho que essa questão dos estereótipos dos corpos, né, é muito forte dentro do aplicativo. Primeiro vai iniciando por conta da descrição, né, lá tem todo um questionário para você responder a descrição do que você está procurando, né, começa daí, às vezes eu acho bem forte essa questão dos estereótipos e da criação até dos subgrupos dos grupos lá no aplicativo. E também acho que essas questões dos estereótipos, é ela vem muito dessa questão da educação machista que a gente tem, e a maioria das pessoas procuram [...] maioria dos homens que estão lá procuram homens másculos e fortes, acho que é mais por aí.

Quando eu digo que tenho 44 anos, eu sempre fui recebido de forma muito positiva, porque as pessoas [...] acho que imaginam por eu ter 44 anos é uma pessoa mais madura, eu acho que tem esse estereótipo aí do cara mais maduro, do cara [...] entendeu. Acho que vai é por aí, eu sempre fui recepcionado de forma positiva com relação a idade.

Acho que facilita....

Com relação a esses subgrupos, né, que eu acho que eles formam subgrupos dentro do grupão, quando eles descrevem lá [...] botam naqueles quadradinhos lá as especificidades do que eles procuram. E eu acho também que as pessoas que são [...] é têm sobrepeso, ou gordas ou obesas, né elas têm maior dificuldades em encontrar parceiros, não tem um corpo padrão.

Eu acho que vai muita gente a procura de relacionamento, mas na verdade não está à procura de relacionamento tá a procura de sexo mesmo, entendeu.

E que também existem muitos perfis *fakes*, né, que acham que é [...] como eu vou explicar essa questão, como se fosse é, levar a um relacionamento abusivo tipo isso, tipo querer ficar com aquela pessoa para fazer mal com aquela pessoa, entendeu.

Gera uma exclusão concordo....

Eu vou te dizer bem aqui uma coisa, no início eu entrava no *grindr* para procurar um relacionamento é duradouro, eu não procurava só sexo eu acho que tem muita gente que procura sim também, acho que tem algumas pessoas muitas não, tem algumas pessoas que fazem isso eu acho.

Isso no início do aplicativo que tô dizendo, hoje em dia isso não, atualmente não, mas eu vejo que algumas pessoas vão atrás de relacionamento duradouro. Tem uma parcela de pessoas que vão para relacionamento duradouro, e eu acho que o aplicativo é só para sexo, e têm pessoas [...] maioria das pessoas a outra metade como se fosse metade, metade e uma outra metade vai somente para sexo mesmo.

Eu acho por conta, como se fosse um tabuleiro de corpos, né, por conta principalmente disso, pela exposição e como está exposto lá os perfis, entendeu. Isso já denota que é um aplicativo para relações casuais. Acho que vem muito do *Layout* do aplicativo, principalmente.

ANEXOS

MÍDIAS DIGITAIS

Interlocutor	Procedimentos que permitem observar o objetivo	Pergunta geral	Primeiras impressões	Compreensão pessoal	Aspectos afetivos envolvidos
<u>NERD</u>	Mais voltado para essa questão mesmo de sexual mesmo, [...] no sentido de expandir os contatos, né ter amizades duas questões fundamentais a questão de encontrar parceiro sexuais não necessariamente que possam ter amizade ou não, e também parceiro sexuais que também pudessem ser amigos [..]	[...] o aplicativo ele te dá recursos para você utilizar essas questões, né você pode, depende de como você administra as conversas, as interações, [...] e buscava amigos para sexo e amizade, eu deixava bem evidente isso, né, agora como eu estou solteiro e analisando assim, eu vejo que [há] uma precária das pessoas no aplicativo, precariedade que eu vejo em vários sentidos, no sentido de a nos sentidos mais práticos, [...]	[...] eu acho que não existe essa sensibilidade [..] É um recurso de sociabilidade e socialização, depende de como a pessoa quer usar, porque você pode tanto fazer amigos, quanto você pode só fuder, [...]	[...] Eu acho que a gente tem que relativizar muito o termo <i>Fast foda</i> , né, já usando um conceito antropológico, porque tem que se relativizar esse termo por ele entra no mundo LGBT como uma coisa extremamente negativa, é um contraste o homossexual pervertido é como é que se diz, safado que busca o <i>Fast foda</i> .	[...]aí você dispender de um tempo pra ter esse contato, um tempo financeiro, afetivo, econômico para você ter esse contato que acaba sendo muito dispendiosos e as pessoas nem reconhece m, [...] aí você tem que encontrar a pessoa, buscar a pessoa, levar a pessoa pra algum lugar voltar com a pessoa, é aquela coisa assim, muitas vezes a pessoa não pensa, nossa a pessoa veio aqui,

					né, eu acho que não existe essa sensibilidade.
<u>URSO</u>	[...] Então a pessoa 'eu quero conversar', porra velho, no <i>grindr</i> ? vai procurar, sair aí, vai para um bar, chamar teus amigos, conversa com alguém,	[...] a coisa é essa hoje em dia, os meios de comunicação atual que são os meios que a gente mais usa o <i>instagram</i> , o <i>whatsapp</i> , o <i>grindr</i> , o <i>skafe</i> , eles quererem uma velocidade na comunicação , isso não é ruim, isso não é ruim, isso é só um outro tipo de comunicação, não é ruim de jeito nenhum, agora você procurar no <i>grindr</i> , lá botou a foto, 'aí o cara não, não mostra o rosto', assim, 'porra velho tu tá no açougue, tu não vai mostrar a carne que tá vendendo, me poupe',	[...]as relações são líquidas, são fluídas, passageiras. Uma vez uma pessoa chegou para mim e perguntou, se eu queria um relacionamento sério, eu disse 'olha para eu transar com a pessoa, eu fazer sexo com a pessoa, mesmo que seja uma vez só na vida, uma coisa de momento, para mim é 'sério', é um relacionamento sério, você estar recebendo na sua casa uma pessoa que é estranha, você vai transar com aquela pessoa, você vai beijar na boca	[...] sabe é uma característica da nossa sociedade contemporânea é, claro que é, nós estamos em uma sociedade em que a velocidade de comunicação é extraordinária, hoje em dia um segundo para a gente é muito tempo, você não tem paciência de esperar um segundo, cê tá fazendo um coisa, você tá bem aqui no celular, uma mensagem demora ir, demora três segundos para ir você já perde a paciência.	[...] para mim é um relacionamento sério também, agora dali para diante depois da primeira foda, pode ocorrer uma coisa, mas no seguinte no <i>grindr</i> estou procurando foda.

			daquela pessoa, [...] isso para mim é sério		
<u>DISCRETO</u>	[...] É uma coisa como se tá conhecendo alguém em algum outro lugar né? externo você conhece a pessoa não sabe, se vai namorar com ela, se vai casar com ela ou se vai ter o sexo casual com ela. É como se fosse um simulacro, né? [...] de algo externo físico, né, de um bar, de uma boate, pelo menos para mim é assim.	Primeiramente, é, eu acho que o <i>grindr</i> é muito visual na verdade, né então assim, quando eu viajo eu coloco meu rosto, né, precisam me ver, logo sabem quem eu sou, né para evitar aquele negócio 'como você é?' e tal não sei o que.	[...] e aí essa recepção varia muito ponto em relação principalmen te a imagem, né? Em relação ao texto também, né? ele acaba se conectando com a imagem, porque quando eu coloco meu rosto eu sempre falo assim 'mostre teu rosto porque o meu tá aí', né e aí, eu já começo condicionan do, né?	[...] eu observo no <i>grindr</i> que se você colocar o rosto você, eu odeio essa palavra, mas eu vou usar porque é meio que do universo <i>grindr</i> , você não é discreto, você sabe lá, (n) coisas, né e tal [...] ai fica assim, né um julgamento porque seu rosto tá lá, e aí existir isso, né? um tipo de relação.	[...] assim todo mundo tem seu perfil e tal, eu também não curto coroa então [risos], então pronto não sou hipócrita nesse sentido de nossa também não curto.
<u>MALHADINHO</u>	Eu acho que essa questão dos estereótipos dos corpos , né? é muito forte dentro do aplicativo. Primeiro vai iniciando por conta da descrição , né? [...]às vezes eu acho bem forte essa questão dos estereótipos e da criação até dos subgrupos dos grupos lá no aplicativo.	Conhecer novas pessoas, para amizade, para transar , é isso, não tem outro objetivo.	E que também existem muitos perfis fakes , né? que acham que é [...]como se fosse é, levar a um relacioname nto abusivo tipo isso, tipo querer ficar com aquela pessoa para	Eu vou te dizer bem aqui uma coisa, no início eu entrava no <i>grindr</i> para procurar um relacionamento é duradouro , eu não procurava só sexo eu acho que tem muita gente que procura sim também, [...]	[...] como se fosse um tabuleiro de corpos , né? por conta principalment e disso, pela exposição , e como está exposto lá os perfis, entendeu. Isso já denota que é um aplicativo para

			fazer mal com aquela pessoa, entendeu.	relações casuais.
PODER				
Interlocutor	Pergunta geral	Primeiras impressões	Compreensão pessoal	Aspectos afetivos envolvidos
<u>NERD</u>	[...] não é recurso, ela é como se fosse uma moeda, é moeda mais também não era essa palavra que eu queria dizer, seria uma moeda, né? seria uma coisa valorosa uma coisa que atribui, vantagens eu tô querendo buscar [...] Mas aí é que tá, eu acho que é uma quando eu falo dessa possibilidade de flutuações talvez eu seja uma pessoa, ímpar porque eu gosto muito dessa coisa do flutuar, né? no sentido assim de, por exemplo, ter relações que eu sou extremamente ativo e extremamente dominador, e ter relações que eu sou extremamente submissivo, e submisso e passivo, né e já vivi isso tanto com pessoas da minha idade ou próximas quanto com	[...] o <i>grindr</i> ele é um recurso que ele pode ter que várias possibilidades , eu vejo, eu utilizo nesse sentido, como um recurso de várias possibilidades, que eu posso tanto gozar sem compromisso, sem nomes, sem afetividades, entre aspas, quanto posso construir um laço de amizade, afetividade.	Eu vejo que, eu mais seleciono do que sou selecionado, né? eu vejo, que eu [...] assim, não sinto, eu vejo que a idade ela é um contabilizado r, com certeza absoluta, né eu acho que o que ameniza é minha aparência, né? minha aparência e não parecer tão velho eu acho que, ameniza um pouco essa questão de idade, muitas pessoas já pensaram nisso, né? no momento em que ver a	[...] vejo que o <i>grindr</i> ele possibilita muito essa questão de um fetiche , eu vejo que existe um fetichização, né? é de você conhecer os seus gostos e transitar nestes gostos, muitas pessoas, por exemplo, não se relacionaria, poderiam até não se relacionar com alguém de quarenta anos, né? ou vice e versa, né? ou eu não me relacionaria com um menino de dezoito mais eu faria sexo ou teria amizade com um menino de dezoito, né? [...] eu acho que é, nesse sentido, você pode ter essa questão, mas eu vejo, por exemplo, que no meu caso eu tenho uma dificuldade em relacionar com pessoas da minha idade, eu já tenho desejos por pessoas mais novas , mais jovens, eu acho que é por conta, eu analiso isso por conta de uma socialização , o nosso problema é que nós temos uma sociabilização no mundo masculino, que entra naquela lógica conjuntural da heteronormatividade e da juventude , [...]

	<p>peças bem mais novas, um dia desses eu saí com um cara mais novo eu acho que ele tem vinte, até parece bem menos, né? e me surpreendeu muito esse desejo dele de ser ativo e dominador, com uma pessoa mais velha, quer dizer que eu acho que essa questão dos roteiros dos desejos no mundo LGBT ela é muito fluida, e ela é muito diversificada, [...] aquela lógica binária é de oposições, demarcações tipo ativo/passivo, submisso/dominador, mas que ela não é tão rígida, ela funciona mais no sentido de organizar sentidos,</p>		<p>idade, mais depois ver a foto ou me ver pessoalmente e ou na foto acho que não parece ser tão velho né? mas tem essa questão idade, [...]</p>	
<p>URSO</p>	<p>[...] eu vejo é que o gay criou esse superlativo do homem, como se fosse é mais aquela coisa inatingível, eu creio que é aquela situação, eu acho que o gay ele cria tantos empecilhos 'ah porque eu quero me relacionar com um homem tenha que seja [risos] é discreto, eu quero a pessoa que seja discreta, não</p>	<p>Então quando você, escapa desse meio, você tem que estar preparado para você, é ser recebido com uma certa frieza, mesmo. Então é o que eu percebo, [...] e também assim quando eu entro no <i>grindr</i>, eu algumas [...] não é todo dia é raro, você ser</p>	<p>Se você perceber o gay ele criou o super macho, o gay criou o super macho que é aquele homem [...] mais masculino do que um hétero, tinha de ser aquele monstro de</p>	<p>Então mais existe [...] é claro essa recepção do <i>grindr</i>, para um homem da minha idade, do meu peso, da minha, né? é bem diferente, é uma recepção bem mais fria. [...] e aí a gente caça, claro com a conversa, a gente sabe tem [...] a coisa de você conversar, de você ter um nível de papo mais, que você consegue ainda aqui acolá cativar alguma coisa, mas é, existe lá a busca pelo parceiro, mais como eu já tenho 52 anos, eu já posso dizer que eu tenho</p>

	afeminada, sigilosa, fora do meio, tem de ter um emprego, carro, que tenha jeito de homem, aquela coisa que tenha um trabalho, um carro e um apartamento, e aí você fica só [risos], a tem de ter o pau grande também.	assediado, geralmente sou eu, que vou atrás vou caçar digamos assim, entendeu.	musculação, aquele homem extremamente e bombado, aquele homem forte com os músculos todos aparentes, entendeu, tem de ter aquela forma bruta de lidar, [...] e o próprio gay que criou isso, porque o hétero não tá nem aí, entendeu? o próprio gay criou essa parcela do gay super macho.	uma agenda boa, né? que eu tenho aqueles contatinhos, [...]
<u>DISCRETO</u>	Então, é, não coloco a idade, né, então assim, geralmente mesmo colocando o rosto eu não coloco a idade, mais quando me perguntam eu respondo tranquilamente, né? E às vezes alguém fala né, que não parece, aí é ótimo, né? mais nem sempre é assim, eu nunca fui rejeitado é nominalmente pela idade, né? eu já mandei uma foto e	[...] ver seu rosto, né então o meu tá lá, assim tempo é dinheiro, né nesse [...] microcosmo que a gente vive no <i>grindr</i> , né? então assim já pulo certas etapas para algumas pessoas, né? eles estão me vendo e tal, e aí essa recepção varia muito, ponto em relação principalmente a	[...] Assim, tem muito perfil que já coloca essa restrição 'senhor não curto coroa', aí eu não falo assim, eu por mim tranquilo isso, eu não tenho problema nenhum, assim, todo mundo tem	[...] na verdade você calcula os recortes, né? eu também faço meus recortes, eu não vou mentir, né? assim geralmente eu não tenho interesse em homens [de uma determinada] faixa etária, né? um ou outro porque eu olho assim 'nossa', mas não me chamou a atenção, né, assim, é assim geralmente todos os níveis tipo coroa, quarentão e tal, eu nem interajo, assim, a não ser quando é um cara muito atraente e tals assim, aí inclusive até parecer mais jovem [risos] mas é, eu não tenho interesse

	<p>disse que não gostou, né, não sei se foi pela idade, pela aparência, né Mas textualmente eu nunca tive esse tipo de rejeição, né? O que eu faço é esse tipo de [...] seleção, né? quando eu vejo alguém 'nossa muito bacana, muito atraente' e aí eu olho se a pessoa [...] no perfil da pessoa se ela não gosta de coroa, né? [...] e aí eu, é acabo não falando com a pessoa.</p>	<p>imagem, né? Em relação ao texto também, né? ele acaba se conectando com a imagem, porque quando eu coloco meu rosto eu sempre falo assim 'mostre teu rosto porque o meu tá aí', né, e aí, eu já começo condicionando, né?</p>	<p>seu perfil e tal, eu também não curto coroa, então [risos], então pronto, não sou hipócrita nesse sentido de nossa também não curto.</p>	<p>assim, né? nesse perfil pelo menos no <i>grindr</i>, né?</p>
<p>MALHADINHO</p>	<p>Eu acho que essa questão dos estereótipos dos corpos, né, é muito forte dentro do aplicativo. Primeiro vai iniciando por conta da descrição, né, lá tem todo um questionário para você responder a descrição do que você está procurando, né? começa daí, às vezes eu acho bem forte essa questão dos estereótipos e da criação dos subgrupos dos grupos lá no aplicativo. E também acho que essas questões dos estereótipos, é ela vem muito dessa questão da educação machista que a gente</p>	<p>Quando eu digo que tenho 44 anos, eu sempre fui recebido de forma muito positiva, porque as pessoas [...] acho que imaginam por eu ter 44 anos é uma pessoa mais madura, eu acho que tem esse estereótipo aí do cara mais maduro, do cara [...] entendeu?</p>	<p>Eu acho que vai muita gente a procura de relacionamento, mas na verdade não está à procura de relacionamento, tá a procura de sexo mesmo, entendeu.</p> <p>E que também existem muitos perfis <i>fakes</i>, né? que acham que é [...] como eu vou explicar essa questão, como se fosse é, levar a um</p>	<p>Eu vou te dizer bem aqui uma coisa, no início eu entrava no <i>grindr</i> para procurar um relacionamento é duradouro, eu não procurava só sexo, eu acho que tem muita gente que procura sim também.</p>

	<p>tem, e a maioria das pessoas procuram [...] maioria dos homens que estão lá procuram homens másculos e fortes, acho que é mais por aí.</p>		<p>relacioname nto abusivo tipo isso, tipo querer ficar com aquela pessoa para fazer mal com aquela pessoa, entendeu.</p> <p>Gera uma exclusão concordo.</p>	
--	--	--	--	--

SEXUALIDADE

Interlocutor	Pergunta geral	Primeiras impressões	Compreensão pessoal	Aspectos afetivos envolvidos
<p><u>NERD</u></p>	<p>[...] eu vejo que o <i>grindr</i> ele possibilita muito essa questão de um fetiche, eu vejo que existe um fetichização, né? é de você conhecer os seus gostos e transitar nestes gostos, muitas pessoas, por exemplo, não se relacionaria poderiam até não se relacionar com alguém de quarenta anos, né? ou vice e versa, né? ou eu não me relacionaria com um menino de dezoito, mais eu faria sexo ou teria amizade com um menino de dezoito, né? no sentido amizade afetivo sexual tal mas não</p>	<p>[...] Eu acho que a gente tem que relativizar muito o termo <i>Fast</i> foda, né? já usando um conceito antropológico, porque tem que se relativizar esse termo por ele entra no mundo LGBT como uma coisa extremamente negativa, é um contraste o homossexual pervertido é como é que se diz safado que busca o <i>Fast</i> foda.</p>	<p>[...] quer dizer que eu acho que essa questão dos roteiros dos desejos no mundo LGBT ela é muito fluida, e ela é muito diversificada, né, existem pessoas [...] mesmo que nós tenhamos aquelas coisas que eu acho que vem na ordem daquela visão binária, né? que até o Levy Strauss vai aquela lógica binária é de oposições, demarcações tipo ativo/passivo, submisso/dominador, mas que ela não é tão rígida, ela funciona mais no sentido de organizar sentidos, [...]</p>	<p>[...] no meu caso que sou extremamente eu acho que sou o extremo do versátil, né? é nessa questão, eu acho que tem essas possibilidades de uma flutuação, né? Isso também possibilita essa questão [...] de um recurso, pra eu conseguir transitar por esse mundo esse jogo mais facilmente.</p>

<p>necessariamente, eu namoraria ou teria uma relação, né sexual afetivo com eu acho que é, nesse sentido, você pode ter essa questão, mas eu vejo, por exemplo, que no meu caso eu tenho um dificuldade em relacionar com pessoas da minha idade, eu já tenho desejos por pessoas mais novas, mais jovens, eu acho que é por conta, eu analiso isso por conta de uma socialização, o nosso problema é que nós temos uma sociabilização no mundo masculino, que entra naquela lógica conjuntural da heteronormatividade e da juventude, [...] Mas aí é que tá, eu acho que é uma quando eu falo dessa possibilidade de flutuações talvez eu seja uma pessoa, ímpar porque eu gosto muito dessa coisa do flutuar, né? no sentido assim de, por exemplo, ter relações que eu sou extremamente</p>			
---	--	--	--

	<p>ativo e extremamente dominador, e ter relações que eu sou extremamente submissivo, é submisso e passivo, né? e já vivi isso tanto com pessoas da minha idade ou próximas, quanto com pessoas bem mais novas, um dia desses eu saí com um cara mais novo, eu acho que ele tem vinte até parece bem menos, né? e me surpreendeu muito esse desejo dele de ser ativo e dominador, com uma pessoa mais velha, quer dizer que eu acho que essa questão dos roteiros dos desejos no mundo LGBT ela é muito fluida, e ela é muito diversificada, [...]</p>			
<p><u>URSO</u></p>	<p>Se você perceber o gay ele criou o super macho, o gay criou o super macho que é aquele homem [...] e o próprio gay que criou isso, porque o hétero não tá nem aí, entendeu, o próprio gay criou essa parcela do gay super macho. [...] eu vejo é que o gay criou esse</p>	<p>Uma vez um amigo meu disse que foi transar com um cara que se dizia sigiloso, o cara foi encontrar com ele de boné e óculos escuro a noite, e foram para o motel transar e ele não tirou o boné nem os óculos, doente como se ninguém soubesse quem ele é a bicha, me</p>	<p>[...] a coisa é essa hoje em dia os meios de comunicação atual que são os meios que a gente mais usa o <i>instagram</i>, o <i>whatsapp</i>, o <i>grindr</i>, o <i>skafe</i>, eles querem uma velocidade na comunicação, isso não é ruim, isso não é ruim, isso é só um outro tipo de comunicação, não é ruim de jeito nenhum</p>	<p>Uma vez uma pessoa chegou para mim e perguntou, se eu queria um relacionamento sério, eu disse 'olha para eu transar com a pessoa, eu fazer sexo com a pessoa mesmo que seja uma vez só na vida, uma coisa de momento para mim é sério', é um relacionamento sério, você estar recebendo</p>

	<p>superlativo do homem como se fosse e mais aquela coisa inatingível, eu creio que é aquela situação, eu acho que o gay ele cria tantos empecilhos 'ah porque eu quero me relacionar com um homem tenha que seja [risos] é discreto, eu quero a pessoa que seja discreta, não afeminada, sigilosa, fora do meio, tem de ter um emprego, carro, que tenha jeito de homem, aquela coisa que tenha um trabalho, um carro e um apartamento, e aí você fica só [risos], a tem de ter o pau grande também.</p>	<p>poupe gente [risos] a louca da aldeia, porque se eu tivesse ido num negócio desse, eu ia transar para ver até que ponto ele ia chegar, entendeu, porque eu ia bolar de rir numa situação dessas, né não? claro.</p>	<p>agora você procurar no <i>grindr</i>, lá botou a foto, 'aí o cara não, não mostra o rosto', assim 'porra velho tu tá no açougue, tu não vai mostrar a carne que tá vendendo, me poupe', e eu não sei o que a pessoa quer, a pessoa quer [...]. Acho muito engraçado os sigilosos, eu adoro os sigilosos, os sigilosos eu adoro, eu adoro, adoro os sigilosos.</p>	<p>na sua casa uma pessoa que é estranha, você vai transar com aquela pessoa, você vai beijar na boca daquela pessoa, você vai chupar o pau daquele cara [...] isso para mim é sério, isso para mim não é um (uuuu) não, para mim é um relacionamento sério também, agora dali para diante depois da primeira foda, pode ocorrer uma coisa, mas no seguinte no <i>grindr</i> estou procurando foda.</p>
<p><u>DISCRETO</u></p>	<p>[...] eu também faço meus recortes, eu não vou mentir, né? assim geralmente eu não tenho interesse em homens de uma determinada faixa etária, né? um ou outro porque eu olho assim 'nossa', mas não me chamou a atenção, né? assim, é assim geralmente todo os níveis tipo coroa, quarentão e tal, eu</p>	<p>É uma recepção mais tranquila, né? e ao mesmo tempo é uma exposição maior, né? porque você vai ter um texto lá e tal, né? aí vai dizer 'nossa você exige muito cê é muito feio' e 'nossa discordo de você foi por causa dessa sua preferência', né?</p>	<p>O que eu faço é esse tipo de [...] seleção, né? [...] Eu também, vejo assim que muitas das pessoas que tem [...] pessoas que como eu e tem com um recorte de idade bem específico, né? gosto de pessoas com idade (x) [...] sei lá, e também é muito específico, né? é uma coisa inclusive no físico não tem como ver.</p>	<p>[...] assim todo mundo tem seu perfil e tal, eu também não curto coroa então [risos], então pronto não sou hipócrita nesse sentido de nossa também não curto.</p>

	nem interajo, assim, a não ser quando é um cara muito atraente e tals, assim, aí inclusive até parecer mais jovem [risos] mas é, eu não tenho interesse assim, né, nesse perfil pelo menos no <i>grindr</i> , né?			
MALHADINHO	Tem uma parcela de pessoas que vão para relacionamento duradouro, e eu acho que o aplicativo é só para sexo , e têm pessoas [...] a maioria das pessoas, a outra metade [...] vai somente para sexo mesmo.	Eu acho por conta como se fosse um tabuleiro de corpos , né? por conta principalmente disso, pela exposição e como está exposto lá os perfis, entendeu. Isso já denota que é um aplicativo para relações casuais . Acho que vem muito do <i>Layout</i> do aplicativo, principalmente.	Eu acho que vai muita gente a procura de relacionamento, mas na verdade não está a procura de relacionamento tá a procura de sexo mesmo, entendeu.	[...] no início eu entrava no <i>grindr</i> para procurar um relacionamento é duradouro , eu não procurava só sexo eu acho que tem muita gente que procura sim também, acho que tem algumas pessoas muitas não, tem algumas pessoas que fazem isso eu acho.

PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Interlocutor	Pergunta geral	Primeiras impressões	Compreensão pessoal	Aspectos afetivos envolvidos
NERD	[...] eu vejo que a idade ela é um contabilizador, com certeza absoluta, né? eu acho que o que ameniza é minha aparência,	[...] eu até estava conversando com um amigo meu sobre essa coisa de estar solteiro que tem a ver com essa questão do	[..] eu vejo que o <i>grindr</i> ele possibilita muito essa questão de um fetiche, eu vejo que existe um fetichização, né? é de você conhecer	[...] eu acho que a juventude ela é um [...] como é que se diz, ela é um importante, eu queria dizer uma coisa assim, não é recurso, ela é como se fosse uma

	<p>né? minha aparência é não parecer tão velho eu acho que ameniza um pouco essa questão de idade, muitas pessoas já pensaram nisso, né? no momento em que ver a idade, mais depois ver a foto ou me ver pessoalmente ou na foto acha que não parece ser tão velho né? mas tem essa questão idade [...]</p> <p>[...] mas eu vejo, por exemplo, que no meu caso eu tenho um dificuldade em relacionar com pessoas da minha idade, eu já tenho desejos por pessoas mais novas, mais jovens, eu acho que é por conta, eu analiso isso por conta de uma socialização o nosso problema é que nós temos uma sociabilização no mundo masculino, que entra naquela lógica conjuntural da heteronormatividade e da juventude,</p>	<p><i>grindr</i>, e eu falando assim, 'aaa como é que você', ele tá namorando sério há um ano e pouco, eu falei assim, ai eu conversando com ele, ele falou assim, 'cê sabia que eu conheci meu namorado no <i>grindr</i> ele tem a mesma idade que eu', eu falei 'nossa que massa', ele falou 'pois é conheci no <i>grindr</i> e a gente ficou, e foi ficando, ficando', quer dizer que o <i>grindr</i> ele é um recurso que ele pode ter que várias possibilidades, eu vejo, eu utilizo nesse sentido, como um recurso de várias possibilidades, que eu posso tanto gozar sem compromisso, sem nomes, sem afetividades, entre aspas, quanto posso construir um laço de amizade, afetividade.</p>	<p>os seus gostos e transitar nestes gostos, muitas pessoas, por exemplo, não se relacionaria poderiam até não se relacionar com alguém de quarenta anos, né? ou vice e versa, né? ou eu não me relacionaria com um menino de dezoito, mais eu faria sexo ou teria amizade com um menino de dezoito, né? no sentido amizade afetivo sexual tal, mas não necessariamente eu namoraria ou teria uma relação, né? sexual afetivo com, eu acho que é nesse sentido [...]</p>	<p>moeda, é moeda mais também não era essa palavra que eu queria dizer, seria uma moeda, né? seria uma coisa valorosa uma coisa que atribui, vantagens eu tô querendo buscar [...]</p>
<p><u>URSO</u></p>	<p>Então quando você, escapa desse meio, você tem que estar preparado para você, é ser recebido com uma certa</p>	<p>Então mais existe [...] é claro essa recepção do <i>grindr</i>, para um homem da minha idade, do meu</p>	<p>Então tem assim os contatinhos que a gente vai, que a gente liga, entendeu mais [...] eu como eu</p>	<p>[...] e aí a gente caça, claro com a conversa, a gente sabe tem [...] a coisa de você conversar, de você ter um nível de papo mais,</p>

	<p>frieza, mesmo. Então é o que eu percebo, é que é raro, existe claro o gay que gosta do homem mais velho, do ursão que chamam de <i>daddy bear</i>, que é o papai urso, né? que cheia essa parcela, e também assim quando eu entro no <i>grindr</i>, eu algumas [...] não é todo dia é raro, você ser assediado, geralmente sou eu, que vou atrás vou caçar digamos assim, entendeu.</p>	<p>peso, da minha né? é bem diferente, é uma recepção bem mais fria. Tipo se eu não for atrás, acontece de eu ser caçado, mas geralmente sou eu quem caço [...]</p>	<p>trabalha muito de manhã, de tarde, de noite, sábado, domingo e feriado, chega numa idade quando você passa dos 40 pelo menos comigo, eu quero é sossego, entendeu [risos], entendeu? eu quero sossego, eu quero terminar meu dia me sentar ali fora na varanda, pega meu livro ficar lendo, entendeu? aí dá fome, vai na cozinha faz uma coisa volta, assisto um filme, uma série, esse tipo de coisa.</p>	<p>que você consegue ainda aqui acolá cativar algum coisa, mas é, existe lá a busca pelo parceiro mais como eu já tenho 52 anos, eu já posso dizer que eu tenho uma agenda boa, né? que eu tenho aqueles contatinhos,</p>
<p><u>DISCRETO</u></p>	<p>Então, é, não coloco a idade, né, então assim geralmente, mesmo colocando o rosto eu não coloco a idade mais quando me perguntam eu respondo tranquilamente, né? E às vezes alguém fala né, que não parece, aí é ótimo, né? mais nem sempre é assim, eu nunca fui rejeitado é nominalmente pela idade, né? eu já mandei uma foto e disse que não gostou, né, não sei se foi pela idade, pela aparência, né? Mas textualmente eu nunca tive esse tipo de rejeição, né?</p>	<p>Eu também vejo assim, que muitas das pessoas que tem [...] pessoas que como eu e tem um recorte de idade bem específico, né? gosto de pessoas com idade (x) [...] sei lá, e também é muito específico, né? é uma coisa inclusive no físico não tem como ver [...] sei lá no mundo físico, né? eu gosto de alguém e tal mais não sabe nem a idade da pessoa, né? na verdade você calcula nos recortes, né? eu também faço meus recortes, eu</p>	<p>. O que eu faço é esse tipo de [...] seleção, né? quando eu vejo alguém 'nossa muito bacana muito atraente' e aí eu olho se a pessoa [...] no perfil da pessoa se ela não gosta de coroa, né? [...] e aí eu, é acabo não falando com a pessoa. Eu também, vejo assim que, muitas das pessoas que tem [...] pessoas que como eu e tem um recorte de idade bem específico, né? gosto de pessoas com idade (x)[...]</p>	<p>[...] um ou outro porque eu olho assim 'nossa', mas não me chamou a atenção, né? assim, é assim geralmente todo os níveis tipo coroa, quarentão e tal, eu nem interajo, assim a não ser quando é um cara muito atraente e tals assim, aí inclusive até parecer mais jovem [risos] mas é eu não tenho interesse assim, né? nesse perfil pelo menos no <i>grindr</i>, né?</p>

		não foi mentir, né? assim geralmente eu não tenho interesse em homens faixa etária [...]		
<u>MALHADINHO</u>	Eu sou recepcionado de forma positiva, isso vai depender muito dos estereótipos, né? da outra pessoa também, porque é um jogo de estereótipos o <i>grindr</i> . Às vezes sou, recepcionado de forma positiva, algumas vezes não, isso vai depender do estereótipo que a pessoa tá procurando também do outro lado.	Essa questão de estereótipos é muito forte e prejudicativo, é e às vezes você não é recepcionado de forma positiva, porque não agrada ao estereótipo da outra pessoa que está lá a procura de parceiros também.	Eu acho que essa questão dos estereótipos dos corpos, né? é muito forte dentro do aplicativo. Primeiro vai iniciando por conta da descrição, né? lá tem todo um questionário para você responder a descrição do que você está procurando, né? começa daí, às vezes eu acho bem forte essa questão dos estereótipos e da criação até dos subgrupos dos grupos lá no aplicativo.	Eu acho que vai muita gente a procura de relacionamento, mas na verdade não está à procura de relacionamento tá a procura de sexo mesmo, entendeu. Com relação a esses subgrupos, né? que eu acho que eles formam subgrupos dentro do grupão, quando eles descrevem lá [...] botam naqueles quadradinhos lá as especificidades do que eles procuram.